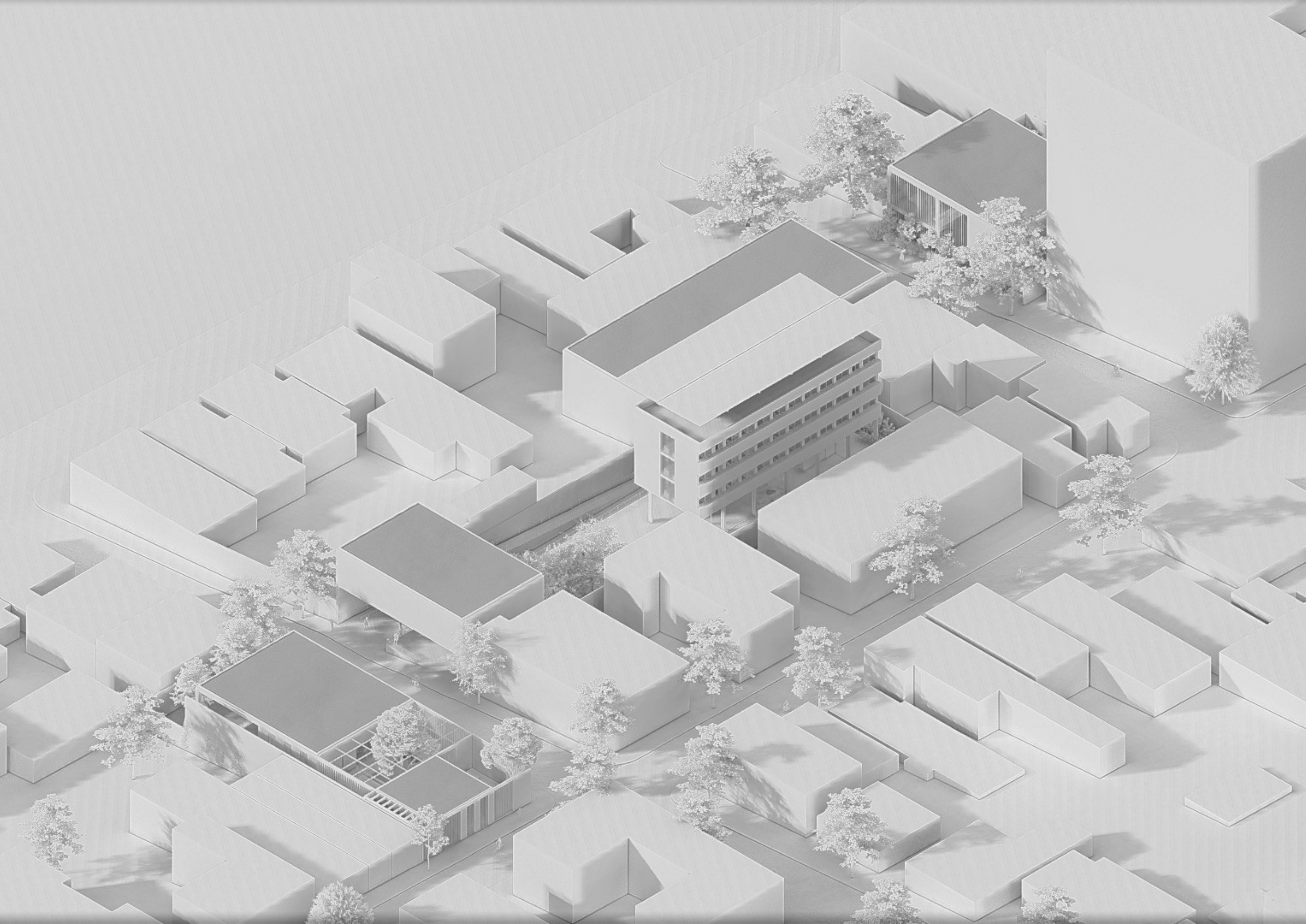


Ensaio Experimental: Uma Proposta de Intervenção no Centro Histórico de São Carlos - SP

BEATRIZ CHICARELLI ALCANTARA





BEATRIZ CHICARELLI ALCANTARA

Ensaio Experimental:
Uma Proposta de Intervenção no
Centro Histórico de São Carlos - SP

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AA347e

Alcantara, Beatriz Chicarelli
Ensaio Experimental: Uma Proposta de Intervenção
no Centro Histórico de São Carlos - SP / Beatriz
Chicarelli Alcantara. -- São Carlos, 2023.
162 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Centro Histórico. 2. Intervenção Urbana. 3.
Miolo de Quadra. 4. Preservação. 5. Patrimônio. I.
Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

Trabalho de Graduação Integrado II

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)
Prof. Dra. Anja Pratschke

Coordenador do Grupo Temático (GT)
Prof. Dra. Aline Coelho Sanches



Atribuição-NãoComercial CC BY-NC

BEATRIZ CHICARELLI ALCANTARA

Ensaio Experimental: Uma Proposta de Intervenção no Centro Histórico de São Carlos - SP

Trabalho de Graduação Integrado II

Banca Examinadora

Aline Coelho Sanches

Anja Pratschke

Rodrigo Peronti Santiago

Angelo Lorenzi

Aprovado em: 07 de julho de 2023

Agradecimentos

Este trabalho é uma celebração.
De vida, de memória, de história.
De São Carlos.

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização deste projeto, com o qual encerro mais um ciclo em minha vida. Em primeiro lugar, agradeço à minha família, que sempre me incentivou a seguir meus sonhos, seja em minha cidade natal ou fora dela. Aos meus pais, pelo amor e apoio incondicional. Ao meu irmão e à minha irmã, por sempre acreditarem em meu potencial. Agradeço também aos meus amigos que, de perto ou de longe, de São Carlos, Campinas, São Paulo ou de Mantova, me acompanharam, incentivaram e ajudaram em diferentes etapas deste processo. Sem vocês, este projeto não teria sido possível.

Agradeço especialmente às minhas orientadoras, que me orientaram com paciência e dedicação durante o desenvolvimento deste trabalho, sempre dispostas a ouvir e me encorajar.

Por fim, agradeço a todos os profissionais e colegas que colaboraram com este projeto, fornecendo os recursos necessários para sua realização.

Abstract

The historic center of São Carlos is a key component in preserving the city's cultural heritage. However, due to the increasing emptiness of this region, there are challenges in maintaining its vitality. The growing number of idle land, underutilized or unoccupied constructions, the presence of disconnected architectural elements, and the consequent devaluation of historical elements all contribute to this issue.

To address these challenges and contribute to the preservation of the city's history and development, this work proposes an alternative approach to occupying urban space, an approach that distances itself from conventional proposals for revitalizing Brazilian historic centers. The main element of the intervention is the project within the block interior. This gesture is carried out in a way that connects, reoccupies, and reappropriates underutilized spaces in the center of São Carlos, resulting in more cohesive and democratic places.

The proposal aims to create a permeable, accessible, and socially interactive environment, promoting pedestrian traffic and diversity of activities along three blocks. It combines different uses, such as university research and extension, housing for graduate students, a kindergarten, and a coworking space, to connect São Carlos' technological and historical potential. Through a path that relates urban elements from different temporalities, the project seeks to break the rigidity of the city's urban grid, creating a fluid space within the block interior while also valuing the region's topographic characteristics.

Keywords: Historic Center; Urban Intervention; Block Interior; Preservation; Heritage

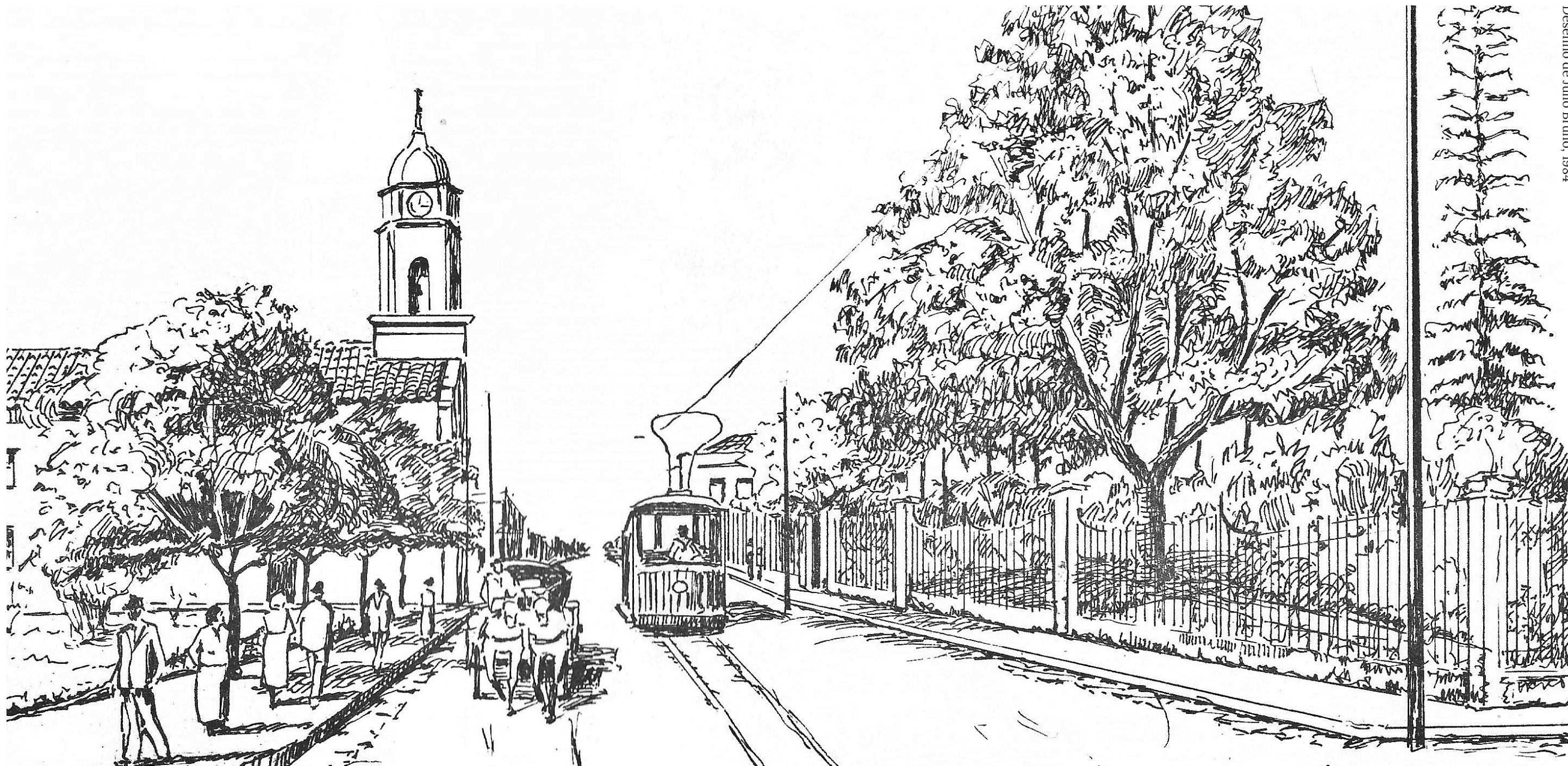
Resumo

O centro histórico de São Carlos desempenha um papel significativo na preservação do patrimônio cultural da cidade. No entanto, com o crescente esvaziamento desta região, enfrentam-se desafios em relação à sua vitalidade, com um número cada vez maior de terrenos ociosos, construções subutilizadas ou desocupadas, desconexão entre elementos arquitetônicos e a desvalorização dos elementos históricos.

Visando contribuir com a preservação da história da cidade e seu desenvolvimento, este trabalho traz uma alternativa de ocupação do espaço urbano adotando uma abordagem que se afasta das propostas convencionais para a revitalização de centros históricos brasileiros. Como elemento principal da intervenção, tem-se o projeto em miolo de quadra, que é realizado de forma a conectar, reocupar e reapropriar espaços subutilizados do centro de São Carlos, criando locais mais coesos e democráticos.

A proposta visa criar um ambiente permeável, acessível e socialmente interativo, promovendo o trânsito de pedestres e a diversidade de atividades ao longo de três quadras. Combina diferentes usos, como pesquisa e extensão universitária, habitação para pós-graduandos, um jardim de infância e um espaço de coworking, para conectar o potencial tecnológico e histórico de São Carlos. Através de um percurso que relacione elementos urbanos de diferentes temporalidades, o projeto busca quebrar a rigidez da malha urbana da cidade, criando um espaço fluido em miolo de quadra, ao mesmo tempo em que valoriza as características topográficas da região.

Palavras-chave: Centro Histórico; Intervenção Urbana; Miolo de Quadra; Preservação; Patrimônio



Índice

01

Prólogo

Um lugar qualquer

07

Parte 1

Introdução

O Projeto Arquitetônico em Contexto Histórico

São Carlos: um lugar singular

Leituras Urbanas

45

Parte 2

Área de Intervenção

Referências Projetuais

Local de Intervenção

75

Projeto

A Intervenção em Miolo de Quadra

Programa

Implantação

Desenhos Técnicos

145

Conclusão

Conclusão

Referências Bibliográficas

Prólogo

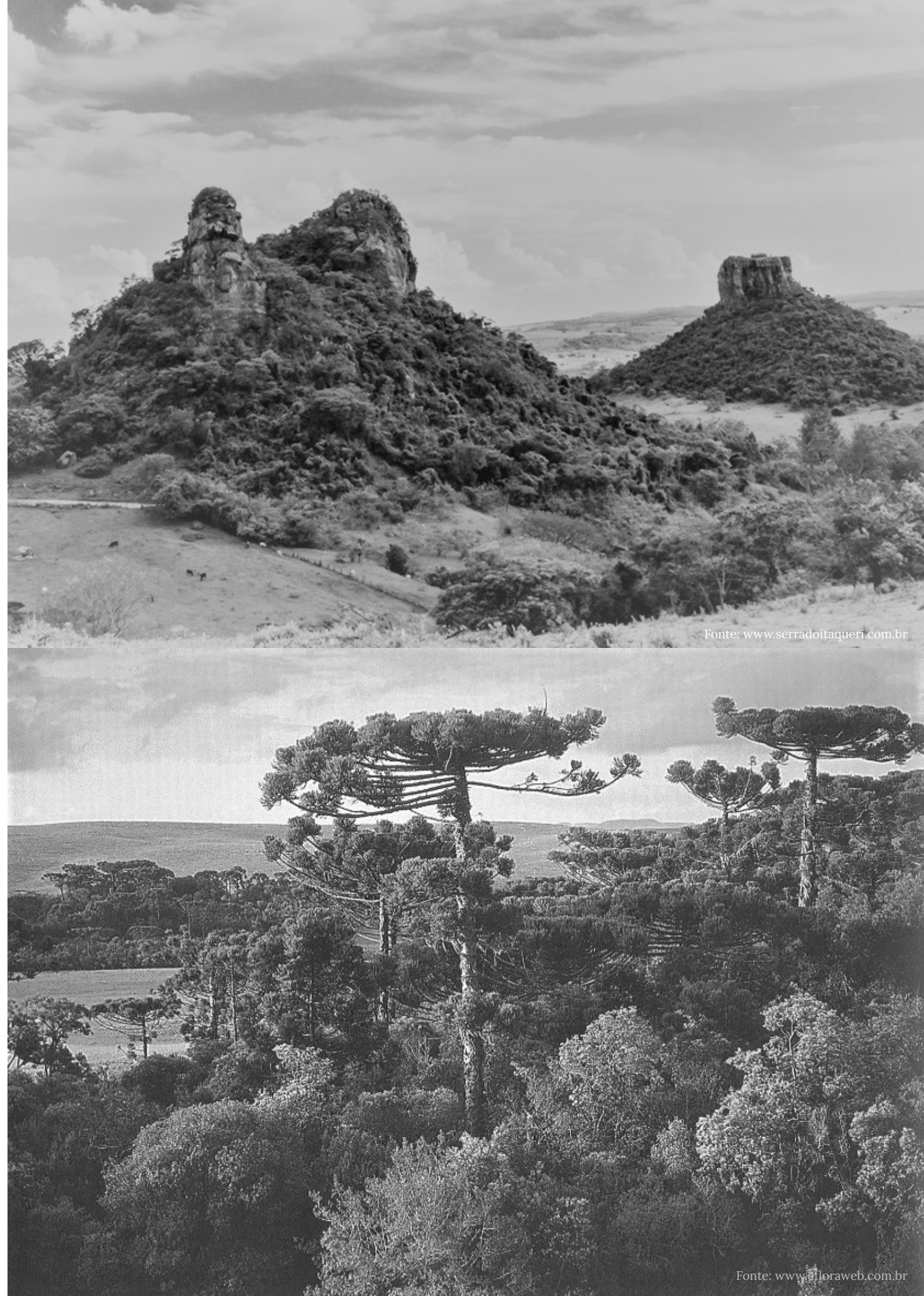
Um lugar qualquer

Esta é a história de um lugar de passagem. Um lugar onde o próprio relevo introduz a narrativa de sua história. Um lugar na antiga meridional, onde cuevas basálticas encontram o planalto ocidental. Um cenário onde mesas e morros isolados são testemunhas da erosão, que ao longo dos séculos, vem movimentando o relevo de toda região. Dos pontos mais altos as correntes de água por anos desceram, e entalhando o planalto, seu caminho percorreram.

Esta é a história de um lugar peculiar, por onde andavam o tamanduá, o guará, a jaguatirica e também o sagui. Originalmente, não era alta a vegetação que existia ali. De vez em quando o fogo se espalhava por entre a vegetação esparsa. Seus morros eram cobertos de matas, e um extenso cerrado se perdia em meio a paisagem vasta. Ventos do sul e do leste sopravam nas folhas dos jatobás, e a seca que existia era difícil de ignorar.

Esta é a história de um lugar que se tornou morada passageira de populações nativas. Povos que andaram do sul ao norte, com algo que viria a se tornar um símbolo ao seu porte. Com o tempo, essa região foi tomada por abundantes plantações de pinheiros, cujos frutos alimentavam a gente que passava por entre o continente. Indígenas caiapós e guaranis já passaram por essa terra, mas foi descoberto que até mesmo dinossauros já haviam passado por ali.

Esta é a história de um lugar que foi colonizado, ocupado e explorado. E se tornou novamente um lugar de passagem, de novas pessoas, animais e doenças que seguiam em viagem. Suas vegetações foram desmatadas, mas riquezas minerais não foram encontradas na terra violada. E no seu entorno, permaneceu o rastro cruel de bandeiras, à procura de terras férteis e da mão de obra indígena que ainda restava nas aldeias.

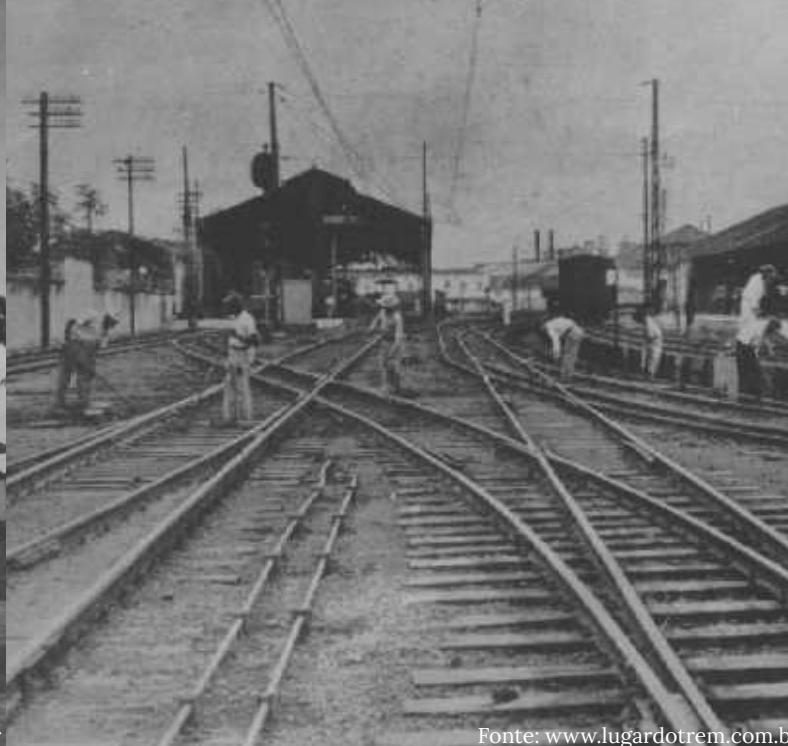


Fonte: www.serradoitaqueri.com.br

Fonte: www.floraweb.com.br



Fonte: www.fazendadopinhal.com.br



Fonte: www.lugardotrem.com.br

Esta é a história de um lugar que se tornou moradia. E foi concedida a nova sesmaria, à rica família do Conde do Pinhal. Passando pelo chão batido, à tração animal as pessoas se locomoviam, e quantas novas casas por ali surgiam. Nessa terra, o solo era de intensa tonalidade, um pouco vermelha ou roxa talvez. Um lugar que, enfim, se tornou cidade. Mas cortês perduravam, as caminhadas pela praça daquela alta sociedade.

Esta é a história de mais uma vila no interior paulista que enriqueceu. Adornada por vastos cafezais e canaviais, só não via quem não queria, a dor que o negro ali sentia. Décadas após o grito de independência, até mesmo o imperador já se hospedou em uma de suas residências. Um lugar de tramas retas e precisas, que pouco condizia com sua sinuosa topografia. Ao redor de uma capela, lotes profundos foram desenhados na terra, lembrando mais uma vez a herança de um ladrilho português.



Fonte: www.saocarlosagora.com.br



Fonte: www.saocarlosagora.com.br

Esta é a história de um lugar onde a mão de obra agrícola, uma vez negra e escrava, foi trocada pelo branco imigrante europeu. E quantos foram os que atravessaram vastos oceanos para chegar até esse canto. O som desta vez parecia misturar o italiano ao português, ou será que era alemão, francês, ou quem sabe japonês? Os anos se passaram e a indústria ganhou hegemonia, com a tecelagem junto à metalurgia. Enquanto a cidade crescia, da mata e do cerrado pouco se via, esconderam até o pobre córrego, que tanto aborrecia.

Esta é a história de um lugar cortado por linhas de ferro, onde uma capela humilde deu lugar a uma catedral de aço e concreto. E a cada meia hora, vidas eram regidas pelo soar de sinos, lembrando àqueles da comunidade como era grandiosa a cúpula daquela cidade. Mas que euforia, quando dos sinos se esquecia, e no calar da noite um senhor corria, de sua casa em direção à avenida. Com as chaves reservas, ele descia e subia, para silenciar os sinos e dormir mais uma noite tranquila.



Fonte: www.saocarlosagora.com.br



Fonte: www.jornalpp.com.br

Esta é a história de um lugar que abraçou a modernidade. Deslizando pelas vias da comunidade, ali os bondes vermelhos irradiavam a chegada da eletricidade. Movimentando pessoas para lá e para cá, passando pela ferroviária até chegar a uma nova vila, por onde fazia o balão em direção à praça da avenida. Após sua partida, o asfalto cobriu seus trilhos, apagando a memória do antigo caminho, traçado no paralelepípedo.

Esta é a história do lugar onde nasci. O lugar de onde eu já quis tanto sair, pois nada tinha para fazer ali. Um lugar do qual eu me despeço, mas para onde eu sempre volto. Um lugar que insiste em não enxergar seu potencial, ignorando constantemente seu extenso cabedal. Às vezes preso a ideias tão antigas, circundado por instituições contidas, ouvindo apenas o que se dizem nas cantigas. Mas seria ilusão imaginar um outro cenário, que não se tornasse da regra a exceção? Um centro vibrante como outrora, quebrando, com harmonia, tamanha precisão. Com um passado que, em seu uso, é celebrado, e um futuro, que no projeto, outra vez é repensado.

Introdução



Imagem aérea de São Carlos, sem data. Acervo FPMSC

“O passado não reconhece o seu lugar: Está sempre presente.”
Mario Quintanda (1906-2006)

Os centros históricos das cidades brasileiras são importantes não só pelo seu valor patrimonial e histórico, mas também pela sua contribuição para a formação do tecido urbano das cidades. Em grande parte das cidades brasileiras, essas áreas possuem edificações antigas e elementos arquitetônicos que servem como testemunhos da história da cidade e que remontam às suas origens. Além disso, os centros históricos são frequentemente locais onde ocorreram e ainda ocorrem importantes eventos e onde se encontram as principais instituições, comércios e serviços tradicionais, o que os torna importantes núcleos de atividades econômicas e culturais. Nesse sentido, é evidente que a preservação dessas áreas é fundamental para a manutenção da identidade e da memória das cidades.

O crescimento acelerado das cidades brasileiras tem sido caracterizado por um padrão de expansão rápida, desorganizada e desvinculada das características naturais e sociais do ambiente urbano. Esse processo, impulsionado pelos interesses econômicos em detrimento das preocupações sociais, resulta em uma distribuição desigual do espaço urbano e da movimentação de populações de baixa renda conforme as exigências do mercado imobiliário. A consequência de tal processo também se evidencia no patrimônio construído, que é frequentemente reduzido a mera mercadoria ou utilizado como suporte para o consumo de outras mercadorias, sendo valorizado ou desvalorizado conforme sua utilidade em detrimento de sua real relevância histórica e cultural.

Santos (2001) argumenta que as cidades são espaços onde o tempo é vivido de forma intensa e que a organização urbana tem um papel fundamental na forma como as pessoas percebem e experimentam o tempo. O texto aborda ainda a história da cidade como uma dimensão temporal importante e destaca a necessidade de se pensar a cidade como um espaço vivo e em constante transformação. Segundo o autor, o tempo é um elemento fundamental na compreensão das cidades e o planejamento urbano deve levar em consideração as dimensões temporais, como o ritmo de vida dos habitantes, as transformações históricas e as mudanças nas tecnologias. Logo, deve-se considerar como a velocidade do tempo pode ser influenciada pelas condições sociais, políticas e econômicas, e como isso afeta a vida urbana.

Decerto, o esvaziamento do centro representa uma grande mudança de dinâmica populacional das cidades. Em “Espaço Intra-Urbano no Brasil”, Flávio Villaça explica o padrão de segregação socioespacial da metrópole brasileira como a questão centro versus periferia (VILLAÇA, 1998, p.143). O centro, dotado de infraestrutura e serviços urbanos públicos e privados, é comumente ocupado pelas classes que podem pagar por moradias na região, usufruindo dos privilégios, enquanto as classes de baixa renda são expulsas para a periferia, longínqua e de infraestrutura precária. Villaça (1998, p. 20) ainda destaca que o espaço intraurbano se conduz pela localização. Este é “estruturado fundamentalmente pelas condições de deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho - como no deslocamento casa/trabalho -, seja enquanto consumidor - reprodução da força de trabalho, deslocamento casa-compras, casa-lazer, escola etc.” Assim, entende-se que a localização determina a mobilidade, a coesão e a segregação das classes sociais. Tal segregação, por sua vez, é o fator que reestrutura o espaço interno das cidades.



Evento cívico na Praça Coronel Salles. São Carlos, sem data. Acervo FPMSC

A mudança ocorre, contudo, quando os habitantes desses centros se mudam para outras regiões, deixando terrenos vazios e construções ociosas à deriva da especulação imobiliária. A problemática do esvaziamento dos centros urbanos brasileiros é uma realidade presente em diversas médias e grandes cidades do país. Atualmente, enquanto habitações populares ainda são implantadas nas periferias da cidade, as classes altas se deslocaram do centro, para locais com grandes terrenos, edifícios e condomínios fechados, projetados exclusivamente para essa parcela populacional. Dessa forma, o centro passa a ter um caráter monofuncional e movimentado apenas em horário comercial. Com a ausência de moradores, seu caráter comercial e gerador de empregos se amplia, porém com atividades voltadas quase que exclusivamente a comércio e serviços, que deixam esse local inóspito durante a noite. Como resultado, nota-se, especialmente fora do horário comercial, uma redução gradativa de frequentadores nos principais locais de encontro e socialização na região central, que antes eram parte integrante do cotidiano dos moradores do bairro.

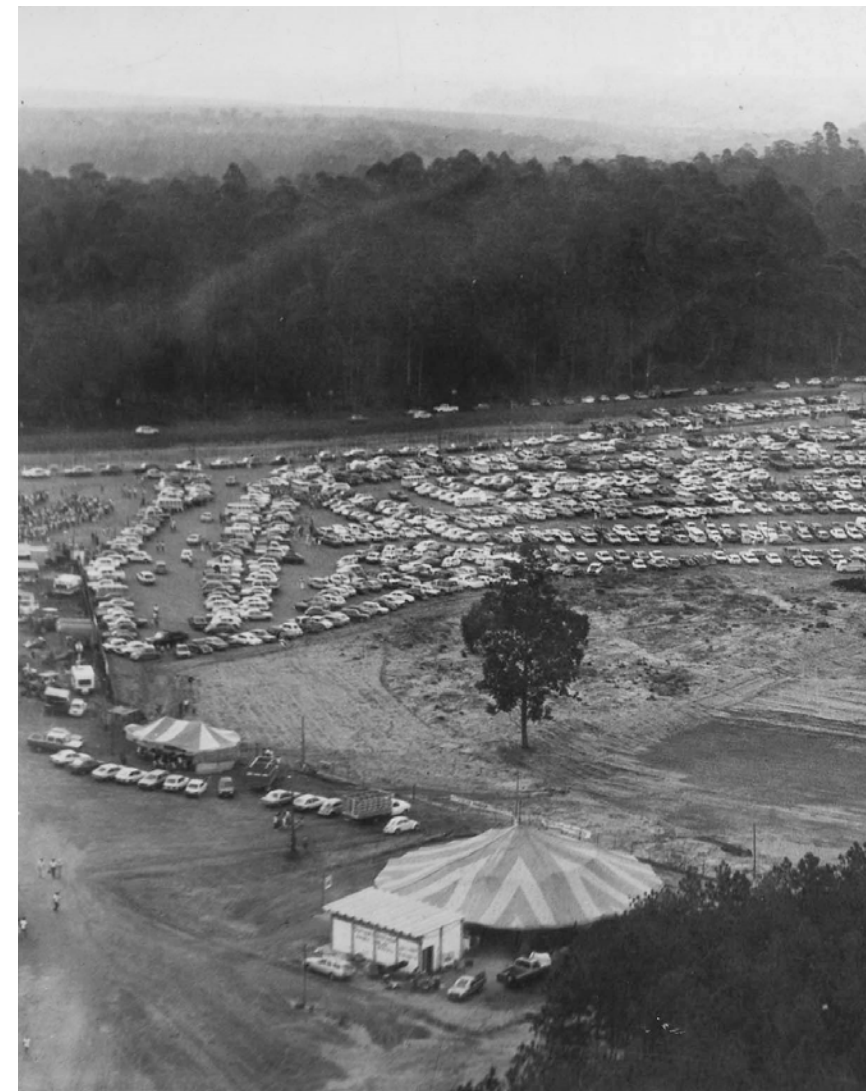
A falta de planejamento urbano adequado e a escassez de políticas públicas voltadas para a manutenção e revitalização dos centros urbanos têm contribuído para paulatino esvaziamento dessas áreas, com um crescente número de terrenos ociosos, construções subutilizadas ou desocupadas, a presença de elementos arquitetônicos desconectados e a consequente desvalorização dos elementos históricos. Esse processo contínuo contribui para a progressiva deterioração, ruína e até mesmo destruição do patrimônio edificado, independentemente de estar sob proteção de tombamento ou não.

O impacto evidente do declínio dos centros é uma constante degradação desses locais e um aumento da sensação de abandono e insegurança, que repele gradualmente a parcela da população que persiste ali. Um fenômeno correlacionado a essa questão é o surgimento e a proliferação de condomínios residenciais fechados. Essas estruturas se tornaram uma alternativa atrativa para famílias de alta renda que buscam segurança, privacidade e qualidade de vida em contraposição à crescente decadência dos centros urbanos. Essa preferência pela moradia em condomínios fechados contribui para a fragmentação do tecido urbano e para a segregação socioespacial (LIMA, 2007), reestruturando, mais uma vez, o espaço interno das cidades. Os espaços públicos, outrora compartilhados e promotores de interações sociais, são substituídos por áreas privadas controladas, limitando a diversidade de usos e a vivacidade do ambiente urbano.

Jane Jacobs, em seu livro “Morte e Vida de Grandes Cidades” escrito na década de 1960, aborda as problemáticas urbanas de cidades norte-americanas, discutindo princípios que possuem grande relevância para a compreensão da realidade vivenciada nas cidades brasileiras contemporâneas. Em diferentes graus, é possível notar a presença de diversas características nas cidades brasileiras que contribuem para a falta de vitalidade urbana, como a falta de diversidade funcional, a baixa qualidade da iluminação e pavimentação pública, a acessibilidade deficiente, a inadequada coexistência entre tráfego de veículos e pedestres, a segregação espacial, a indefinição entre espaços públicos e privados, bem como o excesso de espaços residuais. Outrossim, o crescimento desenfreado e a expansão urbana das metrópoles, na lógica do consumo de bens e espaços, são fatores que permitem tal surgimento de espaços residuais, formando fronteiras que formam “hiatos de uso em suas redondezas” (JACOBS, 2011, p.287). Esses locais, aparentemente esquecidos, são caracterizados pela predominância da memória do passado sobre o presente, apresentando-se como lugares obsoletos e sem atrativos ou infraestrutura. Assim, seu uso é simplificado, com cada vez menos frequentadores, formando um lugar estéril. Neles, apenas certos valores residuais parecem persistir, apesar de sua completa desafeição da atividade urbana. No fim, “quanto mais estéril essa área se tornar para empreendimentos econômicos, tanto menor será a quantidade de usuários e mais improdutivo o próprio lugar. Tem início um processo de desconstrução ou deterioração.” (JACOBS, 2011, p.287)

Essas características evidenciam desafios significativos no planejamento urbano e na gestão do espaço nas cidades brasileiras. A falta de diversidade funcional, por exemplo, implica em áreas urbanas que se concentram predominantemente em um único tipo de uso, seja residencial, comercial ou industrial, resultando em uma desarticulação entre as necessidades cotidianas da população e a disponibilidade de serviços e infraestrutura. Ademais, o uso monofuncional de áreas resulta na ausência de pessoas em diferentes turnos ao longo do dia. No caso de locais onde se localizam apenas comércios e serviços, por exemplo, a ausência de pessoas durante a noite resulta em espaços inseguros para quem os transita. A baixa qualidade da iluminação e pavimentação pública também compromete a segurança e o conforto dos cidadãos, prejudicando o uso adequado dos espaços urbanos durante a noite e afetando a mobilidade e a acessibilidade. A falta de acessibilidade adequada é um entrave para a inclusão de pessoas com mobilidade reduzida, limitando sua participação plena na vida urbana.

A inadequada relação entre o tráfego de veículos e os espaços destinados aos pedestres gera conflitos e insegurança, resultando em uma experiência desfavorável para quem transita a pé. A segregação espacial, por sua vez, manifesta-se pela separação física e socioeconômica de diferentes grupos populacionais, contribuindo para a desigualdade e a exclusão social nas cidades. Ademais, a falta de definição clara entre espaços públicos e privados pode acarretar em uma apropriação indevida do espaço urbano, limitando o acesso da população a áreas de uso comum. Além disso, a presença de espaços residuais não utilizados de forma eficiente pode resultar em áreas degradadas e subutilizadas, desperdiçando recursos e prejudicando a qualidade estética e funcional dos ambientes urbanos. Como explica Jacobs (2011), tal decadência é grave, pois é exatamente o amálgama de indivíduos que se fazem presentes por finalidades diversas que é capaz de preservar a segurança das ruas e cultivar a diversidade derivada.



Vista aérea de um grande terreno utilizado como estacionamento. São Carlos, sem data. Acervo FPMSC

O centro de São Carlos, nesse sentido, se configura pelos seus espaços ativos e pelos seus vazios, que muitas vezes representam grandes irregularidades no tecido urbano, como terrenos baldios que ainda não foram dominados pela especulação imobiliária, espaços residuais que perderam seus usos originais e atualmente se encontram fechados e espaços frutos da lógica metropolitana rodoviarista, como as inúmeras garagens e estacionamentos que ocupam os térreos de edifícios. Inclusive, o processo de expansão urbana em São Carlos até a década de 1980, revela-se muito similar aos processos de grande parcela das cidades brasileiras marcados pelo histórico modelo centro-periferia (FAUSTINO et al, 2016).

Sendo recortado por importantes eixos viários, como a Rodovia Washington Luiz, o município localiza-se em uma zona estratégica e central no interior paulista, exercendo influência na região. A cidade ainda conta com importantes atributos paisagísticos ambientais, especialmente os hídricos, que, junto a altitudes médias variando entre 700 e 900 metros, o tornam um território único, localizado em um dos divisores de águas do Estado de São Paulo, sendo caracterizado por importante rede hídrica sobre o Aquífero Guarani.

Embora tais atributos mostrem-se deveras representativos, o processo de formação e expansão da cidade não os levou em consideração, algo que carrega consequências presentes até os dias atuais. As áreas de fundos de vale foram ocupadas por construções, avenidas marginais foram implantadas em áreas de preservação vegetal, córregos foram canalizados e a malha urbana foi assentada em descompasso com a topografia da região, com eixos viários que trabalham a favor unicamente da lógica rodoviarista, de transporte individual. Não é por acaso que ano após ano, os fundos de vale tomam seu lugar como várzeas alagáveis e ampliam-se as áreas de inundações.

O processo de expansão urbana de São Carlos foi caracterizado por um crescimento descontrolado, sem um planejamento urbano adequado. A partir da década de 1960, durante o regime militar, esse crescimento se tornou cada vez mais descontínuo, impulsionado pela especulação imobiliária. Isso resultou em uma distribuição desigual do espaço urbano e na segregação socioespacial (LIMA, 2007). Nesse período, a cidade experimentou um processo de crescimento horizontal, com a ocupação de áreas periféricas e a formação de bairros populares. Por outro lado, nas áreas centrais da cidade, iniciou-se uma mudança de uso, do habitacional para o comercial.



Cartografias da Expansão da Área Urbana de São Carlos ao longo dos anos. Cartografias de autoria própria com base nos dados da Conferência da Cidade de 2008 realizada pela SMDHU.

A partir dos anos 90, com um significativo espraimento urbano e o surgimento de loteamentos fechados, novas formas de produção do espaço urbano surgiram em São Carlos. A nova dinâmica urbana inclui a verticalização, a criação de novas centralidades e práticas espaciais que resultaram na formação de espaços urbanos vazios e na descontinuidade do tecido urbano, gerando uma cidade mais dispersa e desintegrada territorialmente e mais segregada socialmente. Dessa forma, no centro de São Carlos, permanece um local dotado de infraestrutura qualificada, equipamentos culturais e comunitários, além de ser palco para eventos e exercício da democracia pelos cidadãos. Contudo, com uma preponderância geral de comércio e a paulatina redução de moradores, o local, hoje, se caracteriza pelas atividades pouco mistas, e áreas subutilizadas e edifícios que, em sua degradação, recordam a passagem do tempo e o descaso com a memória, identidade e manutenção da cidade.

Decerto, com o constante esvaziamento do centro da cidade, tem-se uma crescente quantidade de imóveis de interesse histórico que são deixados sem uso e sem manutenção após serem herdados por gerações que já não enxergam valor no edifício. Já outras construções históricas e seus entornos sofreram tantas mudanças ao longo de sua história que se desconfiguraram, perdendo grande parte de suas características originais. A cortina de edifícios com fachadas contínuas que se estendia pela sequência regular das quadras, hoje se encontra esburacada, com hiatos que quebram com a lógica original desse centro histórico. Ao caminhar pelo centro ainda é possível enxergar fragmentos de um lugar vivo, palco de diversas atividades humanas e expressões culturais que deram origem a São Carlos. É inevitável imaginar o significado social, cultural e econômico que esse espaço teve, e ainda tem, na formação da identidade e da memória da cidade. Em meio a tantas questões e possibilidades, São Carlos é um local que possui muitos problemas comuns a diversas cidades do interior paulista. Contudo, o seu centro histórico o torna singular nas possibilidades de intervenção que apenas sua conformação urbana e sua topografia oferecem.

Pavilhão da Escola de Engenharia da USP (E1) em construção. São Carlos, 1956. Acervo FPMSC



O Projeto Arquitetônico em Contexto Histórico

O projeto arquitetônico, enquanto manifestação da criatividade e da capacidade humana de moldar o ambiente construído, é intrinsecamente influenciado pelo contexto histórico no qual está inserido. Nesse sentido, a análise da teoria de renomados arquitetos, como italiano Aldo Rossi e português Eduardo Souto de Moura, revela-se de suma importância para se compreender a interação entre arquitetura e História. Ambos os arquitetos são reconhecidos por suas contribuições significativas no campo da arquitetura e urbanismo, e incorporam em seus trabalhos elementos do passado de forma consciente, estabelecendo diálogos com a memória coletiva e transformando a narrativa histórica por meio de suas criações.

Sobre o espaço urbano, Aldo Rossi (2001) defende em sua obra “A arquitetura da cidade”, que a cidade é a materialização da história, da cultura e da sociedade, e que a arquitetura deve ser entendida como um meio para representar esses aspectos da cidade. O teórico argumenta que a cidade é uma entidade complexa que deve ser compreendida em suas dimensões histórica, social e simbólica, e que a arquitetura é um dos meios para comunicar essas dimensões. Logo, quando o arquiteto precisa decidir como intervir em espaços urbanos já consolidados, é essencial que o mesmo compreenda sua lógica na inserção urbana. Rossi discorre que, embora os usos da cidade frequentemente sejam modificados, as formas permanecem. Assim, o trabalho deve ser o de atribuir às formas existentes novas camadas de sentido, através de lente tanto científica quanto sensível e poética.

Nessa lógica, a permanência possui um papel essencial na cidade, pois é o passado que ainda é experimentado pelas populações. “Uma função é sempre caracterizada no tempo e na sociedade e o que dela depende intimamente não pode deixar de estar ligado ao seu desenvolvimento. (...) Continuamos a fruir elementos cuja função foi perdida faz tempo; o valor desses fatos reside, pois, unicamente da sua forma.” (ROSSI, 2001, p.57)

A conversão de usos, afinal, representa a necessidade humana de persistir. Ao longo da história temos diversos exemplos de importantes locais que foram convertidos ou transformados para adequar-se a novas funções. Um exemplo relativamente comum é o extenso número de templos pagãos e basílicas que, durante o medievo, foram convertidos em igrejas e catedrais. Apesar de serem resultado de dominações e conquistas de um povo sobre o outro, tais apropriações refletiam as necessidades dos novos modos de organização social, consequentemente influenciando em novas camadas de leituras a estes espaços.

Sobre a mesma temática, é importante destacar a relevância do arquiteto Eduardo Souto de Moura, cuja capacidade de projeto em áreas de interesse histórico é exemplar. Seus projetos se caracterizam, em grande parte, por um alto grau de abstração na linguagem, como se observa na Casa das Histórias Paula Rego (Cascais, Portugal, 2005-2009). Nesse sentido, sua linguagem arquitetônica austera é capaz de impor à memória uma imagem emblemática, sugerindo, sem o uso de palavras. Destaca-se, ainda, sua abordagem cuidadosa em relação às edificações pré-existentes, seja em projetos que se inserem em conjuntos urbanos densos e consolidados, como no Metro do Porto (Porto, Portugal, 2005), ou em casos em que as comissões exigem intervenções diretas em edificações de alto valor histórico, como no Convento das Bernardas (Tavora, Portugal, 2012), cujas soluções são pensadas de forma a preservar o respeito e a reserva ao patrimônio.



Convento das Bernardas,
Eduardo Souto de Moura.
Foto de Luis Ferreira Alves.

Na análise do trabalho do arquiteto português Eduardo Souto de Moura sobre a relação entre Projeto e História, aprofunda-se no assunto com o volume “Eduardo Souto de Moura. *Architettura sulla Storia*”, que acompanha a exposição homônima montada na Sala do *Palazzo della Ragione* em Mantova (6 de maio a 30 de junho de 2022), organizada por Barbara Bogoni e Nuno Graça Moura. Como evidenciado por Bogoni (2022, p.05), para Souto, “a continuidade é o ponto de partida e de chegada. A arquitetura está inserida no fluxo da história e, como tal, responde à necessidade de habitar do homem contemporâneo, que é parte da história, devedor do passado e credor do futuro”. Portanto, ao seguir esse fluxo, é preciso conhecer o passado através da construção do presente e da prefiguração do futuro, formando uma disposição para o conhecimento que se alimenta da História, de seus documentos e de seus significados. Nesse sentido, pode-se reconhecer na arquitetura de Souto sua sensibilidade também em relação à Memória, que mostra-se, ao mesmo tempo, como um passado imanente no presente, e a representação do passado através do presente. A partir de então, criam-se novos significados para esse passado que continuará presente no futuro, porém, adequado à contemporaneidade.

No volume “Eduardo Souto de Moura. *Architettura sulla Storia*”, Bogoni (2022, p. 28) busca relacionar elementos da obra de Henri Bergson (1896) nomeada “*Materia e memoria. Saggio sulla relazione tra il corpo e lo spirito*”, para ajudar na compreensão da ação projetual de Souto de Moura sobre o tema “História” e a relacioná-la com sua abordagem intuitiva. As palavras-chaves usadas por Bergson (1896) são Vida, Tempo e Memória. A Vida é uma invenção incessante, uma criação irreversível de formas sempre diferentes e em evolução, o produto de um impulso que evolui no tempo, no Tempo da Vida, que é subjetivo e incomensurável, reversível e descontínuo. O Tempo da Vida, por outro lado, é contínuo e “cresce” incessantemente, como uma bola de neve que, rolando sobre si mesma, se expande, sobrepondo camada sobre camada de matéria, conservando a cada instante, experiência por experiência, a memória do passado, que é uma ferramenta para conhecer o presente. Já a Memória, por meio da Intuição, é capaz de integrar os dados sensíveis com os provenientes do passado, permitindo reconhecer nos fragmentos os traços apenas parcialmente legíveis e reconstruí-los em sua totalidade (BOGONI, 2022, p. 28). Nesse sentido, é possível deliberar que nenhuma arquitetura é criada do nada, pois cada projeto é resultado de uma estratificação de conhecimentos e materiais, documentos escritos e construídos, isto é, a História.

No contexto arquitetônico, a História desempenha um papel fundamental, representando o único âmbito no qual é possível conceber projetos significativos (BOGONI, 2022). Sem uma compreensão adequada do passado, não há espaço para a existência do projeto em si, nem para a figura do projetista ou mesmo para a própria arquitetura. O projetista, por sua vez, atua dentro da História, constantemente estabelecendo relações entre os eventos históricos e o projeto em desenvolvimento. Essa interação envolve a avaliação do peso e do valor dos acontecimentos passados, em relação à concepção e execução do projeto, bem como a adaptação das necessidades contemporâneas e a exploração das contribuições que a História pode fornecer para atender a tais demandas.

Nesse sentido, o projetista exerce sua expertise ao fazer escolhas relativas aos destinos de elementos arquitetônicos, movendo-se entre passado e presente, reorganizando e integrando materiais e espaços antigos de acordo com as necessidades construtivas da nova intervenção (BOGONI, 2022). É importante salientar que a abordagem da Memória não se restringe a um mero retorno ao passado a partir do presente, mas implica em um progresso contínuo do passado em direção ao presente. Sobre esse processo, Souto descreve o complexo turístico de Monsaraz (2008-2016) da seguinte forma: “Percebi duas coisas: que não poderia errar nos equilíbrios, pois se eu fosse longe demais, correria o risco de arruinar o lugar, e se não fizesse o suficiente, o risco seria de não fazer o projeto funcionar; e que a única maneira de preservar o patrimônio era viver com ele e usá-lo, porque somente a vida cotidiana é capaz de conferir à arquitetura o status de patrimônio” (tradução livre de trecho de Eduardo Souto de Moura: *Architettura sulla Storia*, 2022, p. 35). Esse é o método perseguido com extraordinária insistência e competência por Souto, em uma abordagem capaz de capturar as diferentes escalas, arquitetônicas, urbanas ou geográficas.

O processo de projeto, ao incorporar influências históricas e estabelecer uma nova perspectiva, contribui para a contínua transformação e desenvolvimento da narrativa histórica. Essa relação intrínseca com a História impulsiona a evolução do projeto arquitetônico, à medida que este, por sua vez, transforma a própria História (BOGONI, 2022). Dessa forma, vê-se o projeto arquitetônico inserido em simbiose a um processo cíclico, retroalimentado pela História. O projeto é enriquecido ao dialogar continuamente com o passado, sobretudo quando este também é capaz de influenciar e moldar a percepção da História contemporânea, moldando o que ainda está por vir.

São Carlos: Um lugar singular

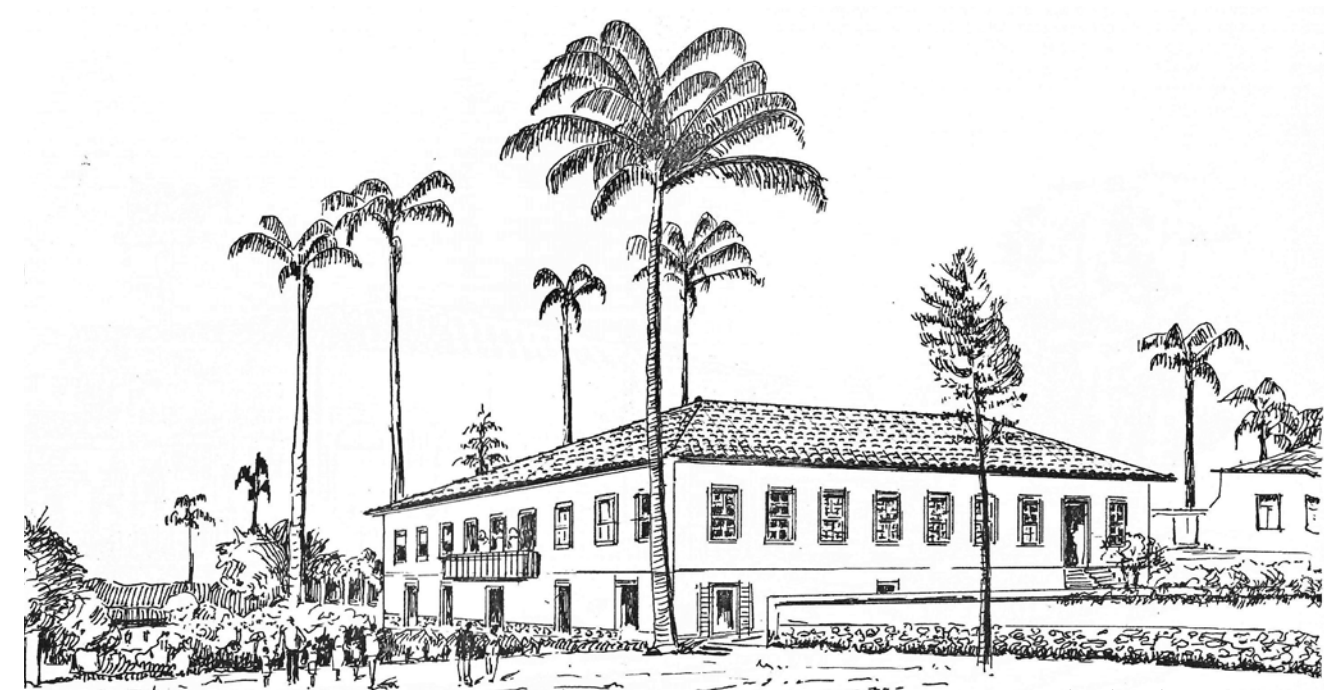
No final do século XVIII, nas terras onde se localiza a cidade de São Carlos, iniciou-se um processo de colonização com a abertura de uma trilha que permitia o acesso às minas de ouro de Cuiabá e Goiás, conhecida como “Picadão de Cuiabá”. Esse caminho, que partia de Piracicaba, passando por Rio Claro e atravessando as encostas do planalto, contribuiu para o estabelecimento de comunidades na área, constituídas principalmente por membros e descendentes da família Arruda Botelho, primeiros proprietários das terras da região. Com efeito, a história de São Carlos tem suas raízes em 1831, quando ocorreu a demarcação da Sesmaria do Pinhal por Carlos José Botelho, cuja área compreendia a metade sul do perímetro da atual cidade. Sua fundação oficial ocorreu em 4 de novembro de 1857, quando a pequena povoação, composta por algumas casas ao redor de uma capela, recebeu o status de vila, assim como a grande maioria das cidades brasileiras surgidas no período colonial e no Império (NEVES, 2007, p. 1).

A rápida expansão e importância regional de São Carlos foram evidenciadas em 1865, quando foi elevada à categoria de vila e estabelecida a Câmara Municipal. Em 1874, a população alcançava 6.897 habitantes, e a vila já contava com uma infraestrutura urbana considerável. Em 1880, São Carlos tornou-se cidade, e em 1886 sua população atingiu 16.104 habitantes, acompanhada de um desenvolvimento urbano substancial.

O cultivo de café, que se iniciou nas fazendas pioneiras entre 1831 e 1857, foi a principal atividade econômica da região durante o final do século XIX e o início do século XX. Assim como outras cidades do interior paulista, o crescimento e desenvolvimento de São Carlos foram marcados pelo colonialismo, pela economia cafeeira e pela exploração da mão de obra escravizada. Como também ocorreu em outras cidades no interior paulista, a constituição da malha urbana da cidade intensificou-se a partir da implantação da estrada de ferro (LIMA, 2007, p. 12).

Decerto, a chegada da ferrovia em 1884 proporcionou um meio eficiente de escoamento da produção de café para o porto de Santos, impulsionando ainda mais a economia local e consolidando a área central da cidade como um centro político e econômico proeminente. No entanto, antigos costumes tardaram a se atualizar com as novas tecnologias, e “em 1884, São Carlos, com mais de 3.700 escravos, assistiu à chegada da Companhia de Estrada de Ferro Rio Claro, que pregou os trilhos da modernidade juntos às correntes da escravidão” (TRIBUNA SÃO CARLENSE, 2020). A partir da implantação da ferrovia, a estrutura urbana foi definida e o transporte de materiais para os primeiros edifícios públicos, casarões e palacetes ficou facilitado, constituindo o centro em seu caráter elitizado.

Com o passar dos anos, pode-se considerar que o fenômeno social mais marcante na região durante as últimas décadas do século XIX foi a imigração, com alemães trazidos pelo Conde do Pinhal em 1876 e um fluxo significativo de italianos vindos principalmente das regiões setentrionais do país entre 1880 e 1904. Esses imigrantes, além de trabalhar nas plantações de café, substituindo a mão de obra escrava, contribuíram para a atividade manufatureira e comercial da cidade, enriquecendo sua diversidade cultural. Contudo, não foi no centro que a maior parte desses imigrantes se estabeleceu. A linha férrea tem papel crucial na conformação e na segregação social da cidade, onde de um lado habitava a elite, e do outro, os trabalhadores. Desde sua implantação, esta atuou como barreira física, social e histórica que divide São Carlos e escancara contradições pré-existentes.



Desenho de Julio Bruno, 1984

A crise cafeeira de 1929 fez com que muitos imigrantes abandonassem a agricultura e buscassem empregos urbanos, como operários nas indústrias locais, no comércio e nos serviços. Os fazendeiros, utilizando os lucros obtidos com o café, investiram na criação de empresas, como bancos, companhias de luz elétrica, de bondes, telefonia, abastecimento de água e sistemas de esgoto, além de estabelecimentos como teatros, hospitais e escolas, fortalecendo a infraestrutura urbana e criando condições favoráveis para a industrialização. A modernização da cidade mais uma vez alterou o ritmo de vida de sua população. O transporte se tornou mais rápido e eficiente, primeiro com a chegada das estradas de ferro e das locomotivas a vapor, que criaram um importante ponto na rede ferroviária que ia do litoral até o interior paulista. Em seguida, vieram os bondes, seguidos dos automóveis. Em pouco tempo, as ruas do centro adquiriram um novo ritmo frenético, em contraste ao pacato movimento das charretes que dominavam a paisagem da cidade até aquele momento.



Desenho de Julio Bruno, 1984

No prefácio da 2ª edição do livro “São Carlos na esteira do tempo”, o historiador Ary Pinto das Neves inicia o prefácio reiterando como é importante a memória de uma cidade não só para que se estabeleça uma continuidade entre gerações que a habitam progressivamente, mas também para permitir a compreensão do presente e projetar um futuro harmônico do ambiente urbano. Assim, o autor resume de forma clara e precisa as marcas da passagem do tempo em São Carlos e as sobreposições temporais que configuraram a cidade até então:

“Mostramos neste ‘São Carlos na Esteira do Tempo’ que a cidade já passou por três momentos históricos distintos, tendo sido remodelada e reconstruída duas vezes ao longo de seus cento e trinta e sete anos.

A São Carlos da fundação, com casarões de taipa e telha portuguesa, foi substituída pela São Carlos de solares nobres, de tijolos e telhas francesas, e está sendo refeita, no presente, por edifícios de concreto e estrutura de ferro, estendendo-se com suas indústrias, comércios e residências, das colinas centrais para outras seis colinas.

Cada uma dessas transições correspondeu a um desafio histórico e a uma posição assumida pelos responsáveis pela construção do futuro da cidade.

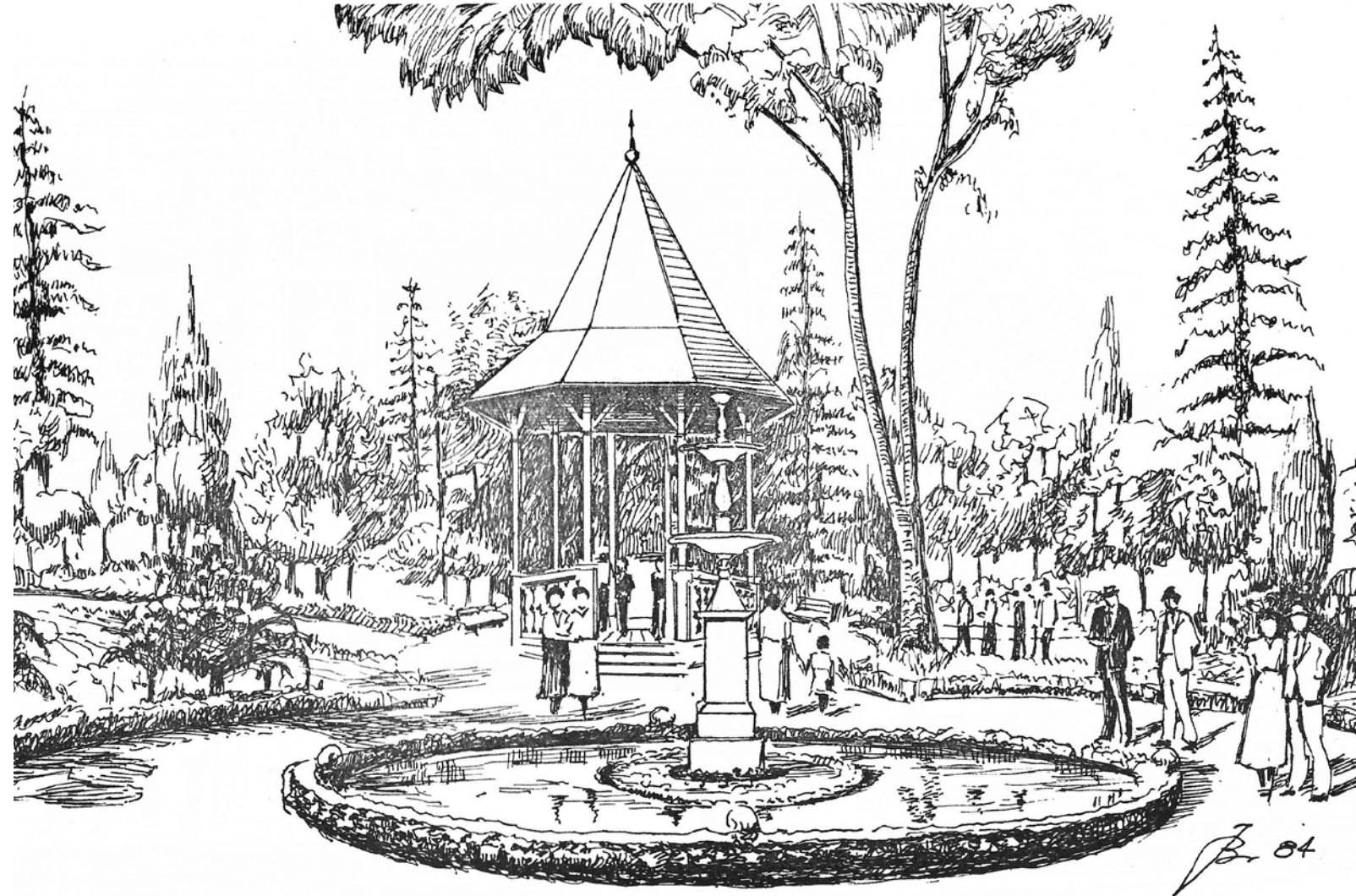
A primeira transição ocorreu na década de 1880, quase no final do Império, quando São Carlos se viu ameaçada de isolamento em sua altaneira posição serrana, caso as ferrovias se desenvolvessem pelos caminhos fáceis da planície e a deixassem para trás. Os proeminentes cidadãos locais uniram-se e, com seus esforços e capitais, construíram sua própria estrada de ferro e afastaram a ameaça de isolamento.

A segunda transição ocorreu no período entreguerras, quando a crise do café deixou muitos centros progressistas em profunda decadência, da qual São Carlos escapou por ter previamente definido os rumos pelos quais iria trilhar o seu progresso. Desde o início do século, São Carlos deu passos decisivos para se tornar um centro escolar irradiador de cultura e um centro fabril concentrador de trabalho industrial. Graças a essa estratégia, conseguiu atravessar o longo túnel da depressão econômica dos anos 30 e 40.”

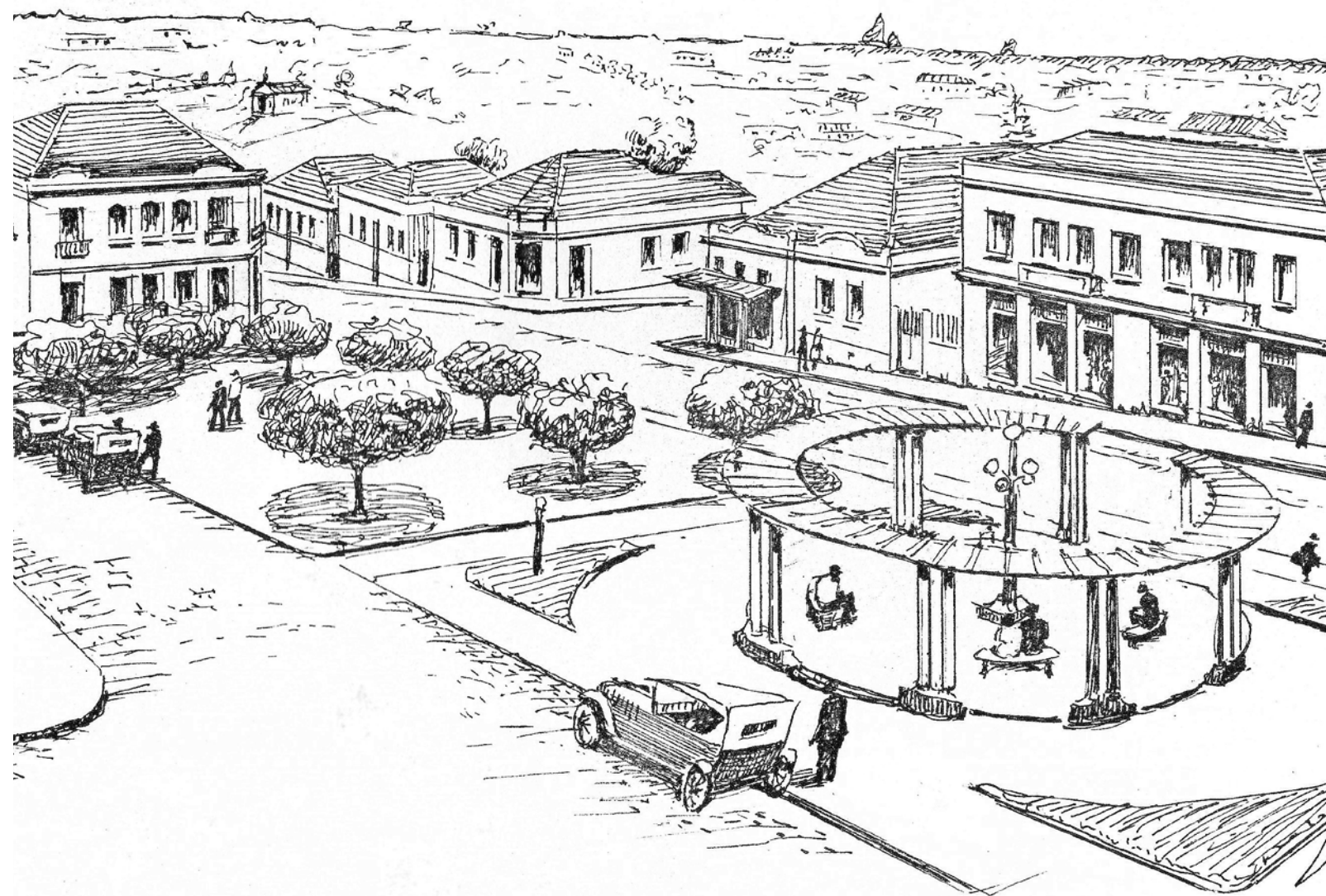
(Neves, 2007, p.ii)

Como resultado, entre outros fatores, da confluência de conhecimentos difundidos por imigrantes que ainda chegavam nas décadas de 1930 e 1940, a indústria se estabeleceu como a principal atividade econômica de São Carlos. Rapidamente, a cidade se tornou um centro manufatureiro diferenciado e de relevância industrial no interior do estado de São Paulo. A indústria se desenvolveu a partir das oficinas que atendiam as plantações de café e abrangeu a produção de máquinas de beneficiamento, sapatos, adubos, ferragens, móveis, macarrão, charutos, além de alfaiatarias, cervejarias, fundições, serrarias, tecelagens, indústrias de lápis e olarias, marcando a economia da cidade. Nas décadas de 1950 e 1960, a indústria se consolidou ainda mais com a instalação de fábricas de geladeiras, compressores, tratores e um grande número de pequenas e médias empresas fornecedoras de produtos e serviços.

A segunda metade do século XX trouxe um impulso significativo para o desenvolvimento tecnológico e educacional da cidade, com a criação da Escola de Engenharia de São Carlos, vinculada à Universidade de São Paulo (USP), em abril de 1953, e a fundação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) na década de 1970. Com o estabelecimento de renomadas instituições de ensino e a chegada de uma mão de obra extremamente qualificada para a cidade, surgiram pequenas empresas que tiveram como estímulo comum a alta tecnologia. As primeiras áreas de atuação eram voltadas à ótica, ligas metálicas especiais, cerâmicas, lasers, servomotores e automação. A partir da proliferação desses empreendimentos, criou-se a Fundação Parque da Alta Tecnologia, com o objetivo de dar apoio às novas indústrias crescentes em São Carlos. Em seguida, com apoio do poder público estadual e municipal, surgiram novos centros incubadores de empresas e escolas profissionalizantes. “São Carlos atinge, assim, o limiar do século XXI com uma resposta para o seu justificado anseio de progresso sem deturpação da vida. Polo de alta tecnologia, com indústrias pioneiras em todos os campos da atividade científica aplicada à produção, alicerçadas em eficiente rede de escolas de alto nível técnico, onde ponteiavam duas universidades de conceito internacional. Esta é a São Carlos que vê nascer confiante o terceiro milênio da humanidade redimida.” (Neves, 2007, p.iii)



Desenhos de Julio Bruno, 1984



Leituras Urbanas

A escolha de São Carlos como local de intervenção baseou-se na intenção de elaborar uma proposta que relacionasse os aspectos singulares dessa cidade. Nesse sentido, considera-se sua história e ligação intrínseca com o desenvolvimento tecnológico, presente tanto na chegada pioneira dos bondes elétricos quanto no desenvolvimento de tecnologia de alto nível.

Os mapas apresentados a seguir buscam, primeiramente, proporcionar uma compreensão geral das lógicas urbanas na escala municipal e do papel do centro nas dinâmicas da cidade, apresentando sua mancha urbana, suas características topográficas, dados de renda, densidade populacional e uso e ocupação do solo. Os mapas obtidos foram realizados por meio da plataforma cartográfica Qgis e seguem os dados fornecidos pelo IBGE relativos ao censo de 2010, com exceção da cartografia de Uso do Solo que foi realizada a partir de dados da Conferência da Cidade de 2008 feita pela SMDHU (Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Carlos).

Considerando o recorte escolhido, buscou-se entender quais programas seriam adequados para o projeto de intervenção. Como a proposta visa relacionar o caráter tecnológico da cidade, que é impulsionado pelas suas instituições de ensino, realizou-se uma análise quantitativa de crianças de 0 a 14 anos, junto ao mapeamento dos Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs), escolas municipais e escolas estaduais, seguindo com uma quantificação dos locais voltados à pesquisa, desenvolvimento, tecnologia e inovação na cidade. Foi realizada também uma pesquisa sobre dados de empregos, ocupações, empresas e dados demográficos da cidade de São Carlos com base no Data MPE Brasil desenvolvido pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

Por fim, relacionam-se tais dados à demarcação da Poligonal Histórica de São Carlos, conforme o Plano Diretor de 2016, uma área delimitada no centro da cidade que engloba um conjunto de edifícios e monumentos considerados patrimônio histórico e cultural, cujo funcionamento e particularidades serão explicados mais adiante neste texto.

Observando a região central, onde se encontra a área de interesse deste projeto, destacada com um indicador preto, é possível traçar um panorama sintetizado da situação atual da região. Segundo informações obtidas pelo IBGE, a população estimada de São Carlos em 2021 é de 256.915 habitantes, com uma densidade demográfica de 195,15 hab/km² em 2010. A área de interesse do projeto é definida pelo Plano Diretor de São Carlos de 2016 como Zona 1 - Ocupação Consolidada, descrita a seguir:

SEÇÃO II - DA ZONA 1 - OCUPAÇÃO CONSOLIDADA

Art. 15. A Zona 1 - Ocupação Consolidada é a região que corresponde à área central da cidade, com urbanização consolidada e forte concentração de empregos, comércio e serviços, além da maior concentração de imóveis de interesse histórico. Apresenta altos coeficientes de ocupação nos lotes, porém com presença de edificações desocupadas ou subutilizadas.

Art. 16. São diretrizes para a Zona 1 - Ocupação Consolidada:

- I. Promover a ocupação dos imóveis vazios ou subutilizados, aproveitando a infraestrutura e promovendo a função social da cidade e da propriedade;
- II. Promover a recuperação e manutenção dos conjuntos arquitetônicos de interesse histórico e a conservação da memória enquanto patrimônio coletivo;
- III. Qualificar e utilizar a infraestrutura já existente;
- IV. Manter as áreas verdes significativas;
- V. Garantir e incentivar a diversidade de usos.

Art. 17. Os Coeficientes Urbanísticos:

- I. CO = 70% (Coeficiente de Ocupação=área da projeção da edificação/área do lote)
- II. CP = 15% (Coeficiente de Permeabilidade=área permeávelx100/área do lote)
- III. CA = 1,4 para uso residencial unifamiliar (Coeficiente de Aproveitamento=área edificada/área do lote)
- IV. CAB = 2 (Coeficiente de Aproveitamento Básico)
- V. CAM = 3,0 * (Coeficiente de Aproveitamento Máximo)

*Para os imóveis cujas edificações comportarem usos comerciais ou de serviços em mais de 50% de sua área construída computável, será válido apenas o Coeficiente de Aproveitamento Básico).

O plano diretor também define uma área de interesse histórico dentro da região central. Este recorte da Poligonal Histórica, definido no Plano Diretor de 2016 a seguir, foi adotado como a área de análise e intervenção deste trabalho, uma vez que é a região da cidade que mais dialoga com a questão do Patrimônio.

SEÇÃO III _ DA ÁREA DE INTERESSE HISTÓRICO

Art. 79. A Área de Interesse Histórico compreende a área delimitada pela Poligonal de Interesse Histórico, localizada na região central da cidade e demarcada no Anexo 06 desta Lei, com concentração de imóveis e conjuntos urbanos de interesse histórico que necessitam de tratamento especial para a efetiva proteção, recuperação e manutenção do patrimônio histórico do Município.

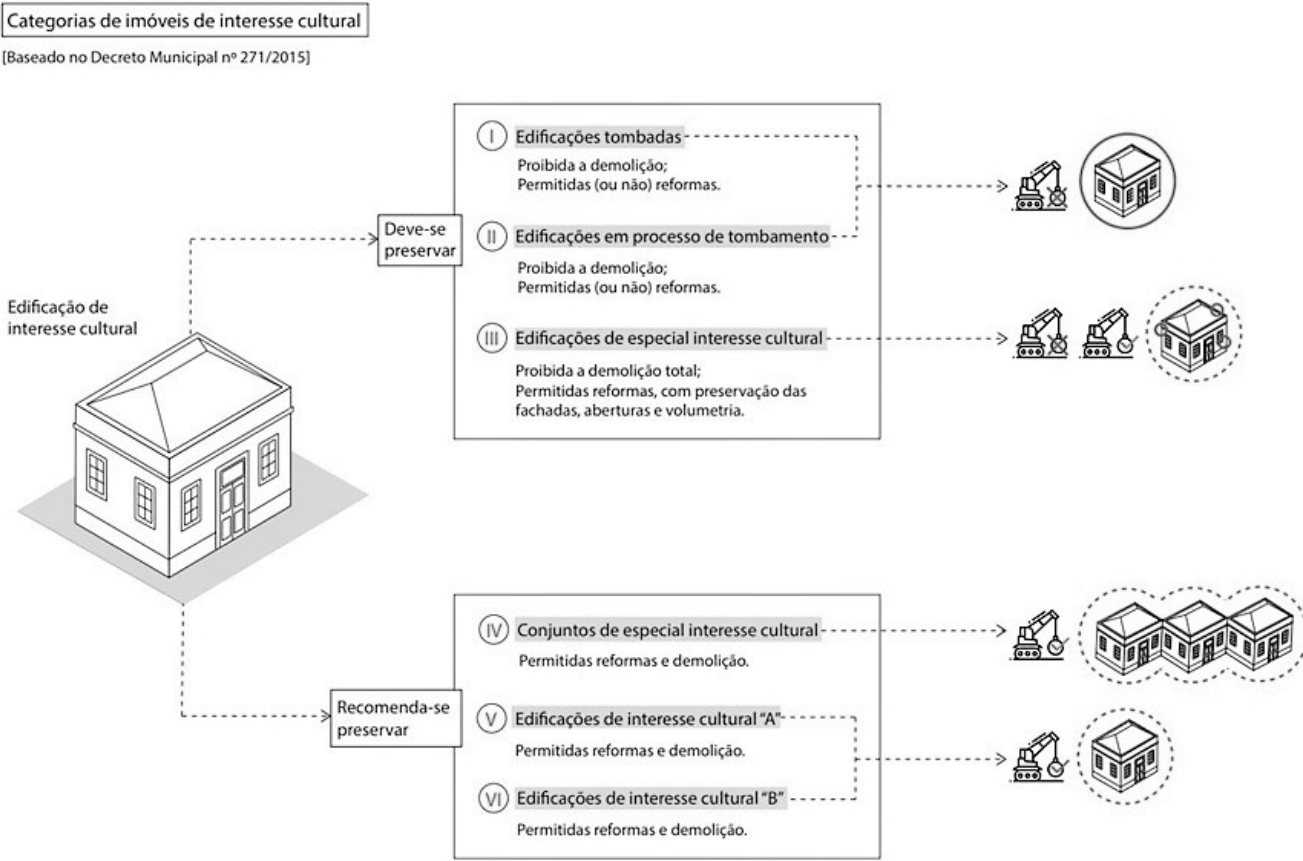
No caso de necessidade de aprovação de novas edificações, reformas, ampliações ou restauros nesta área, a Fundação Pró-Memória de São Carlos é a instituição encarregada de avaliar cada projeto, submetendo posteriormente suas análises ao COMDEPHASC (Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Ambiental de São Carlos).

Em São Carlos, a legislação voltada à proteção do patrimônio histórico possui algumas peculiaridades relacionadas aos níveis de interesse e possibilidade de intervenção de imóveis históricos, quando comparada a outras cidades brasileiras. Inclusive, dentro da Poligonal Histórica está previsto no artigo 33 da Lei Municipal nº 13.692 de 2005 o desconto de IPTU para imóveis de interesse histórico, com desconto de até 100% no valor total, mediante a requerimento, vistoria e aprovação de um plano de conservação ou recuperação do imóvel. A preservação do patrimônio está baseada em uma classificação dos imóveis de interesse histórico-cultural do município, quanto ao grau de proteção e possibilidade de intervenção.

Figura dir., modificada: SANTIAGO, Rodrigo Peronti. Instrumentos de concretização de políticas locais de proteção de bens culturais em cidades de médio porte. Relatório (Pós-doutorado) – Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2022.

Conforme o Decreto Municipal nº 271/2015:

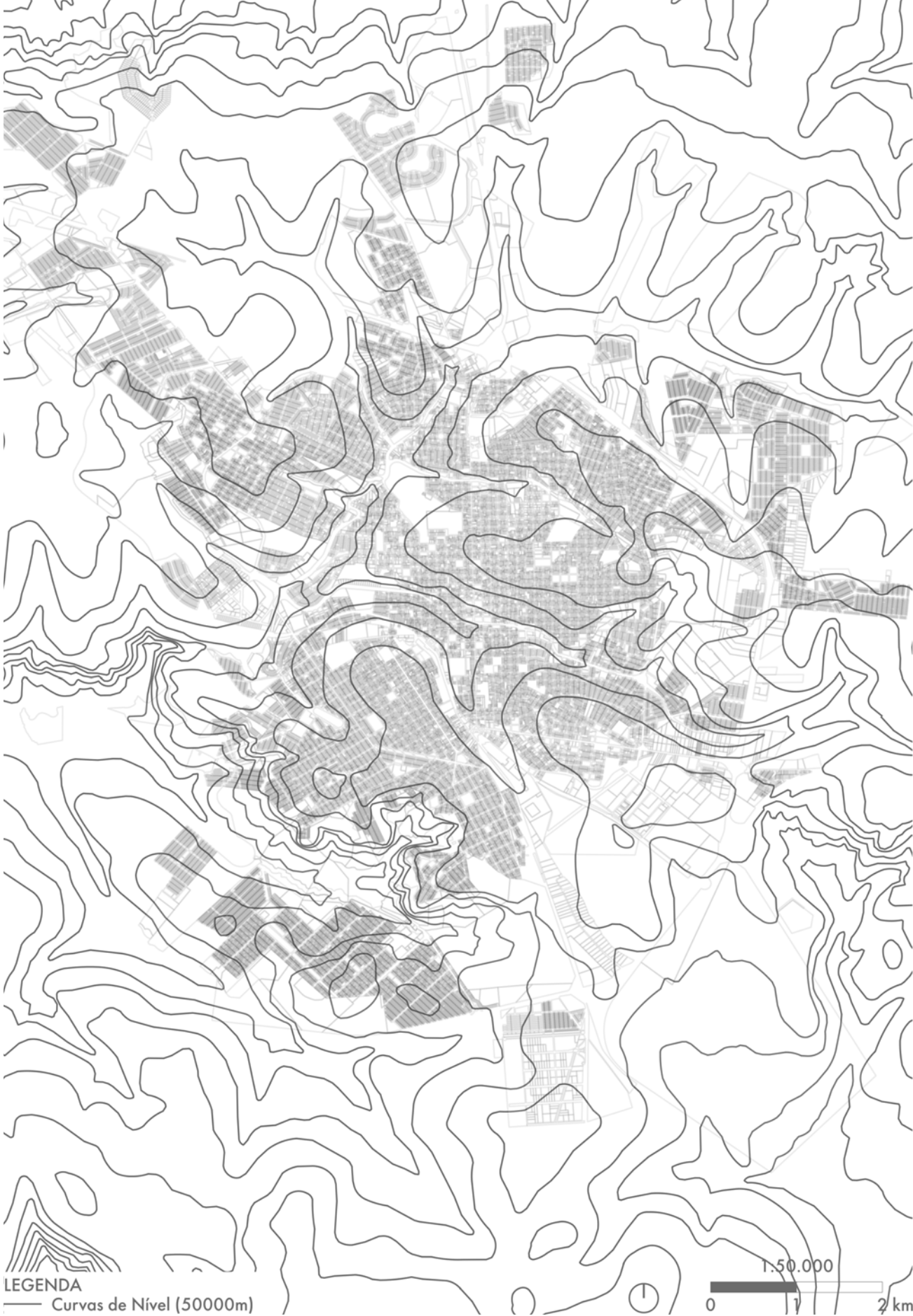
- _Imóveis categoria I: correspondem às edificações tombadas em quaisquer instâncias, municipal, estadual ou federal, sendo proibida a demolição e permitidas ou não reformas, desde que seguidas as orientações específicas dos órgãos competentes;
- _Imóveis categoria II: correspondem às edificações em processo de tombamento em quaisquer instâncias, municipal, estadual ou federal, sendo proibida a demolição e permitidas ou não reformas, desde que seguidas as orientações específicas dos órgãos competentes;
- _Imóveis categoria III: correspondem às edificações de especial interesse histórico-cultural. Em caso de reformas nos imóveis, devem ser preservadas as fachadas e a volumetria;
- _Imóveis categoria IV: correspondem a conjuntos de edificações de especial interesse histórico-cultural, sendo recomendada sua preservação, embora seja permitida a demolição e/ou reforma;
- _Imóveis categoria V: correspondem às edificações de interesse histórico-cultural, que mantêm a maioria das características originais, sendo recomendada sua preservação, embora seja permitida a demolição e/ou reforma.



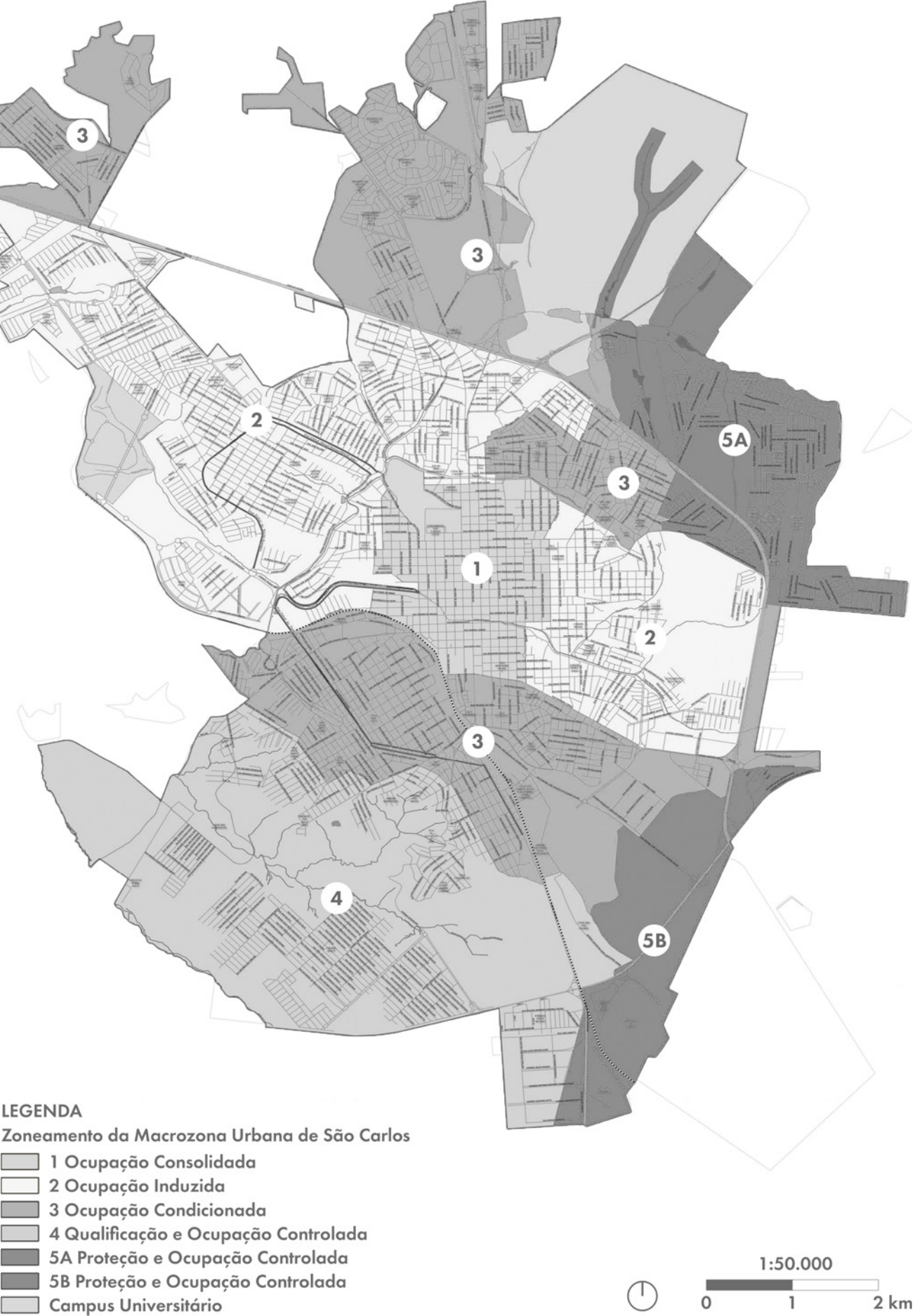
Cartografia: Imagem de Satélite da Mancha Urbana de São Carlos, SP
(autoria própria, com base em imagem do Google Earth Pro)



Cartografia: Característica Topográfica Geral de São Carlos
(autoria própria, com base em dados da SMDHU)



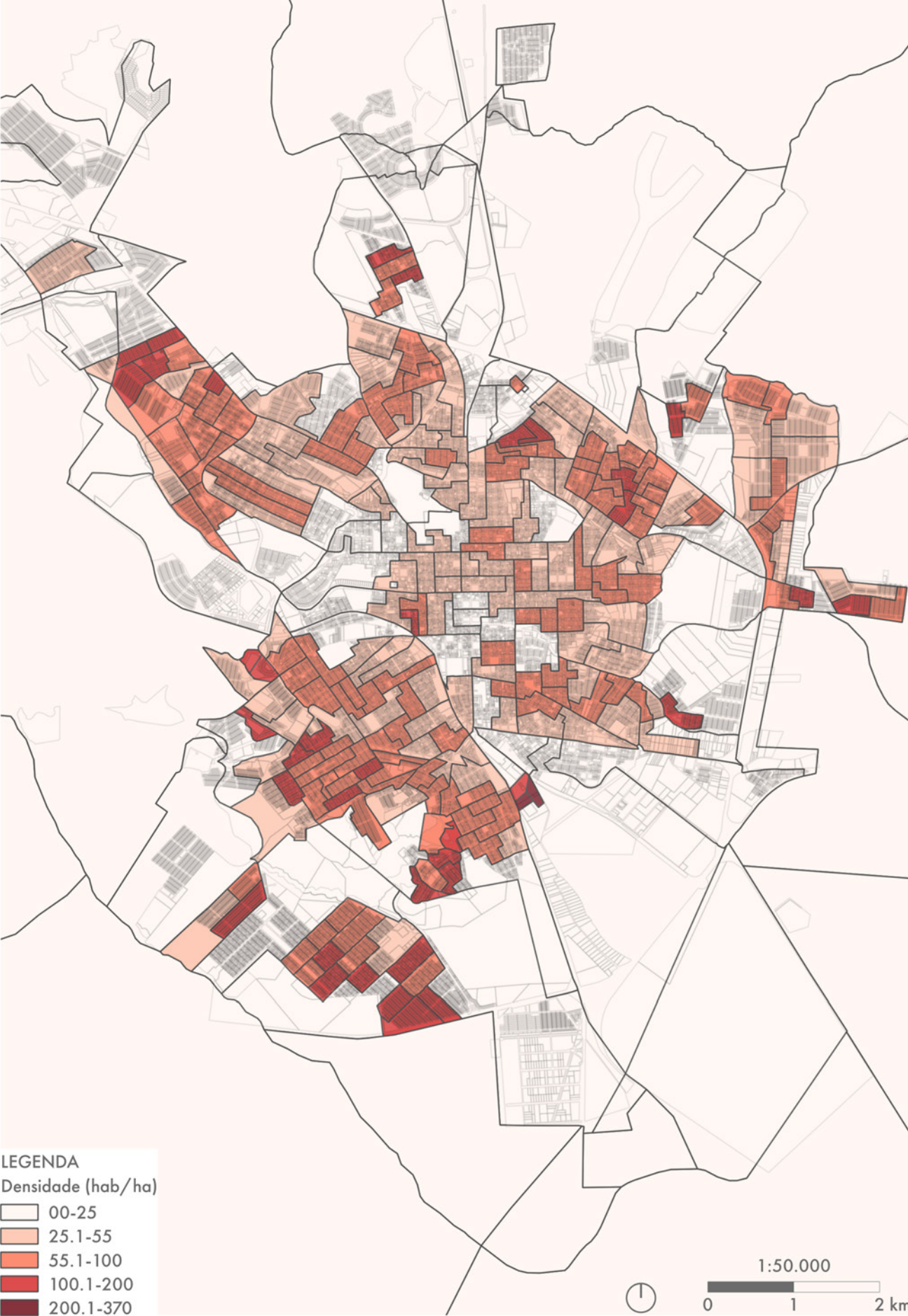
Cartografia: Zoneamento da Macrozona Urbana de São Carlos
(autoria própria, com base em dados da SMHDU, 2016)



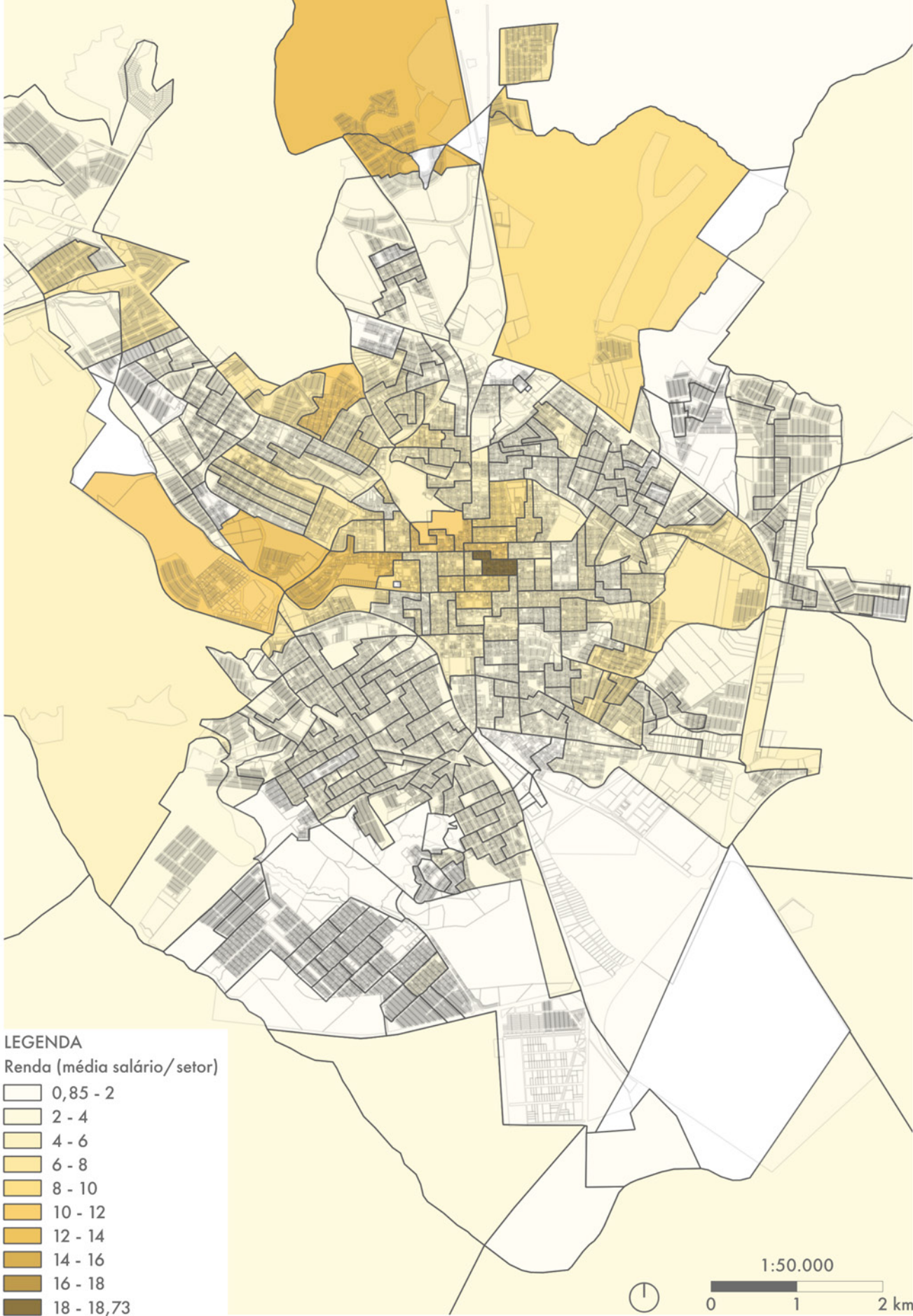
Cartografia: Uso e Ocupação do Solo em São Carlos
(autoria própria, com base em dados da SMDHU, 2008)



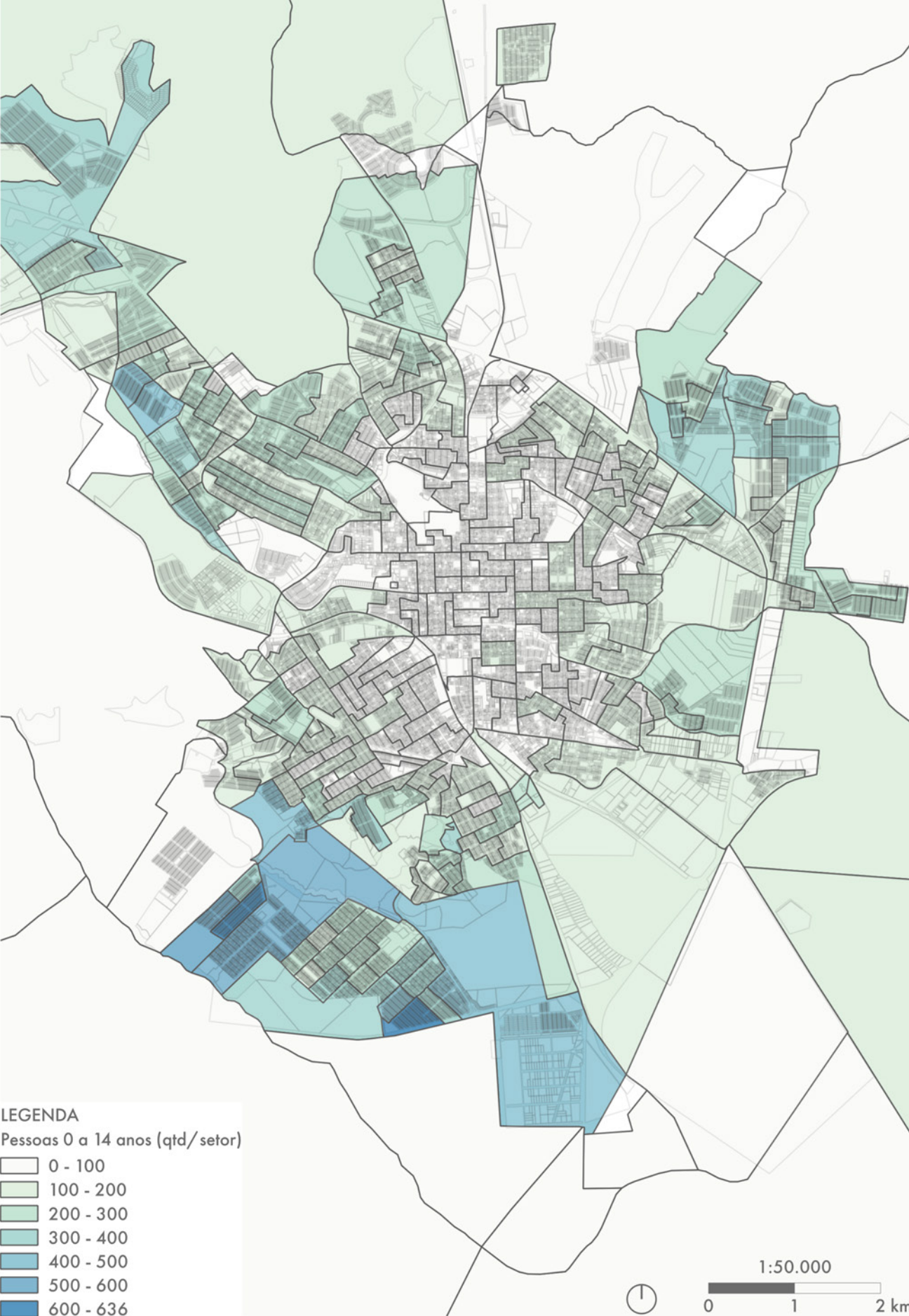
Cartografia: Densidade Demográfica de São Carlos
(autoria própria, com base em dados do Censo IBGE, 2010)



Cartografia: Renda Média de Salários Mínimos em São Carlos
(autoria própria, com base em dados do Censo IBGE, 2010)



Cartografia: Pessoas de 0 a 14 anos em São Carlos
(autoria própria, com base em dados do Censo IBGE, 2010)



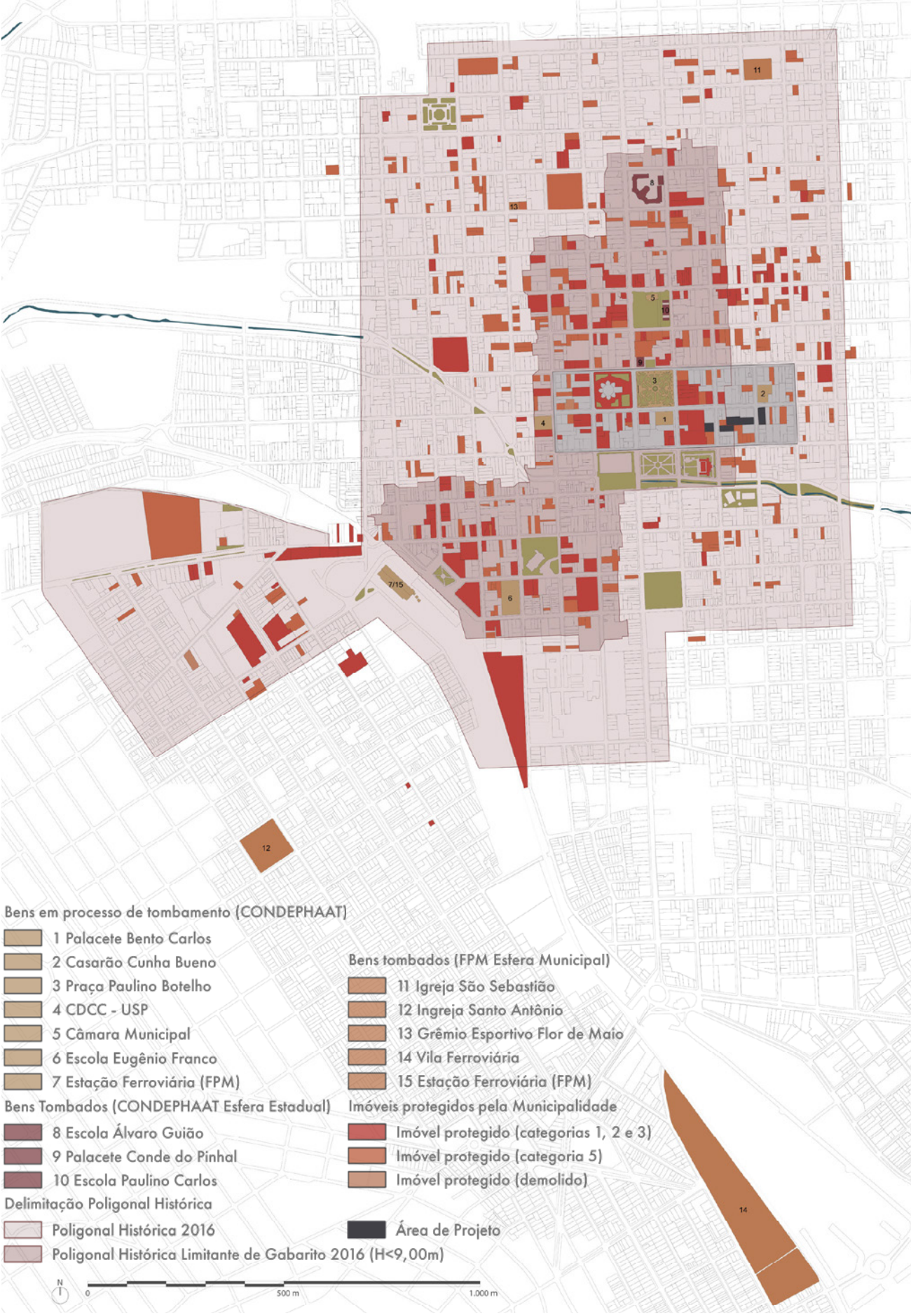
Cartografia: Instituições Escolares Públicas em São Carlos
(autoria própria, com base em dados do Censo IBGE, 2010)



Cartografia: Espaços de Tecnologia, Inovação, Pesquisa e/ou Desenvolvimento em São Carlos
(autoria própria, dados de maio de 2023)



Cartografia: Poligonal Histórica e Imóveis Protegidos de São Carlos
(autoria própria, com base em dados da FPMSC, 2017)



Com base na cartografia apresentada na seção de Leituras Urbanas deste trabalho, iniciou-se uma análise mais aprofundada sobre a região central de São Carlos, delimitada na Zona 1 de Ocupação Consolidada, definida no Plano Diretor de 2016. Certamente, por meio da leitura das cartografias urbanas, é possível compreender as características e peculiaridades da área de projeto, partindo de uma escala urbana, demonstradas nos parágrafos a seguir.

De acordo com a cartografia de Uso e Ocupação do Solo, o centro de São Carlos é caracterizado por atividades comerciais e de serviços, com uma grande extensão seguindo a Avenida São Carlos em direção à Avenida Comendador Alfredo Maffei. Esta última abrange a área conhecida como “Baixada do Comércio”, que é um dos locais com maior concentração de comércio e serviços na cidade. No entanto, essa região é uma das mais afetadas durante os períodos de chuvas intensas, resultando constantemente em alagamentos e enchentes que levam a perdas materiais e humanas.

A cartografia de Densidade Populacional de São Carlos mostra uma região central de baixa densidade, cujos edifícios obsoletos e desocupados evidenciam a diminuição de residentes da região, cujos dados do IBGE obtidos entre 1991 e 2000 revelam um decréscimo populacional de mais de 19% na Zona 1. A contradição encontra-se uma vez que este é um local com grande oferta de comércio, serviços e equipamentos urbanos, resultando em uma região com alta oferta de empregos e movimentação de pessoas durante o dia.

A partir da cartografia de Renda, é possível notar que o centro permanece um lugar habitado por uma elite socio-econômica, com áreas cuja média de salários alcança até, aproximadamente, 18 salários mínimos.

A cartografia de Pessoas de 0 a 14 anos demonstra a baixa densidade dessa faixa etária na região central, sobretudo em comparação a zonas mais periféricas do núcleo urbano.

Já a cartografia de Instituições Escolares evidencia o vácuo que se tem em considerável parte da região central de CEMEIs, isto é, os Centros Municipais de Educação Infantil que atendem crianças de 0 a 6 anos de idade. Contudo a maior concentração e diversidade de equipamentos de educação públicos e privados ainda se encontra na região central da cidade, onde, segundo os dados do IBGE 2010, tem-se os maiores índices de escolaridade.

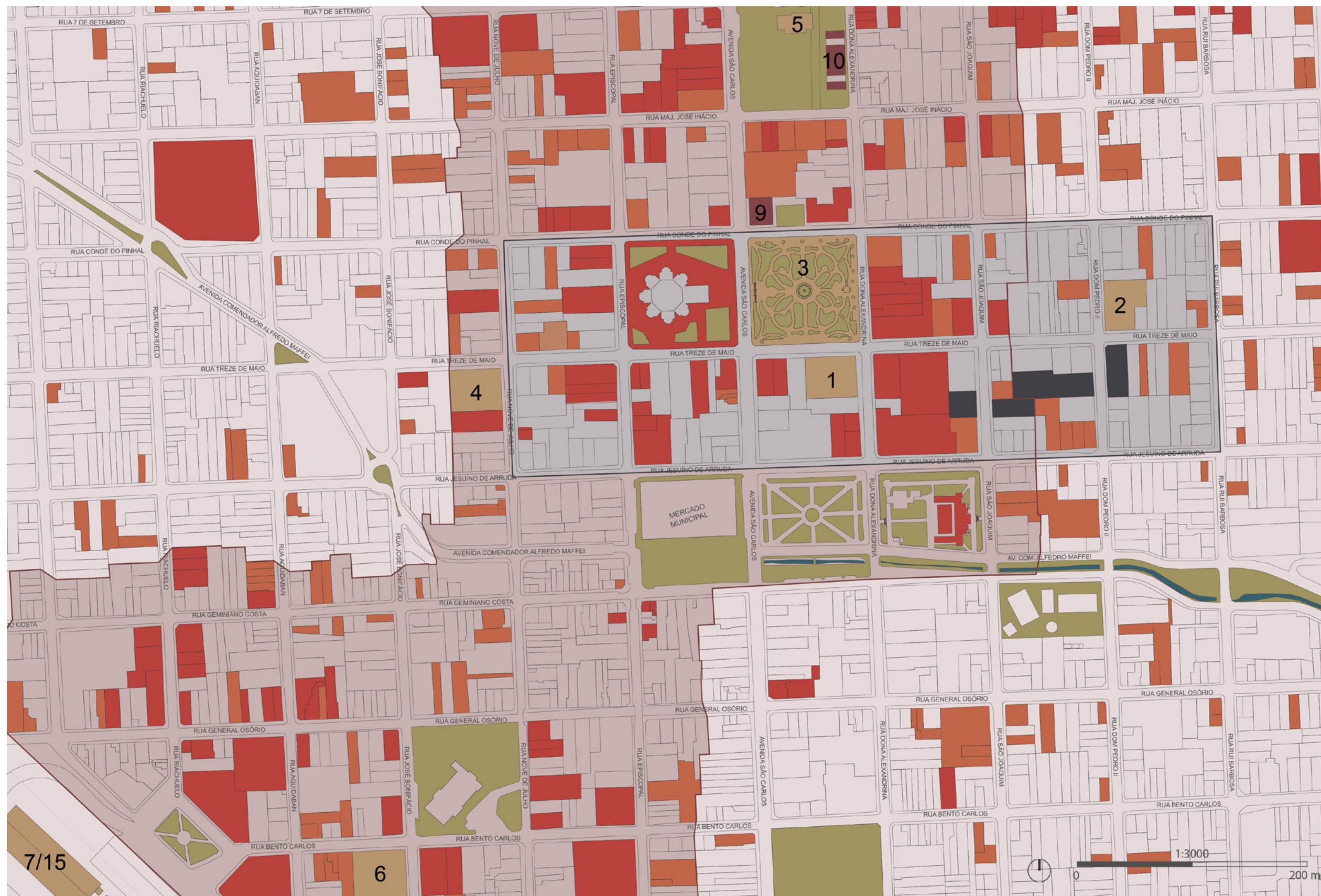
A cartografia de Espaços de Tecnologia, Inovação, Pesquisa e/ou Desenvolvimento mostra a grande concentração desses locais na região central da cidade. Sobretudo após a pandemia de Covid-19, observa-se a tendência do trabalho híbrido e da flexibilidade em relação ao local de trabalho. Logo, tem-se um número crescente de trabalhadores da área de tecnologia que buscam por cidades de porte médio para se viver, onde a qualidade de vida é melhor quando comparada a agitados centros urbanos como São Paulo. Nesse sentido, São Carlos destaca-se por possuir em anteprima grandes centros de tecnologia, inovação e empreendedorismo.

Por fim, é possível verificar, por meio da cartografia da Poligonal Histórica e Imóveis Protegidos, a grande presença de edifícios de valor histórico e cultural na região central de São Carlos, local onde, de fato, a cidade teve origem e a partir do qual estabeleceu-se o núcleo urbano. No recorte presente na página a seguir, é possível observar o papel marcante da rua 13 de Maio, que concentra considerável parte dos edifícios protegidos da cidade. Por esse motivo, a análise a seguir apresentará um recorte usando-a como eixo central.

Ademais, com base nos dados obtidos na Conferência da Cidade de 2008, observa-se, em São Carlos, uma tendência de verticalização na área central, induzida pela legislação urbanística em vigor, que coloca em risco o patrimônio de interesse histórico e cultural, que permanece sem incentivos para sua preservação. É evidente que a lógica de ocupação do solo tem sido regulada pelo interesse do mercado imobiliário, de forma desvinculada às condições de infraestrutura urbana. Esse processo tem gerado crescentes problemas de mobilidade, moradia e degradação ambiental.

Portanto, é possível concluir que o centro de São Carlos é caracterizado por sua diversidade e variedade de serviços, comércios e atividades disponíveis para os moradores e visitantes. Além de concentrar uma ampla gama de comércios e serviços, a região também oferece opções gastronômicas variadas. Além disso, a zona abriga uma considerável quantidade de espaços voltados para a cultura e o entretenimento, como teatros, cinemas e museus. É importante destacar que o centro de São Carlos contempla vias estruturais do eixo viário da cidade, tornando-o uma das zonas de mais fácil acesso da cidade, seja por transporte público ou particular. Contudo, dada a conformação da malha urbana, observa-se que a cidade permanece com um sistema viário falho, com insuficiências de fluidez e trechos críticos que comprometem a mobilidade urbana.

44



Área de Interesse



“Ora, a memória da cidade é algo precioso [...] para ajudar a projetar, com segurança, o futuro harmônico do ambiente urbano.”
Ary Pinto das Neves (1919-2004)

A delimitação de área de interesse deste trabalho deu-se a partir da escolha de um terreno vazio, contornado em verde no mapa à esquerda, situado na esquina da rua 13 de Maio com a rua D. Pedro II. No período de estudos preliminares, a intervenção previa ocupar apenas este terreno, que apresenta-se como um local estratégico para o projeto em contexto histórico, uma vez que se encontra perto do limite da Poligonal Histórica com restrição de gabarito e de frente a um importante edifício para a memória da cidade, o Casarão Cunha Bueno.

Contudo, após realizar os mapeamentos de uso do solo, áreas edificadas e não edificadas, imóveis protegidos e gabarito, que serão mostrados a seguir, notou-se que a área de intervenção poderia ser estendida para áreas a leste, delimitadas em vermelho no mapa à esquerda. Os dois primeiros lotes da quadra central, a partir da rua D. Pedro II, são adicionados a partir do desmembramento de dois lotes, que atualmente são utilizados exclusivamente como estacionamento, não apresentando qualificação ou elementos contruídos. Já no terceiro lote do quarteirão central será necessária a demolição de uma construção protegida em esfera municipal (FPMSC), de categoria 5. Tal deliberação se torna possível a partir da análise do Decreto Municipal nº 271/2015 para Imóveis de Categoria V, que, conforme explicado anteriormente, recomenda a preservação, embora permita a demolição e/ou reforma. Nesse caso, o imóvel em questão já foi bastante modificado ao longo dos anos, perdendo considerável parte de suas características originais, além de se encontrar desocupado.

Mais adiante, também será apresentada a pesquisa em campo realizada na área de intervenção em abril de 2023. A partir do mapeamento fotográfico dos quarteirões foi possível realizar a reconstrução digital da sequência de fachadas das rua D. Pedro II e São Joaquim, e mapear os edifícios historicamente relevantes na área. Ademais, por meio de diversas visitas realizadas ao local desde então, foi possível obter uma compreensão mais profunda sobre os terrenos escolhidos, as edificações vizinhas e a topografia do local.

USO DO SOLO

- Residencial
- Comercial
- Serviços
- Institucional privado
- Institucional público
- Misto com habitação
- Misto sem habitação
- Área verde

ESPAÇOS SUBUTILIZADOS

- Patrimônio desocupado
- Desocupado
- Aluguel ou venda
- Estacionamento
- Terrenos vazios

Nota-se, a partir do mapeamento do uso do solo e de espaços subutilizados que a área delimitada apresenta uma quantidade significativa de terrenos vazios e estacionamentos. Unindo tais elementos à presença de imóveis desocupados ou parte de lotes usadas exclusivamente para estacionamentos, é possível delimitar áreas de intervenção em miolo de quadra, contornadas em preto no mapa, conforme o realizado neste projeto.

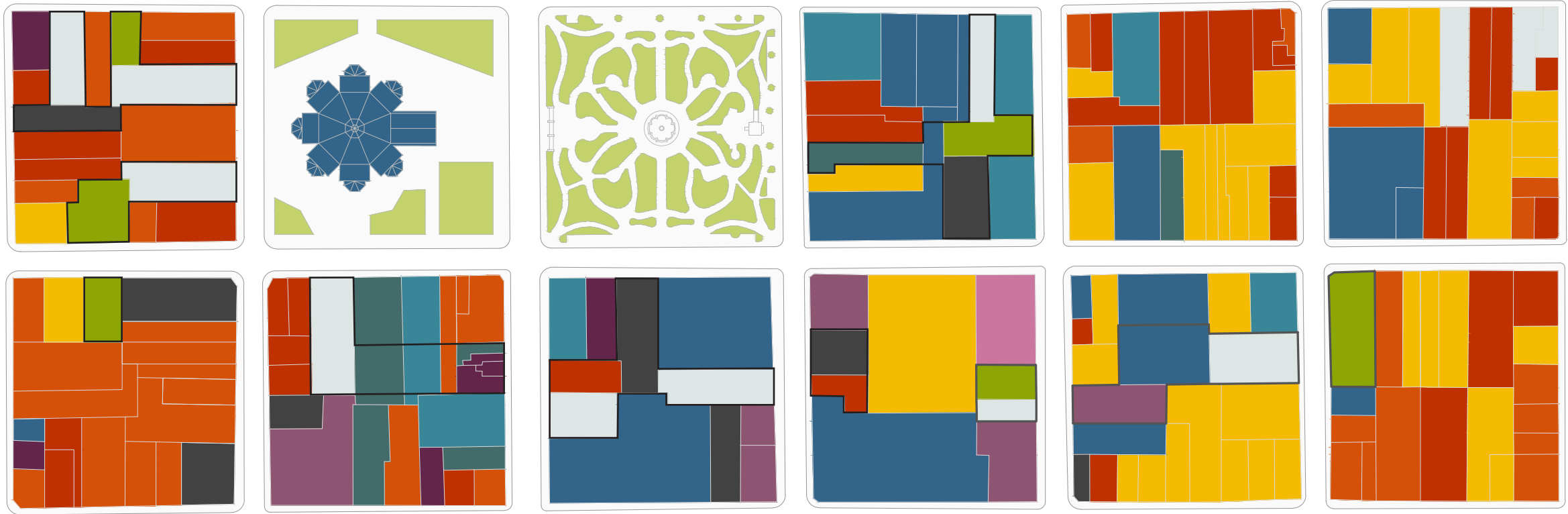
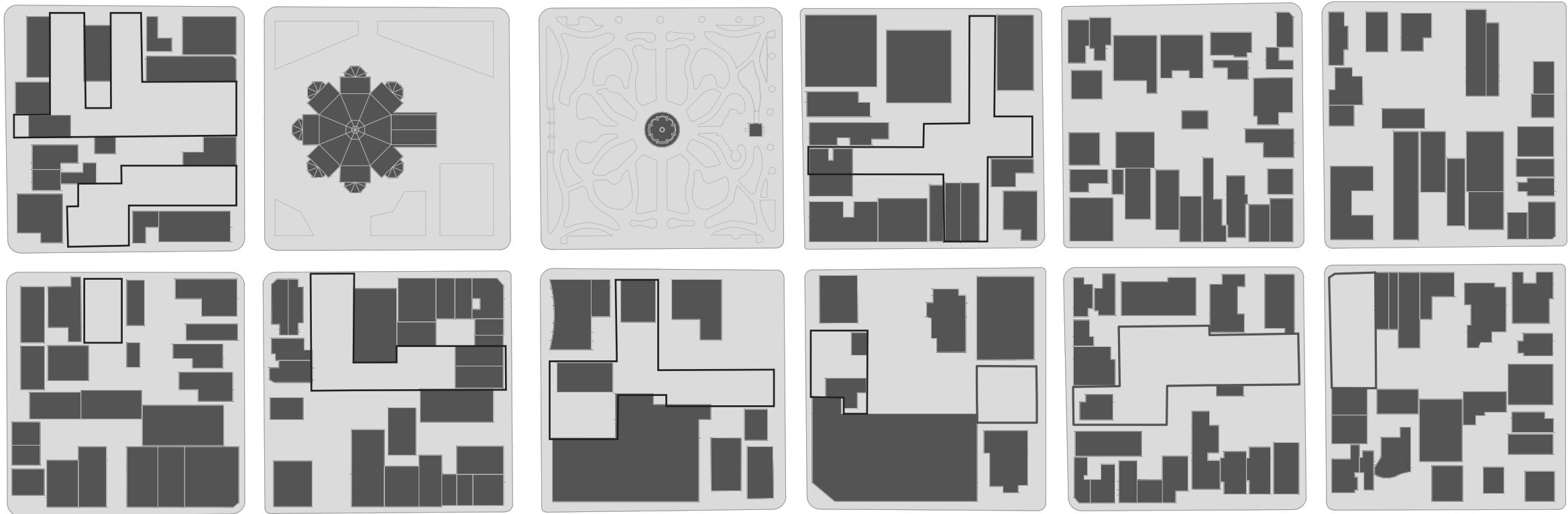


FIGURA E FUNDO

- Edificado
- Não edificado

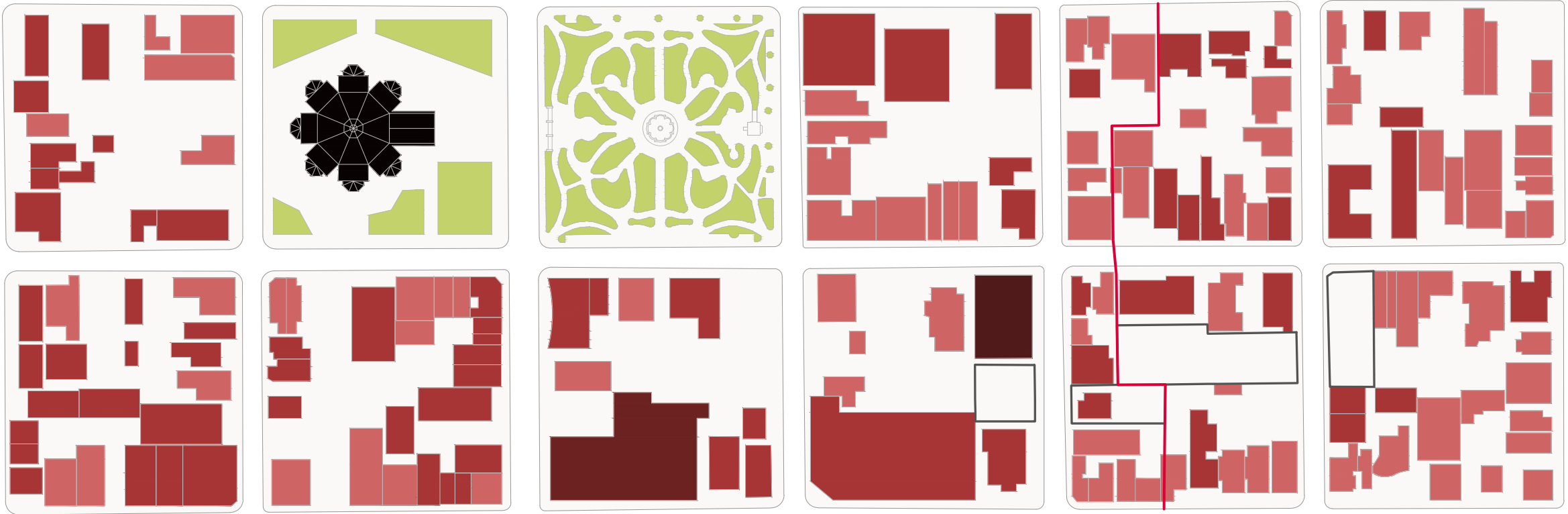
Por meio do mapeamento de áreas edificadas e não edificadas, observa-se como a conformação dos lotes retangulares e profundos gera miolos de quadra vazios no centro da cidade. Assim, observa-se, em conjunto com o mapeamento de uso do solo, a grande quantidade de espaços vazios ou ou edificações subutilizadas que podem ser requalificados.



GABARITO

- Térreo
- 02 a 03 pavimentos
- 04 a 06 pavimentos
- 10 ou mais pavimentos
- Área verde
- Limite poligonal histórica (restrição de gabarito)

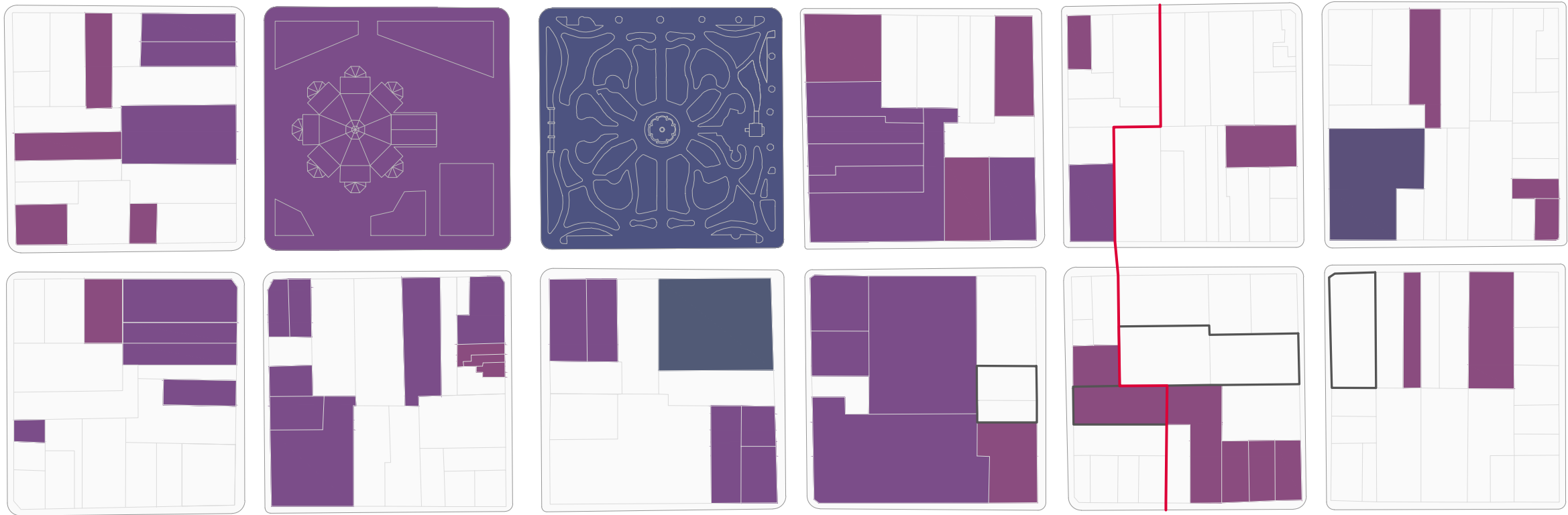
É evidente, ao analisar o gabarito das edificações, que na região central prevalece construções de até 3 pavimentos, resultando em uma área de baixo adensamento populacional. Na área analisada, sobretudo dentro da sub-região da poligonal com restrição de gabarito, nota-se que apenas um edifício residencial com térreo comercial descaracteriza-se do entorno, apresentando 14 pavimentos, localizado ao lado do local de intervenção.



BENS PROTEGIDOS

- Bem protegidos (categorias 1, 2 e 3)
- Bem protegido (categoria 5)
- Praça Paulino Botelho
- Palacete Bento Carlos
- Casarão Cunha Bueno
- Limite poligonal histórica (restrição de gabarito)

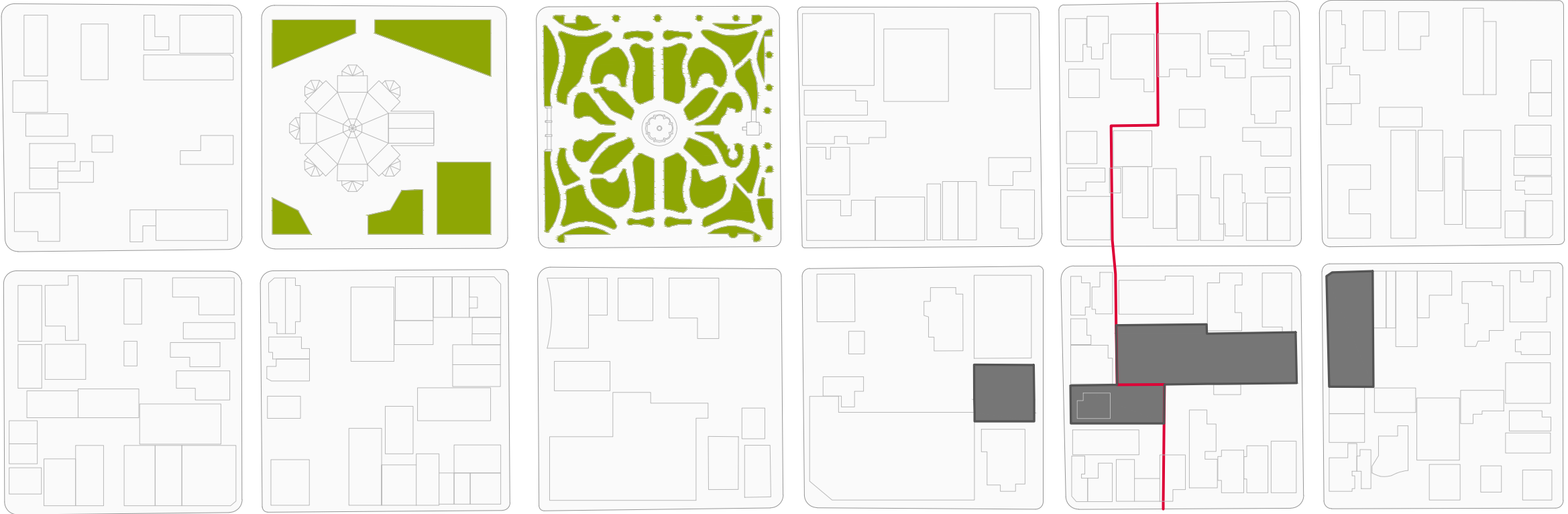
Com base neste mapeamento, observa-se que o local de projeto, contornado em preto, está situado na região de fronteira da sub-região da Poligonal Histórica de São Carlos (2016) com restrição de gabarito. Isso significa que, a parte oeste do projeto necessita respeitar o limite de 9m de altura, delimitado a partir da distância do pavimento mais baixo até o forro do pavimento mais alto.



ÁREA DE INTERESSE

- Local de projeto
- Área verde
- Limite poligonal histórica (restrição de gabarito)

Baseando-se nas considerações anteriores, delimita-se a área de projeto deste trabalho, formada a partir de 5 lotes, sendo 3 vazios, 2 adicionados a partir de desmembramentos de parte de lotes utilizada com estacionamento, e 1 onde ocorrerá a demolição de um imóvel desocupado.



Referências Projetuais

Praça das Artes
Brasil Arquitetura
São Paulo, SP

A Praça das Artes é um projeto localizado no centro de São Paulo, inaugurado em 2012, projetado pelo escritório Brasil Arquitetura. Sua proposta transforma a área central da cidade, usando como base a compreensão do local enquanto espaço resultante de fatores socio-políticos ao longo dos anos de formação da cidade. O conjunto, insere-se em uma quadra com potencial de requalificação urbanística e é dividido em módulos, conformando uma sequência oportuna de espaços livres ao longo de sua extensão.

O projeto foi pensado para ser um ambiente aberto e, paulatinamente, a cidade foi se apropriando do espaço, desenvolvido em três direções: Vale do Anhangabaú (Rua Formosa), Avenida São João e Rua Conselheiro Crispiniano. O complexo atua como um conector que ocupa o **miolo da quadra** e conecta o que estava desconectado, assim como o projeto proposto nesse trabalho visa realizar. Nesse sentido, a Praça das Artes foi projetada para responder não só à demanda de um programa de diversos novos usos ligados às artes musicais e do corpo, mas também a dialogar de maneira clara e transformadora com uma situação física e espacial preexistente.

Assim, o projeto busca trabalhar com os espaços vazios, subutilizados e ociosos que resultaram do urbanismo baseado na ideia do lote. Um aspecto de destaque é o significado social que possui, constituindo-se um espaço de convivência e busca por tolerância, com mistura de classes sociais e diversidade de pessoas. Trabalha ainda o diálogo entre o novo e o antigo e a valorização do patrimônio edificado, com formas e materialidade que buscam trabalhar a harmonia no conjunto edificado da quadra, diferenciando-se do antigo sem deixar de lado sua importância. É um exemplo de projeto que revela aquilo que há de valioso no existente, para que em um segundo momento novos elementos sejam agregados.

Imagens: Archdaily. Praça das Artes, Brasil Arquitetura. Fotografias de Nelson Kon.



Referências da
Arquitetura Moderna
em São Carlos, SP

Com o propósito de conceber um projeto que estivesse em sintonia com o contexto local, realizou-se um estudo abrangente sobre a produção arquitetônica de São Carlos, para além das construções ecléticas do período cafeeiro. Nesse contexto, é de suma importância destacar a relevância do arquiteto natural de São Carlos, **Luiz Gastão de Castro Lima** (1927-2003), cuja atuação desempenhou um papel fundamental na disseminação da Arquitetura Moderna nas escolas de arquitetura do interior paulista. Formado pela Universidade de São Paulo (FAU-USP) em 1954, sua produção arquitetônica revela uma notável influência da arquitetura organicista de Frank Lloyd Wright. A presença marcante de sua abordagem pode ser apreciada em inúmeros projetos residenciais e edifícios da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), como os anfiteatros, onde se destaca a utilização proeminente do tijolo aparente, elemento recorrente em suas composições arquitetônicas.

No contexto da arquitetura moderna em São Carlos, outro edifício de destaque, localizado nas proximidades da área de interesse deste projeto, é a sede da atual Secretaria de Educação de São Carlos. Projetado pelos arquitetos **Benno Michael Perelmutter** e **Mariel Peinado**, o edifício foi inaugurado em 1982 e originalmente abrigava a Casa da Cultura Prof. Vicente Camargo. O acesso ao local é realizado por meio de rampas que conduzem a diferentes níveis, dispondo de espaços destinados a exposições artísticas, bibliotecas, pinacoteca e sala para projeção de filmes. Sua integração ao movimento da arquitetura moderna brasileira é notadamente perceptível em sua volumetria, composta por cheios, vazios, recuos e entradas, bem como em sua organização espacial e materialidade expressiva, destacando-se a presença do concreto aparente e dos tijolos aparentes em suas fachadas.

Imagens de autoria própria,
abril de 2023



Anfiteatro Jorge Caron,
EESC-USP, São Carlos



Secretaria Municipal de
Educação de São Carlos



Clínicas em Orlândia

SPBR Arquitetos - Angelo Bucci
Orlândia, SP

Ao considerar a produção arquitetônica no interior paulista, torna-se imprescindível destacar o trabalho desenvolvido por Angelo Bucci, proeminente arquiteto brasileiro formado pela Universidade de São Paulo (FAU-USP) em 1987 e fundador do escritório SPBR Arquitetos em sua cidade natal, Orlândia. Nesse contexto, destacam-se dois projetos emblemáticos situados em uma cidade que, assim como São Carlos, é caracterizada por um tecido urbano extremamente regular, composto por quarteirões quadrados divididos em lotes retangulares e profundos. Similarmente ao centro de São Carlos, os lotes da pequena cidade de Orlândia são ocupados majoritariamente por edificações residenciais baixas, compostas por um único pavimento.

Os projetos da Clínica de Psicologia (1995-1998) e da Clínica de Odontologia (1998-2000) merecem especial destaque, principalmente devido à abordagem adotada que visa dissolver as fronteiras entre o edifício e a cidade – uma concepção de continuidade espacial inerente ao movimento moderno internacional e que, na realidade brasileira, ainda se apresenta como um notável desafio, não obstante as ricas experiências da arquitetura nacional. São obras que respeitam o gabarito de altura de seu entorno e se integram ao terreno através de um meticuloso trabalho em meios-níveis. Na Clínica de Psicanálise, os espaços se desenvolvem de forma a configurar uma espécie de praça interna, sendo seus espaços dispostos ao longo da galeria de circulação com fechamento de madeira, como um terraço, que é o elemento estruturador do conjunto. A presença da madeira, pedras naturais e concreto aparente também pode ser observada em ambas construções, que surpreendem pela sua implantação singular, criando um espaço transitório e desafiando os limites entre o público e o privado.



Imagens: SPBR. Clínica de Psicologia em Orlândia. Fotografias de Nelson Kon.

Imagens: SPBR. Clínica de Odontologia em Orlândia. Fotografias de Nelson Kon.

Conjunto Habitacional do Jardim Edite

MMBB Arquitetos e H+F Arquitetos

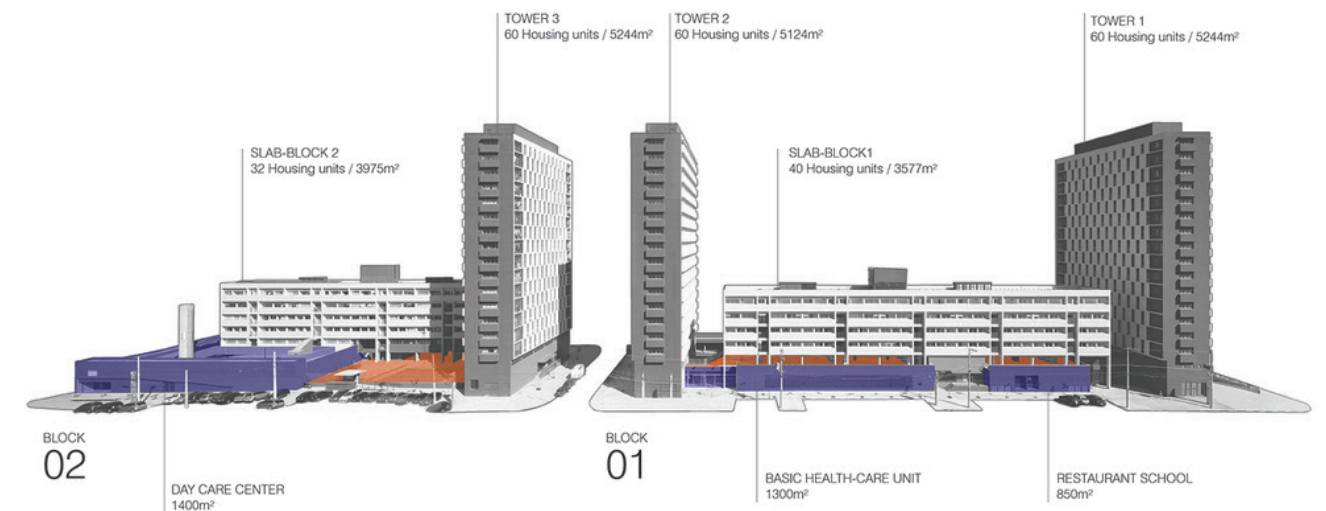
São Paulo, SP

O conjunto habitacional Jardim Edite, localizado no Brooklin, está situado no cruzamento das avenidas Engenheiro Luís Carlos Berrini e Jornalista Roberto Marinho em São Paulo, ocupando o lugar da antiga favela de mesmo nome que antes habitava essa região. Concluído em 2013, o conjunto abrange 252 unidades habitacionais de aproximadamente 50m² cada, uma creche, um restaurante-escola e uma unidade básica de saúde (UBS), totalizando uma área construída de 25.700m².

A implantação estratégica desses três equipamentos públicos é direcionada tanto para atender à comunidade moradora quanto ao público das grandes empresas circunvizinhas. A abordagem do projeto cria uma integração entre o conjunto habitacional, a economia e o cotidiano local. Além disso, a cobertura desses equipamentos desempenha um papel crucial na interligação dos edifícios, promovendo uma conexão significativa entre os moradores e garantindo privacidade em relação à escala metropolitana da cidade. Marta Moreira, uma das responsáveis pelo projeto, destaca a importância dessa **sobreposição de usos**: “O trabalho mais fundamental no projeto foi essa sobreposição de usos, dos equipamentos poderem compartilhar o mesmo lote, a mesma área com as habitações, porque a gente sabe que existe uma demanda enorme por terrenos na cidade de São Paulo. Então, sempre é uma dificuldade.”

O projeto é orientado por programas que visam evitar o crescente processo de precarização na região, com o objetivo de atrair pessoas e promover a frequência e a interação com a área, transformando o conjunto em parte integrante do panorama urbano, e não uma exceção ao mesmo.

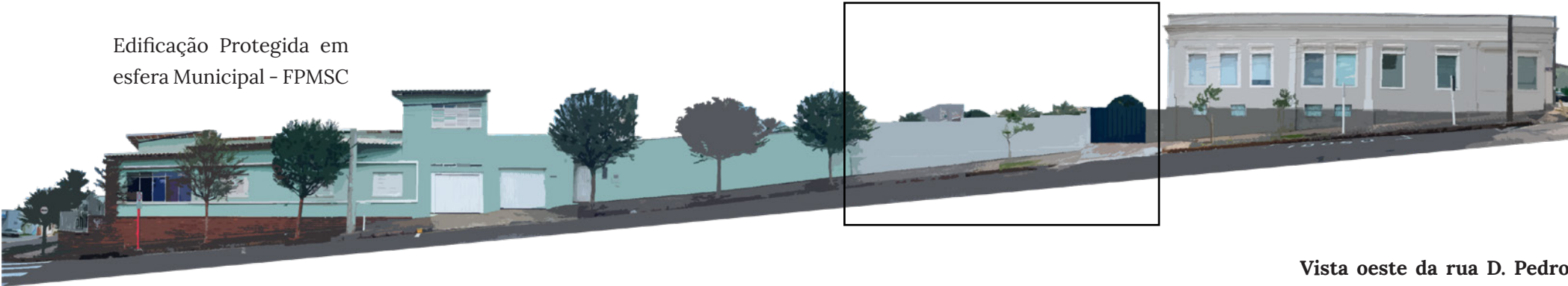
Imagens: Archdaily. Conjunto Habitacional do Jardim Edite. Fotografias de Nelson Kon.



Local de Intervenção

Rua Dom Pedro II

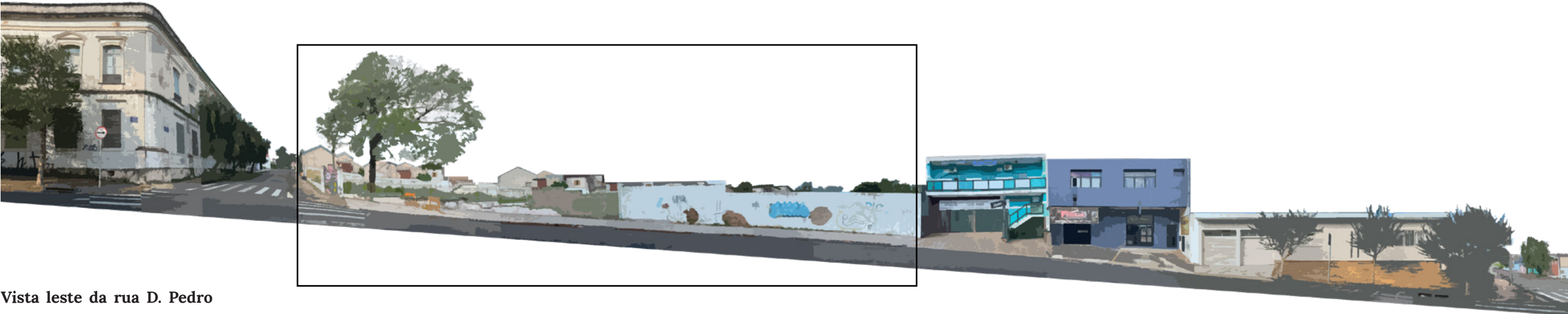
Edificação Histórica, 1908. Atual Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Inovação



Edificação Protegida em esfera Municipal - FPMSC

Vista oeste da rua D. Pedro II, entre a rua 13 de Maio e rua Jesuíno de Arruda

Casarão Cunha Bueno, 1885. Em processo de tombamento (CONDEPHAAT)



Vista leste da rua D. Pedro II, entre a rua 13 de Maio e rua Jesuíno de Arruda

Rua São Joaquim



Antiga Casa do Visconde de Cunha Bueno (1883)



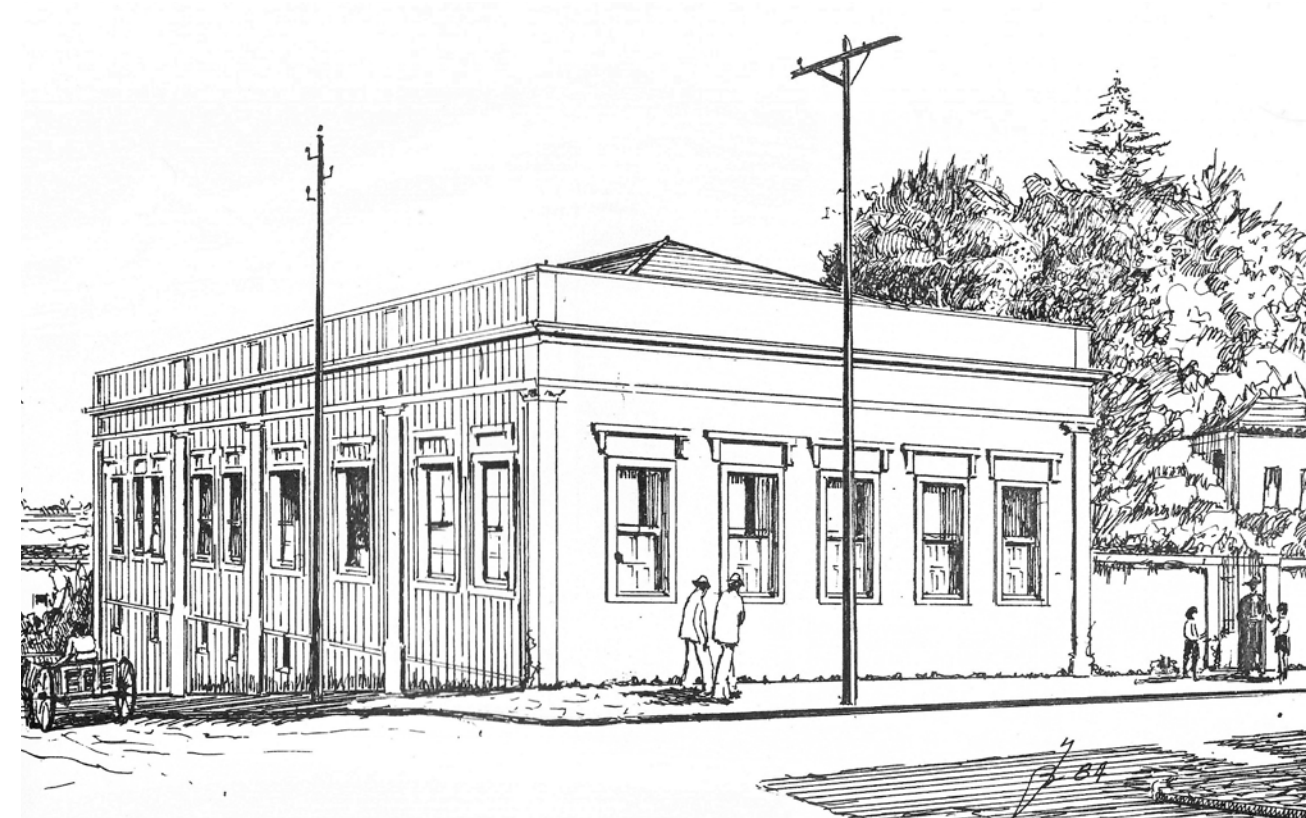
Desenho de Julio Bruno, 1984

O Palacete Visconde da Cunha Bueno encontra-se, atualmente, em processo de tombamento pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico). Construído por volta de 1883, o imóvel é considerado o primeiro palacete urbano de São Carlos, abrigando, segundo a tradição, o Imperador D. Pedro II (1825-1891) durante sua visita à São Carlos em 1886.

O edifício, construído pelo Visconde da Cunha Bueno, grande produtor de café e importante político na região, já foi sede da Escola de Comércio de São Carlos em 1919, dirigida pelo francês Julien Fauvel (1887-1963). Hoje, o casarão abriga a Sociedade São Vicente de São Paulo.

Sua tipologia é neoclássica e ainda conserva sua volometria e ornamentos originais. No entanto, apesar de estar ocupado, imóvel permanece sem grandes manutenções, com elementos da fachada em processo de degradação.

Primeira Residência Episcopal (1908)



Desenho de Julio Bruno, 1984

O imóvel que abriga atualmente a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Inovação foi construído em 1908. Neste local residiram, em 1910, jesuítas portugueses chefiados pelo Padre Bento José Rodrigues. Com o passar dos anos a construção seguiu abrigando ordens religiosas.

Observa-se, contudo, que esta construção sofreu consideráveis mudanças após sua reforma, sobretudo nos fundos, com aberturas de portas e janelas.

Algo interessante de se observar atualmente é a vista que se tem através do portão vazado na rua 13 de Maio, como mostrado na imagem na próxima página. Seu jardim tornou-se um terraço com vista panorâmica para a baixada da cidade.



Foto do Palacete Visconde da Cunha Bueno. Autoria própria, abril de 2023



Foto da atual Sec. Mun. do M. Ambiente, Ciência, Tecnologia e Inovação. Autoria própria, abril de 2023



Foto do jardim do Palacete através do portão na Rua 13 de Maio. Autoria própria, abril de 2023



Foto do terraço da Secretaria através do portão na Rua 13 de Maio. Autoria própria, abril de 2023

Local de Intervenção



Fotos do levantamento realizado em abril de 2023. Autoria própria.
(1) Rua São Joaquim, c.885
(2) R. São Joaquim, c.832
(3) Fundo do imóvel acima
(4) Estacionamento da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas

Fotos do levantamento realizado em abril de 2023. Autoria própria.
(5) Estacionamento da Secretaria Municipal do Meio Ambiente
(6) R. D. Pedro II, c.850
(7) R. 13 de Maio, c.2212
(8) R. 13 de Maio, c.2302

A Intervenção em Miolo de Quadra

O centro urbano de uma cidade é comumente conhecido como um território compartilhado e dinâmico, um ponto de referência para todos os cidadãos. No entanto, no Brasil, com o abandono gradual dos centros urbanos e o surgimento de novas centralidades periféricas, o esvaziamento desses locais ainda permanece uma situação sem solução concreta. Em São Carlos, como previamente analisado, o centro encontra-se atrativo apenas durante períodos específicos do dia, o que, no entanto, não garante a sua vitalidade.

É certo que tentativas com ênfase na recuperação da função econômica desses espaços são indispensáveis, uma vez que esse espaço é notadamente servido de uma infraestrutura historicamente consolidada. Em contrapartida, a recuperação e a revalorização do centro só se farão possíveis uma vez que seu aspecto simbólico for considerado, como um espaço portador de valores culturais, intrinsecamente associados à identidade da cidade que dele se originou.



Logo, com o esvaziamento do centro, abriu-se mão da riqueza e dinamicidade observadas em seus conjuntos de espaços públicos e edifícios notáveis, detentores de características singulares em sua qualidade arquitetônica e urbanística. A partir de tal problemática, surge hoje uma oportunidade de repensar tal espaço – recordando seu passado, considerando seu presente e reimaginando seu futuro.

Neste projeto, a redescoberta do centro histórico de São Carlos é pensada a partir do aproveitamento de seu potencial estagnado, reativado por meio da intervenção em miolo de quadra. Para isso, tem-se como ponto de partida a própria concepção e reinterpretação do que é o espaço público, atualmente fragilizada pela proliferação de condomínios fechados, shopping centers e demais construções ilhadas, restritas a um público específico. A intervenção contempla ainda a preservação do patrimônio histórico e cultural da região, trazendo à tona sua história e importância para a identidade local.

Nasce, portanto, o **Complexo 13 de Maio**, nomeado a partir da rua homônima da qual origina-se. Um ensaio experimental que propõe uma nova experiência urbanística para a população de São Carlos, convertendo-se em um ponto de inflexão no processo de reabilitação do centro da cidade, capaz de tensionar modos operandi tradicionais. Como elemento principal da intervenção, tem-se o projeto em miolo de quadra, que é realizado de forma a conectar, reocupar e reapropriar espaços subutilizados do centro histórico, criando espaços mais coesos e acessíveis ao público, capazes de estimular e reformular as definições acerca do modo atual de ocupação da estrutura urbana.

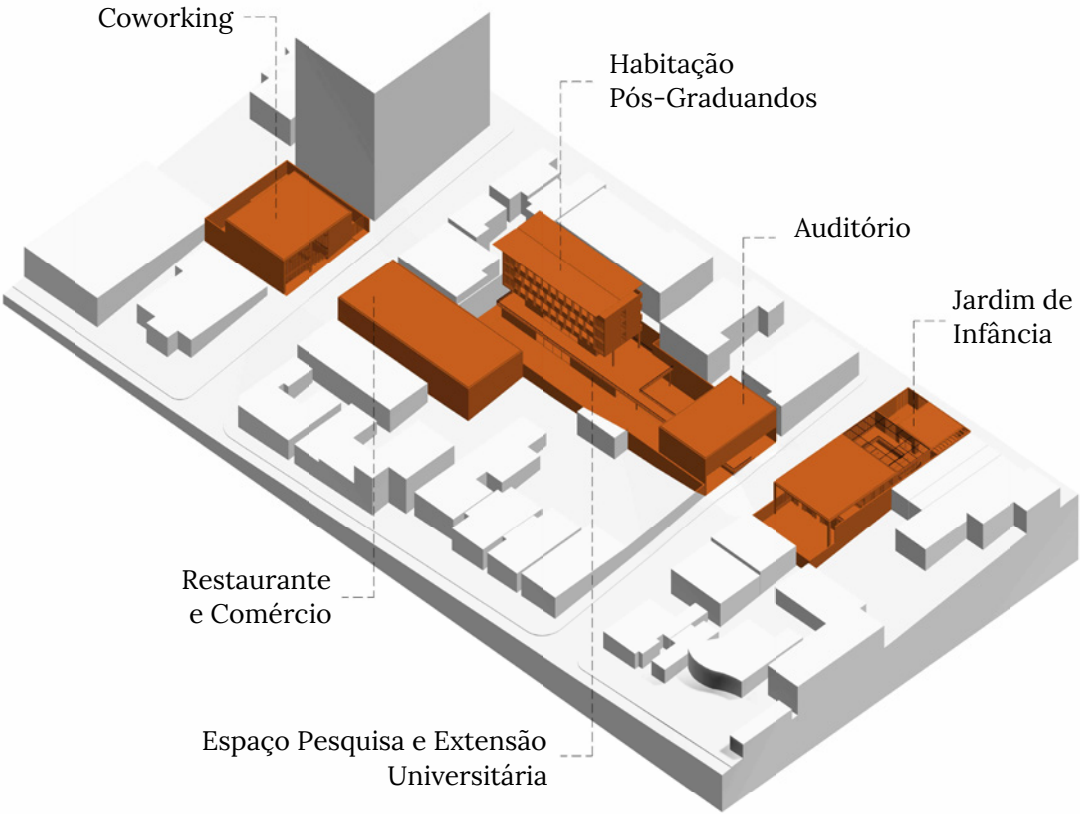
Programa

O programa de usos do Complexo 13 de Maio está pautado em atividades características de São Carlos, com um intenso caráter público de convivência e democratização, que permeia ao longo de suas três quadras. Une-se, portanto, a educação, habitação, ciência, pesquisa, desenvolvimento e tecnologia, como elementos base para uma diversificação de usos, e da formação de um espaço dinâmico, capaz de integrar pessoas e arquitetura.

Com base nas leituras urbanas de São Carlos, pode-se constatar que, segundo a compilação de dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) feita pelo SEBRAE, em São Carlos, os setores econômicos que mais empregaram em 2021 foram o Comércio Varejista (11.989), a Educação (6.846) e a Administração Pública, Defesa e Seguridade Social (4.428). De acordo com os dados da mesma fonte, dos 44.990 trabalhadores registrados com idades entre 18 e 39 anos, 4.388 trabalham como vendedores e demonstradores. Infere-se que pessoas nessa faixa etária são potencialmente pais ou responsáveis por crianças em idade pré-escolar. Olhando para o mapa de instituições de ensino, nota-se que o centro de São Carlos possui poucas escolas públicas para crianças nessa faixa etária.

Portanto, o primeiro uso pensado para o projeto é a criação de um jardim de infância para crianças de 3 anos até a idade de ingresso no ensino básico. O local poderá comportar até 75 crianças e será organizado em turnos, de forma a atender às necessidades dos trabalhadores da região que desejem buscar seus filhos após o horário de fechamento do comércio.

Já no quarteirão central do projeto, o programa será misto, com usos interligados às universidades da cidade. Entrando pela rua D. Pedro II, tem-se um volume suspenso, que é um auditório para cerca de 100 pessoas, acessível por escada ou elevador. No piso inferior, acessível por escada ou rampa, encontra-se um espaço voltado à pesquisa e extensão das universidades, com espaços para exposições, reuniões e grupos de estudos. Seguindo em direção à rua São Joaquim, foi proposto um restaurante e duas lojas de conveniência. Na entrada pela rua São Joaquim também é possível acessar a garagem subterrânea. O núcleo de escadas e elevador é comum ao prédio de habitação.



O piso no nível da rua D. Pedro II também dá acesso a um terraço público, com um generoso espaço para eventos, e ao hall de entrada do prédio de habitação. Esta edificação contém 12 unidades de aproximadamente 50m², sendo 4 por pavimento, com uma varanda comum. É direcionada a pós-graduandos e suas famílias, possuindo um terraço na cobertura para propiciar sociabilidades e aproveitar do potencial altimétrico da região, com vista para a baixada de São Carlos. Não obstante, é importante mencionar que a inserção de núcleos universitários no centro da cidade é pensada de forma a criar um diálogo com a população em geral, para aumentar a afinidade desta com a produção científica.

Por fim, a oeste da rua São Joaquim, foi proposto um espaço de coworking. O programa relaciona-se com a presença de outros locais de uso similar, potencializando a criação de espaços de trabalho que permitam a interação entre profissionais. A presença de um programa voltado a profissionais ao lado de um local voltado a universitários é uma estratégia de aproximação de ambas esferas, que unidas são capazes de proporcionar novas descobertas, tecnologia e inovação.

Implantação

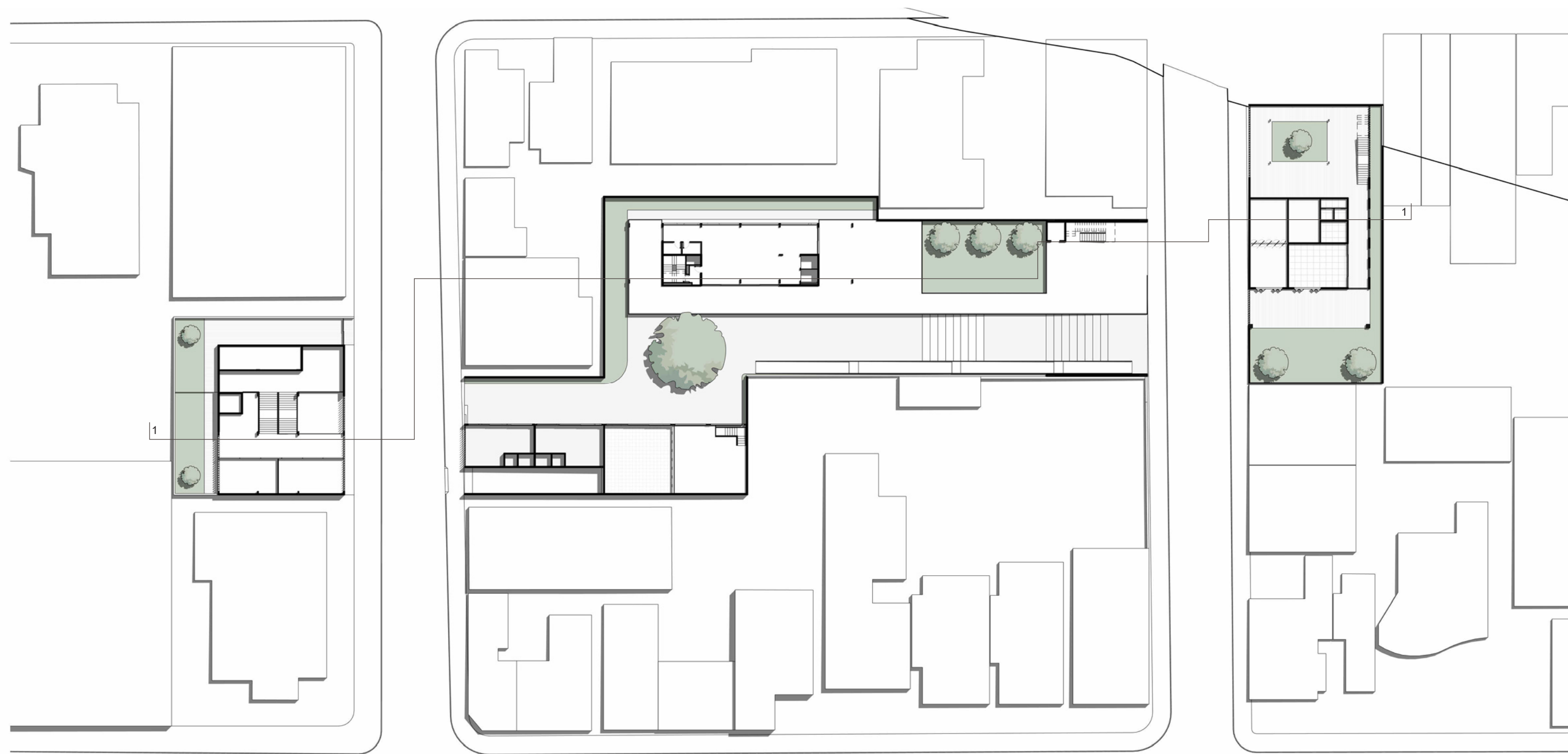
Através de um percurso que relacione elementos urbanos de diferentes temporalidades, o projeto busca quebrar a rigidez da malha urbana da cidade, criando um espaço fluido e democrático em miolo de quadra, valorizando as características topográficas da região.





Vista da Rua Jesuino de Arruda

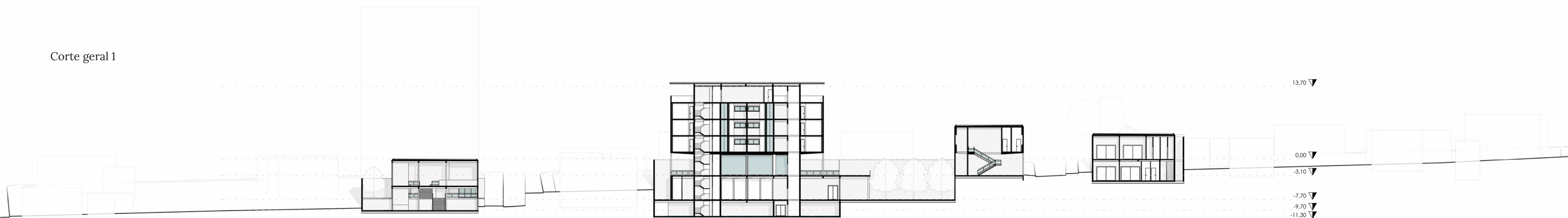
Planta geral (Nível -3,10)



Escala
1:500



Corte geral 1



13.70 ▼

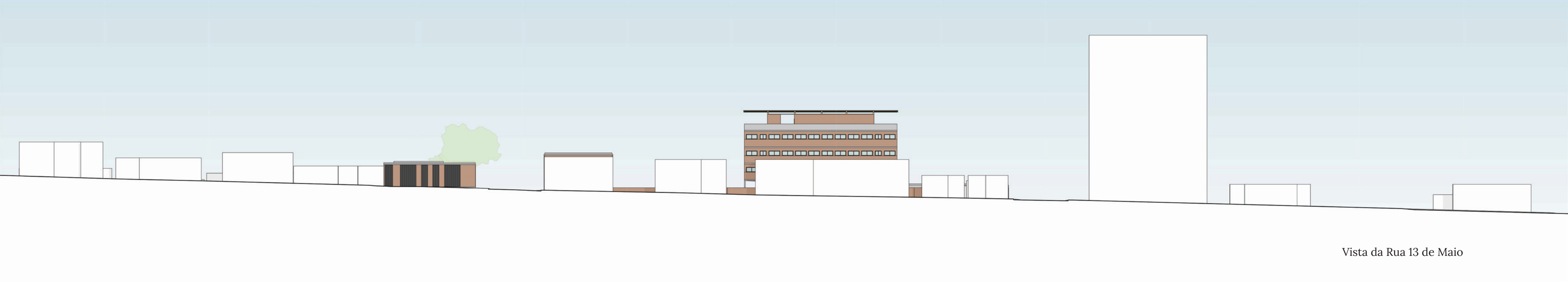
0.00 ▼

-3.10 ▼

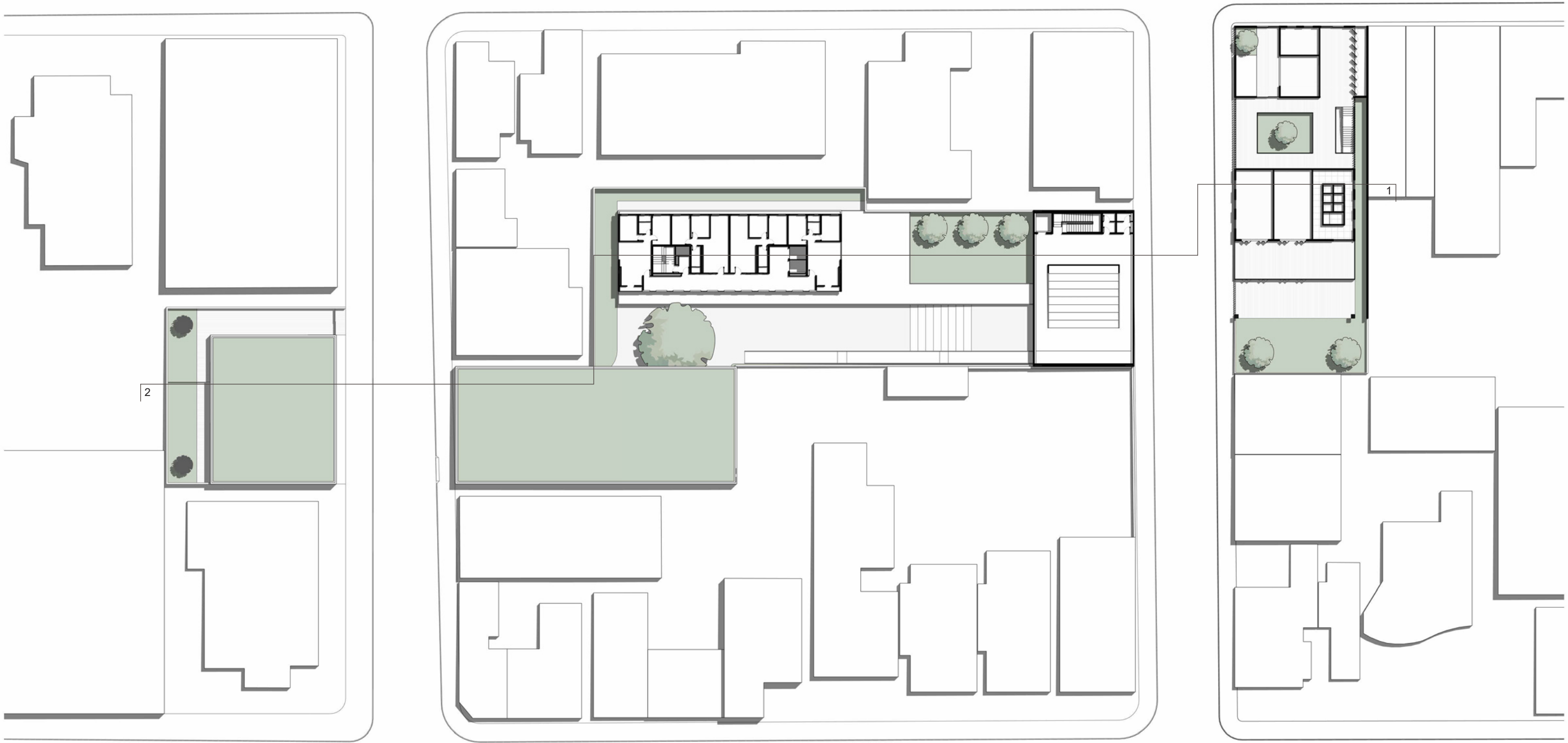
-7.70 ▼

-9.70 ▼

-11.30 ▼



Planta geral (Nível 0,00)



Corte geral 2



Jardim de Infância

Fachada Rua 13 de Maio



Escala
1:100

Jardim de Infância

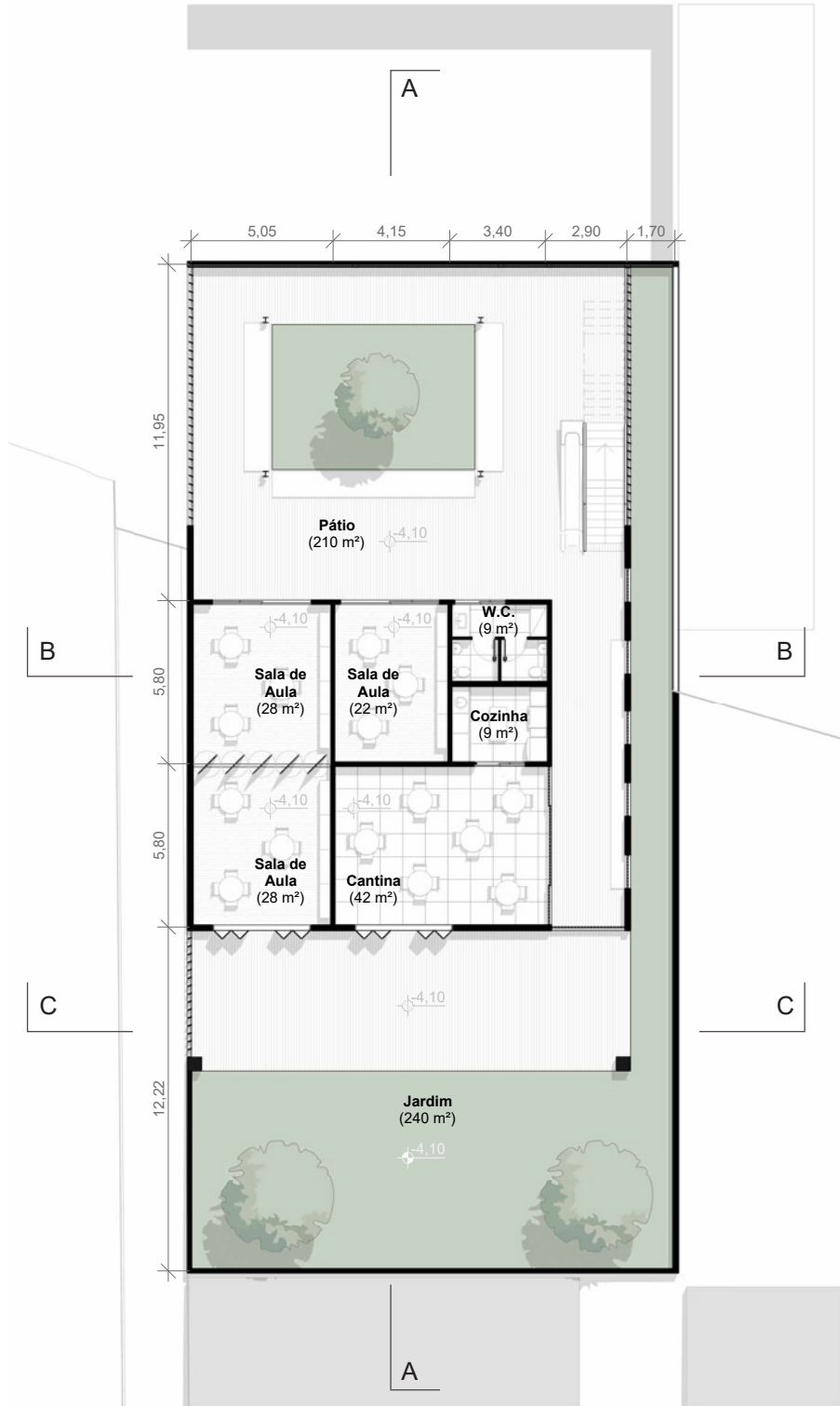
Fachada Rua Dom Pedro II



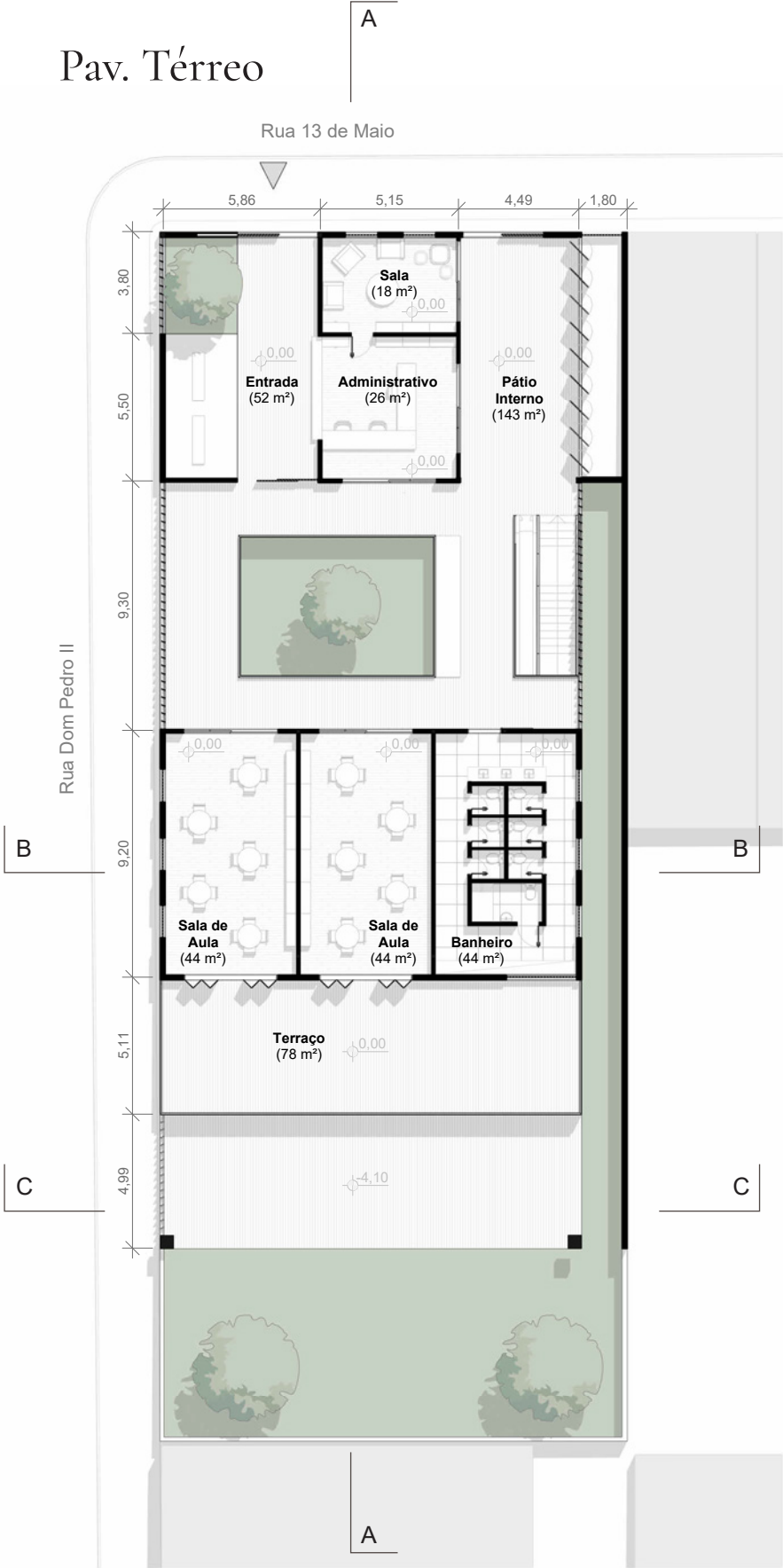
Escala
1:100

Jardim de Infância

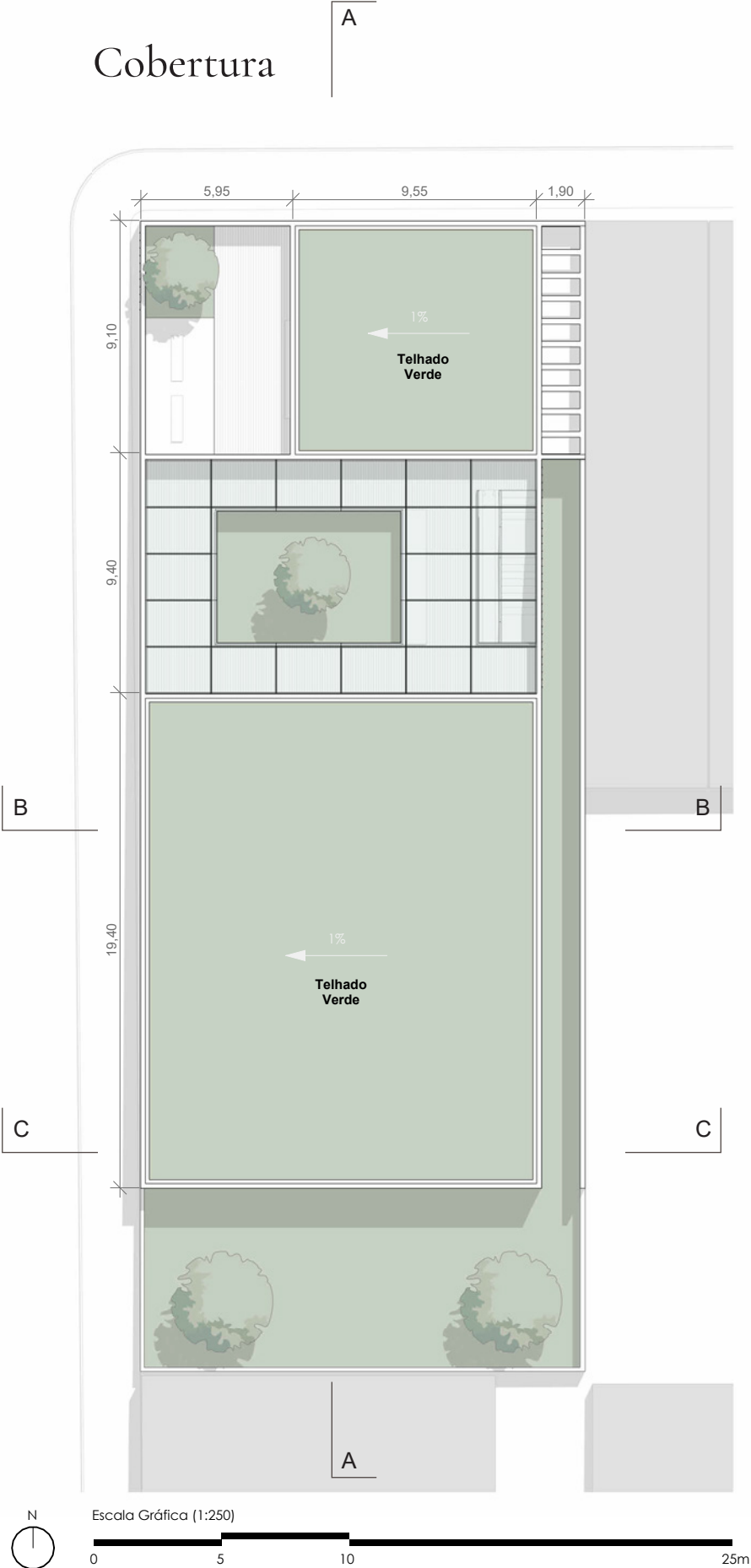
Pav. Inferior



Pav. Térreo



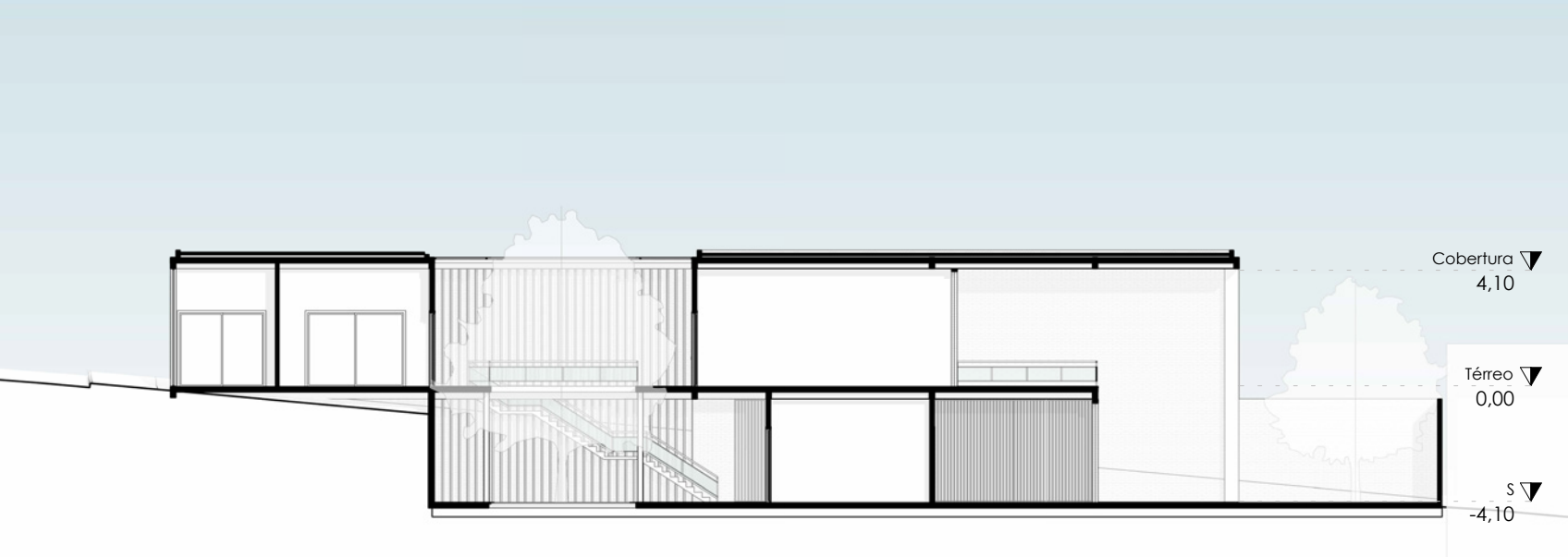
Cobertura



Jardim de Infância

Cortes

Corte AA



Corte BB



Corte CC



Jardim de Infância



Vista da esquina da Rua D. Pedro II
com a Rua 13 de Maio



Vista do jardim no pav. inferior

Jardim de Infância



Vista do pátio interno no pav. térreo



Vista do pátio no pav. inferior

Complexo

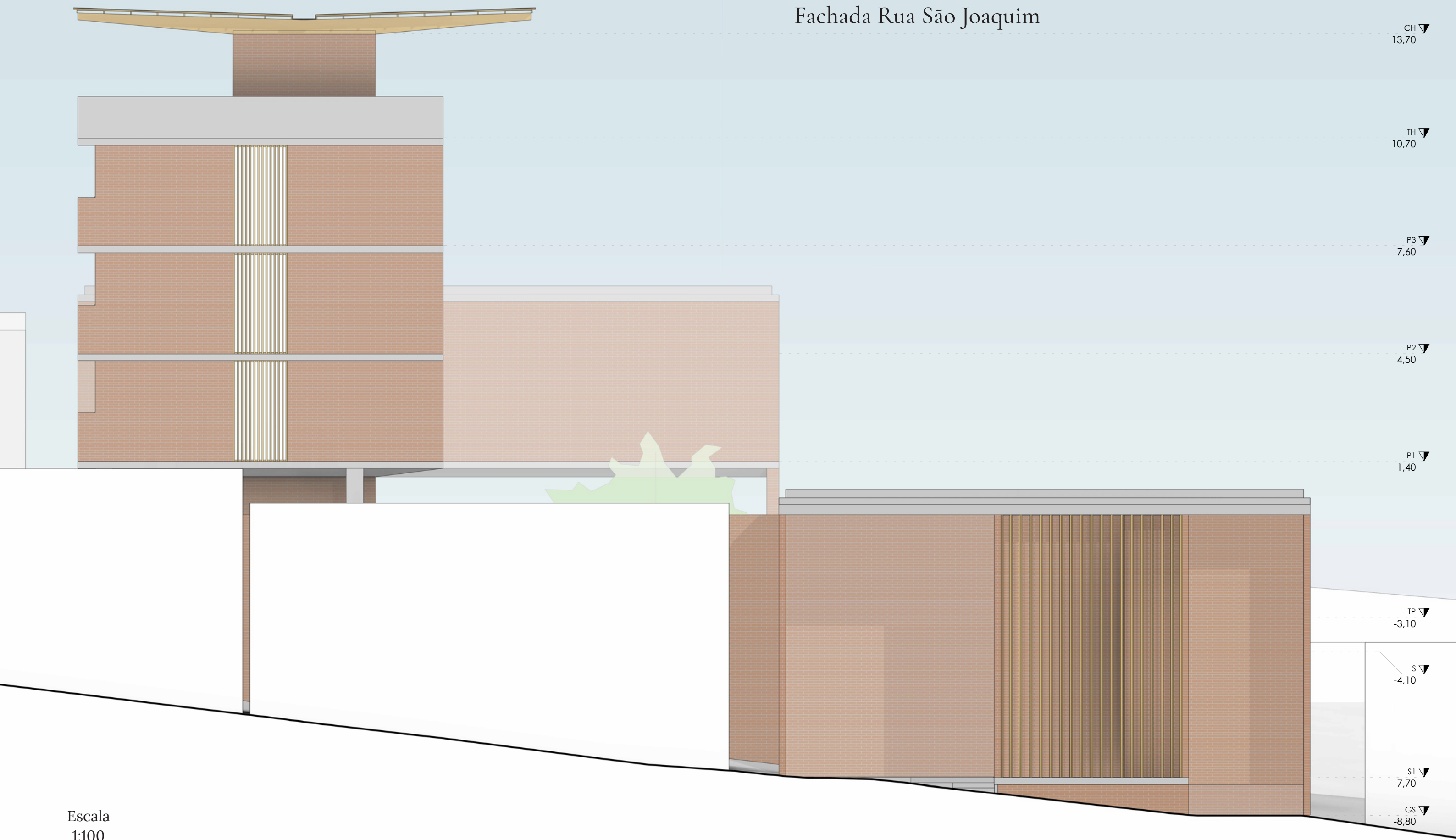
Fachada Rua Dom Pedro II



Escala
1:100

Complexo

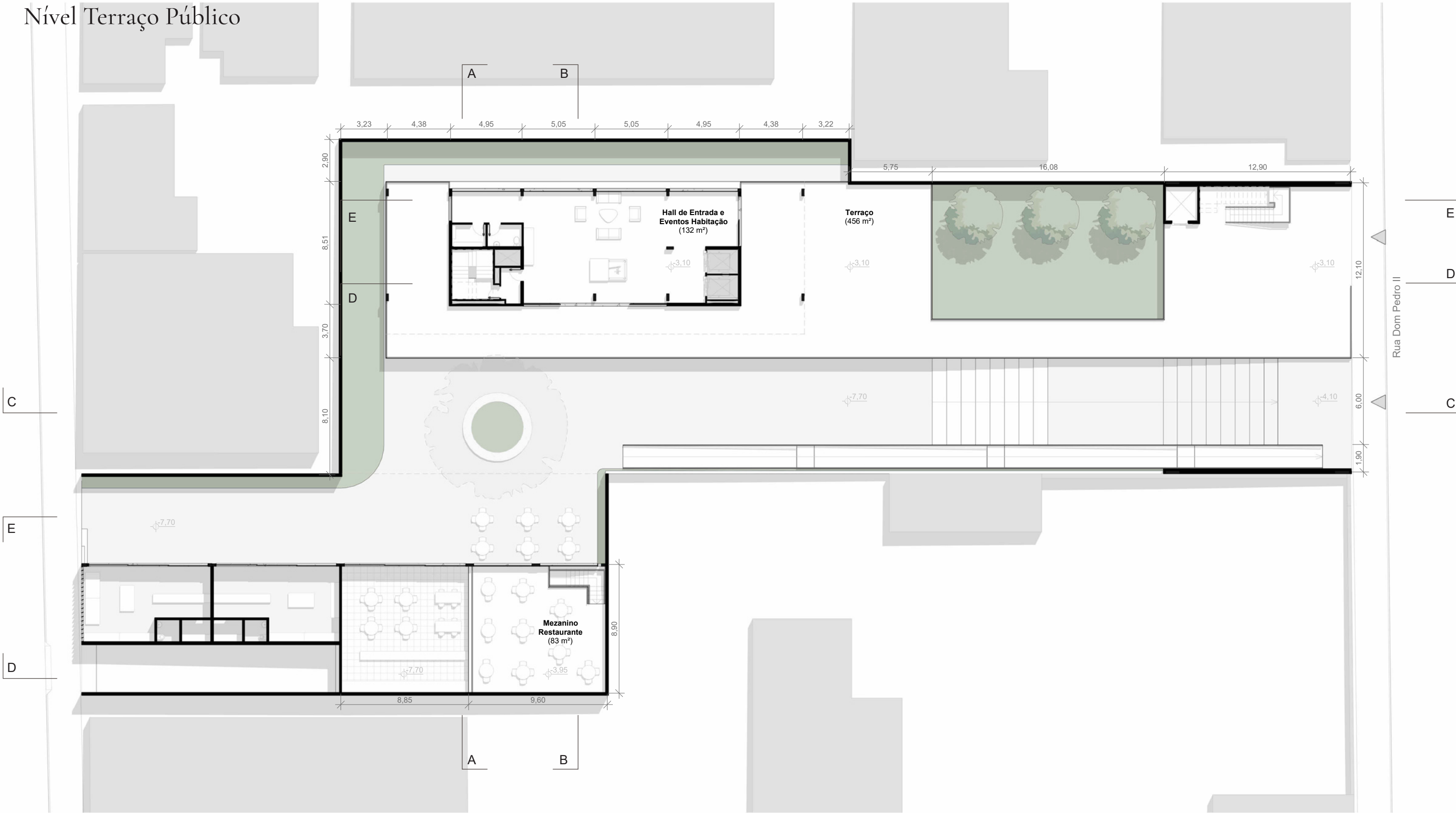
Fachada Rua São Joaquim



Escala
1:100

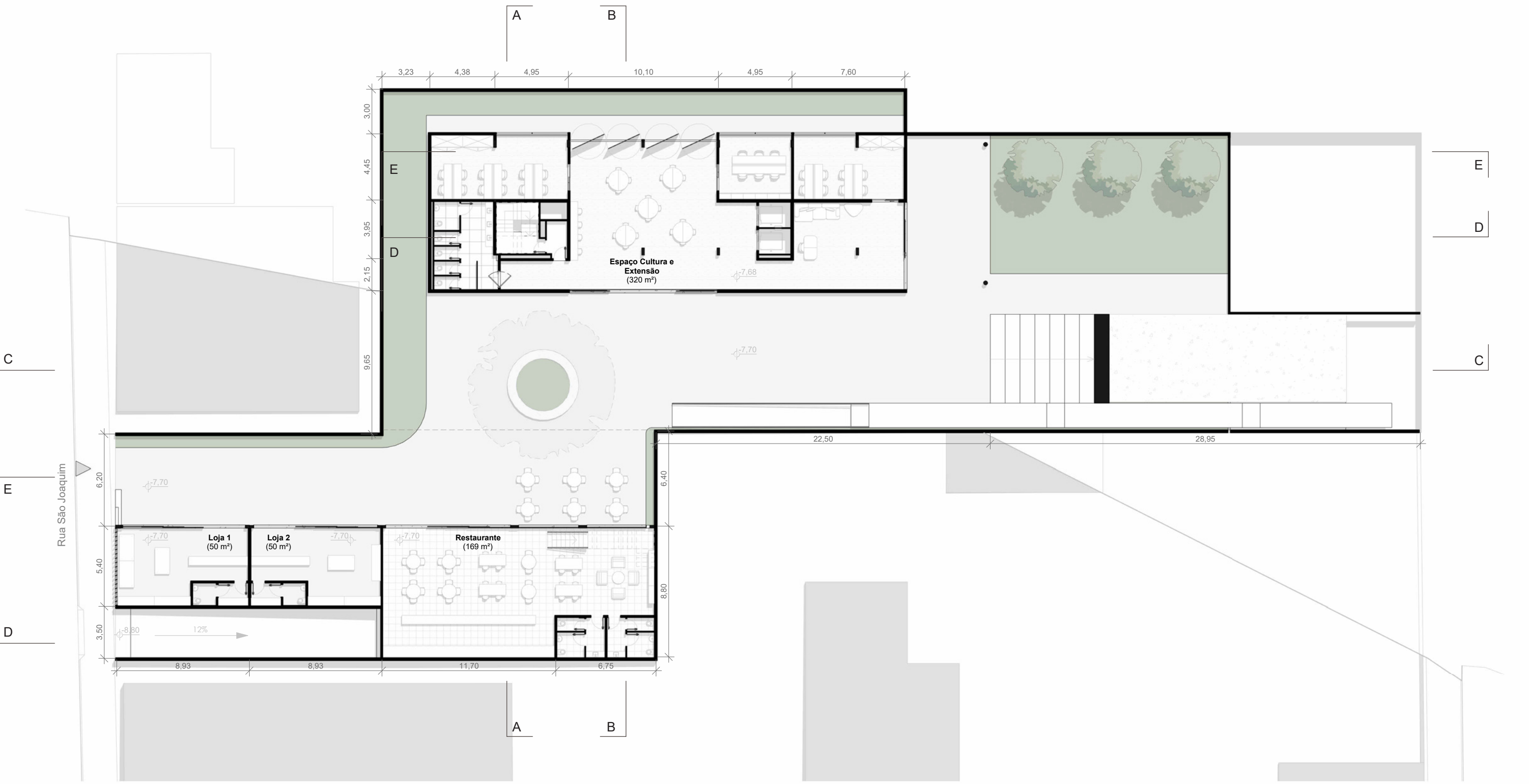
Complexo

Nível Terraço Público



Complexo

Nível Inferior



Complexo

Garagem Subterrânea

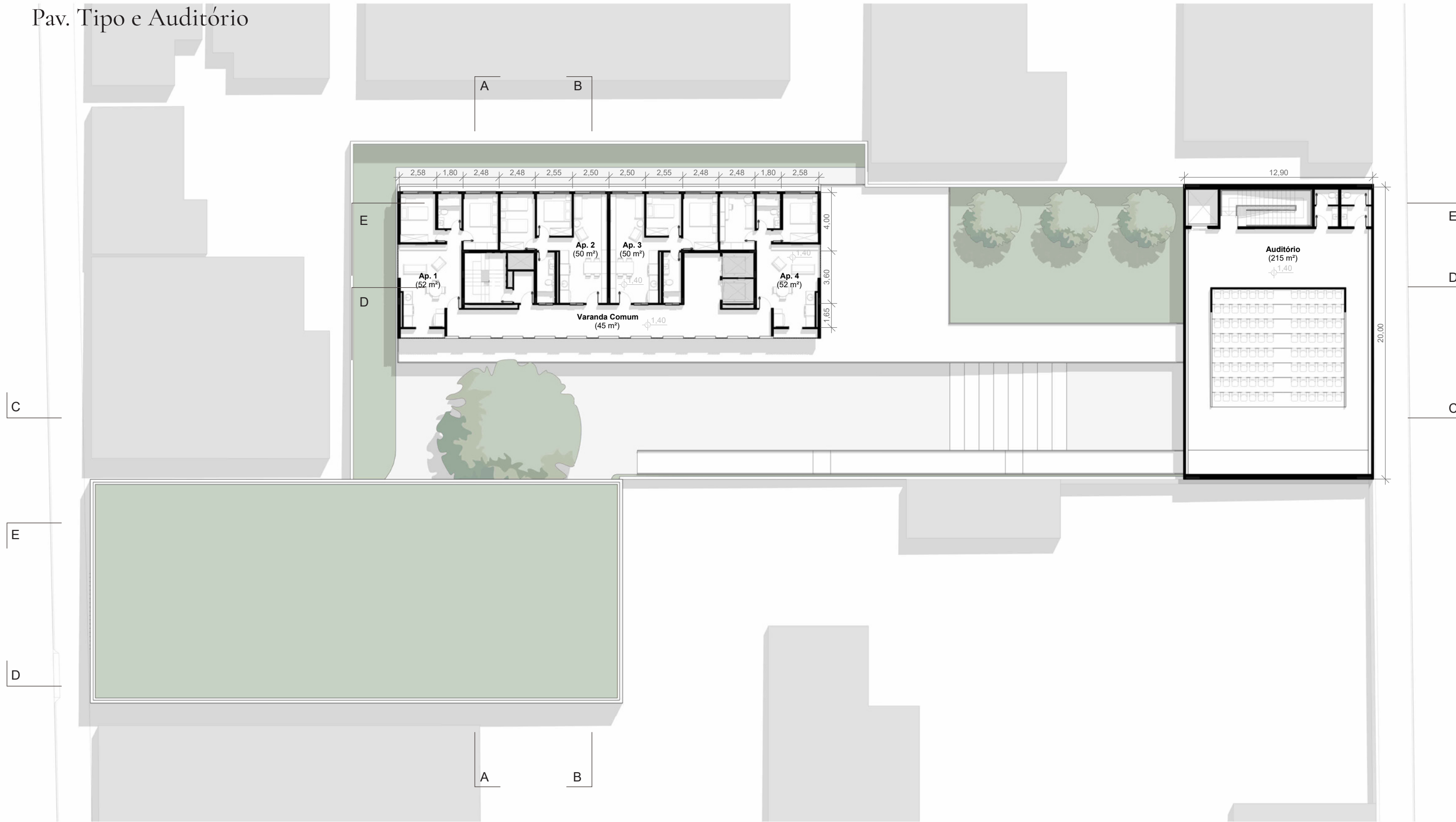


Escala Gráfica (1:250)



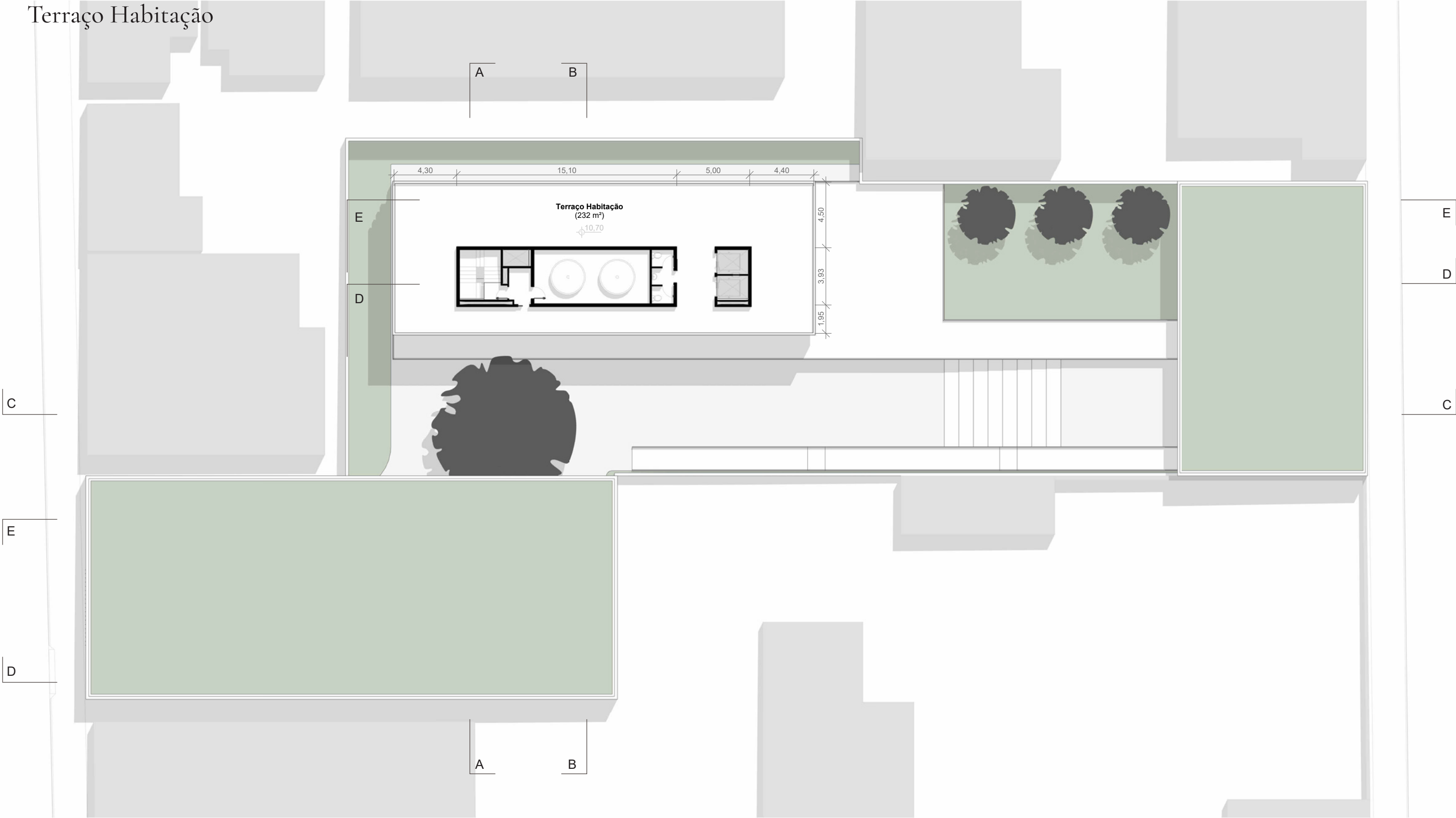
Complexo

Pav. Tipo e Auditório



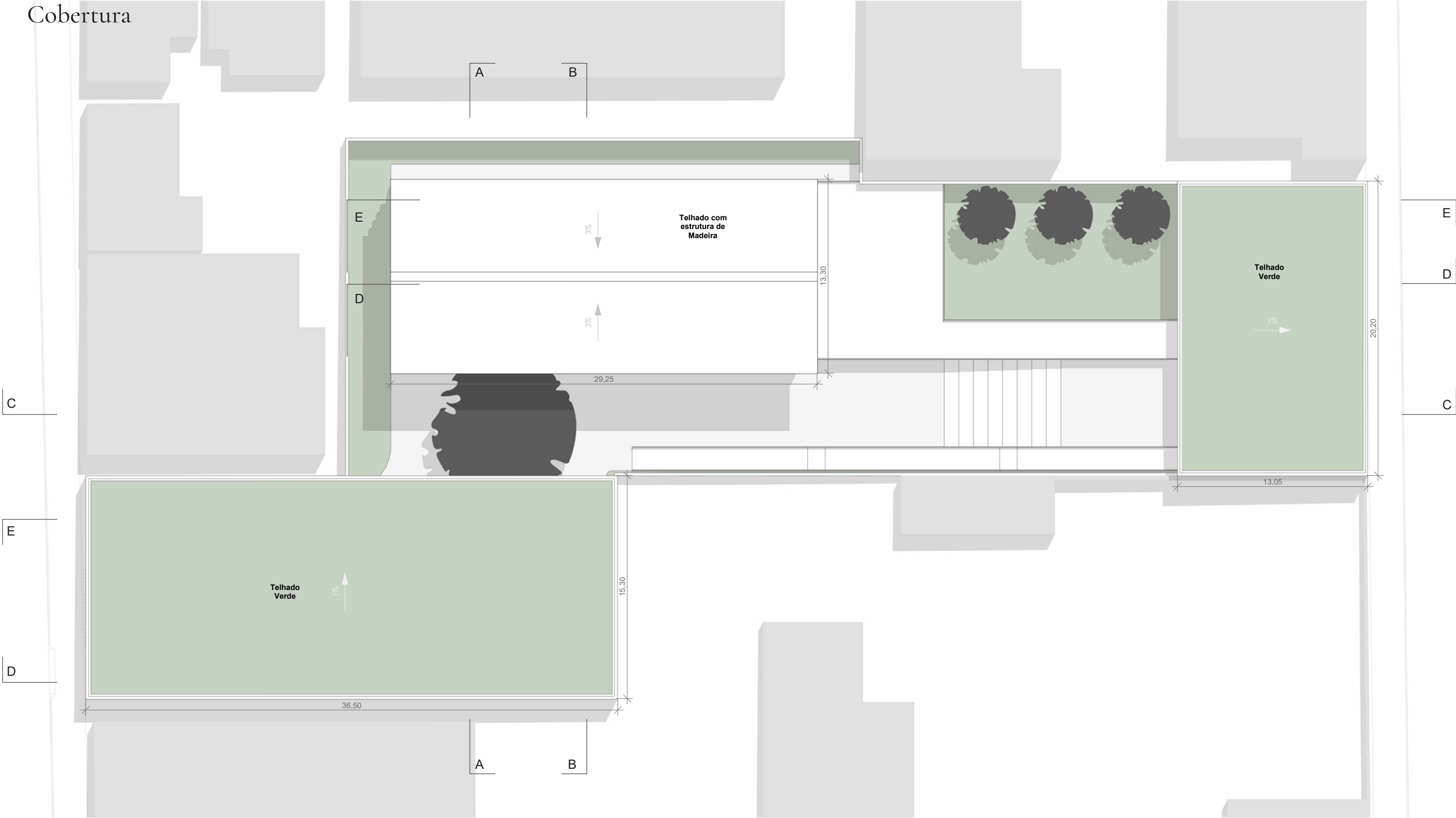
Complexo

Terraço Habitação



Complexo

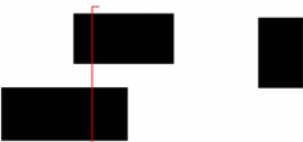
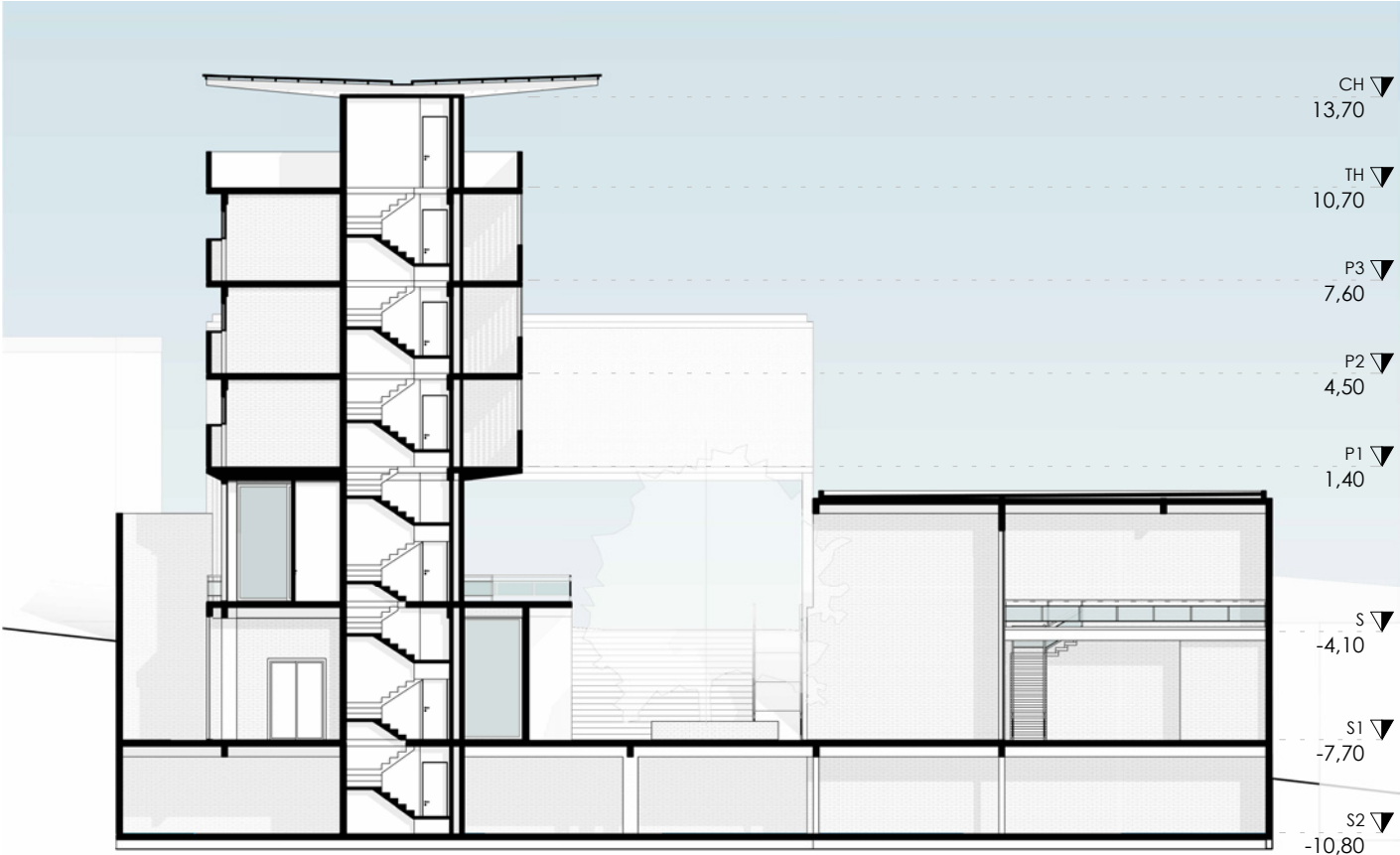
Cobertura



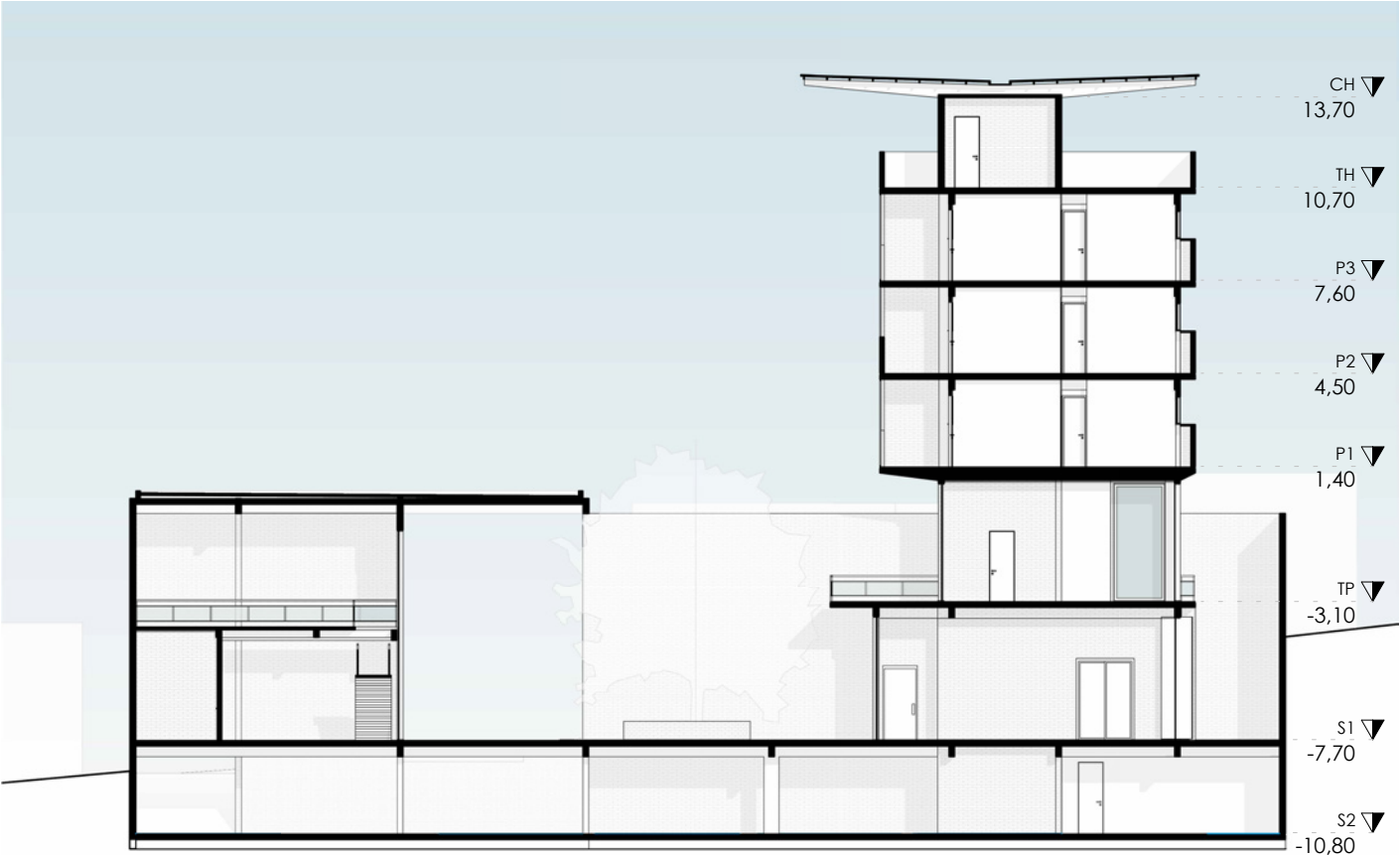
Complexo

Cortes Transversais

Corte AA



Corte BB



Complejo

Corte Longitudinal

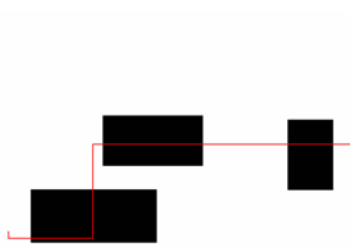
Corte CC



Complejo

Corte Longitudinal

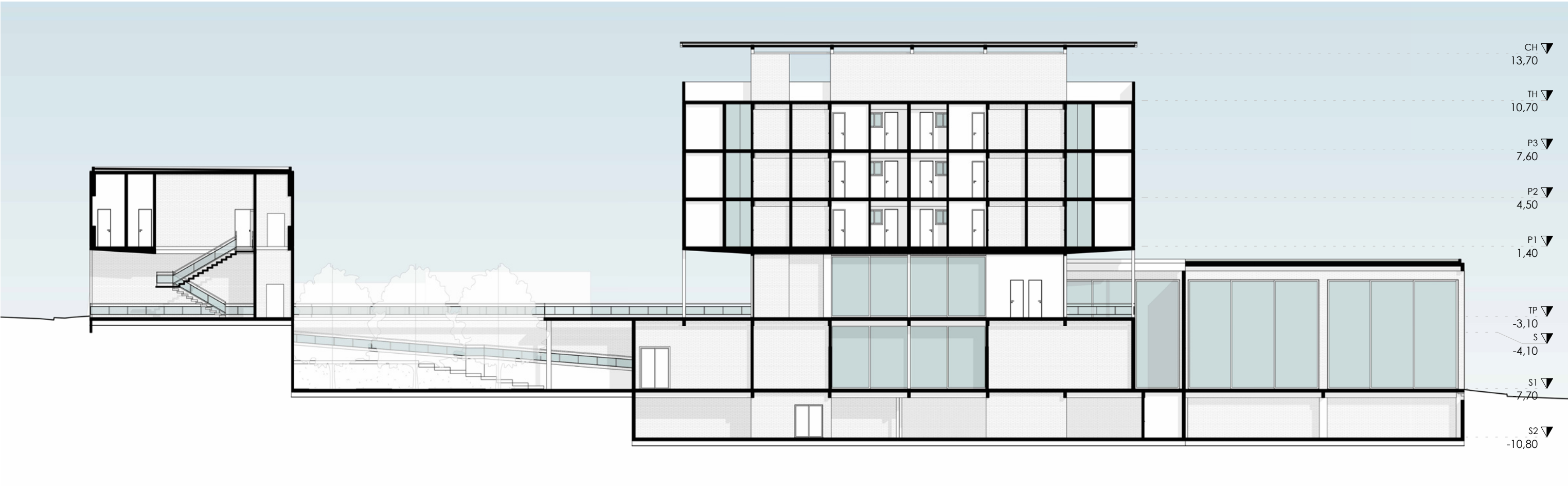
Corte DD



Complejo

Corte Longitudinal

Corte EE



Complexo



Vista da Rua D. Pedro II



Entrada da Rua D. Pedro II

Complexo



Vista do pav. inferior, a nível da rua S. Joaquim



Vista para o restaurante

Complexo



Vista da Rua S. Joaquim



Vista do edifício de habitação

Complexo



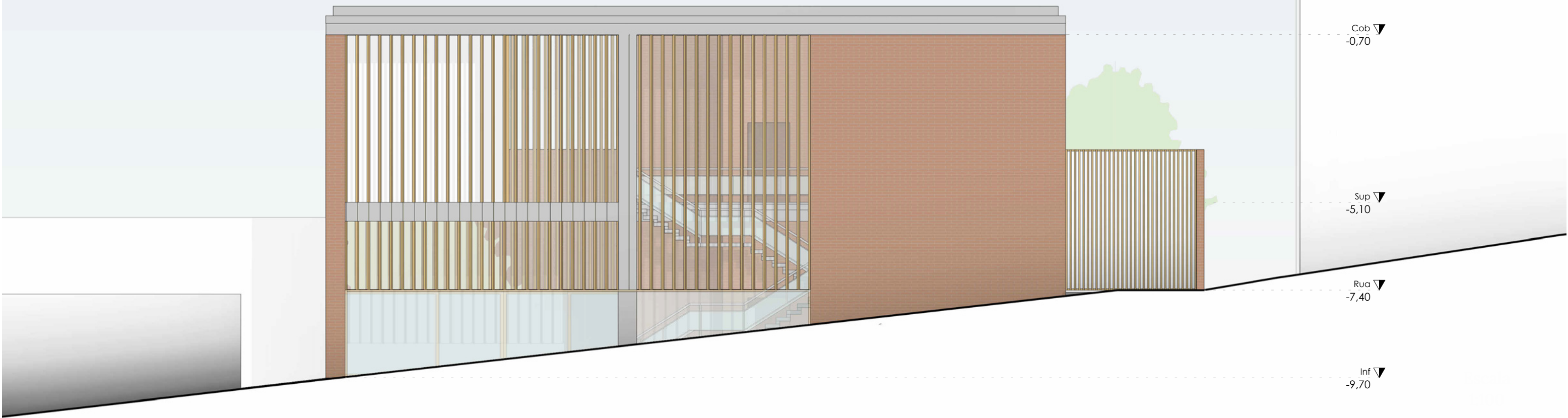
Interior do apartamento tipo 3



Interior do apartamento tipo 4

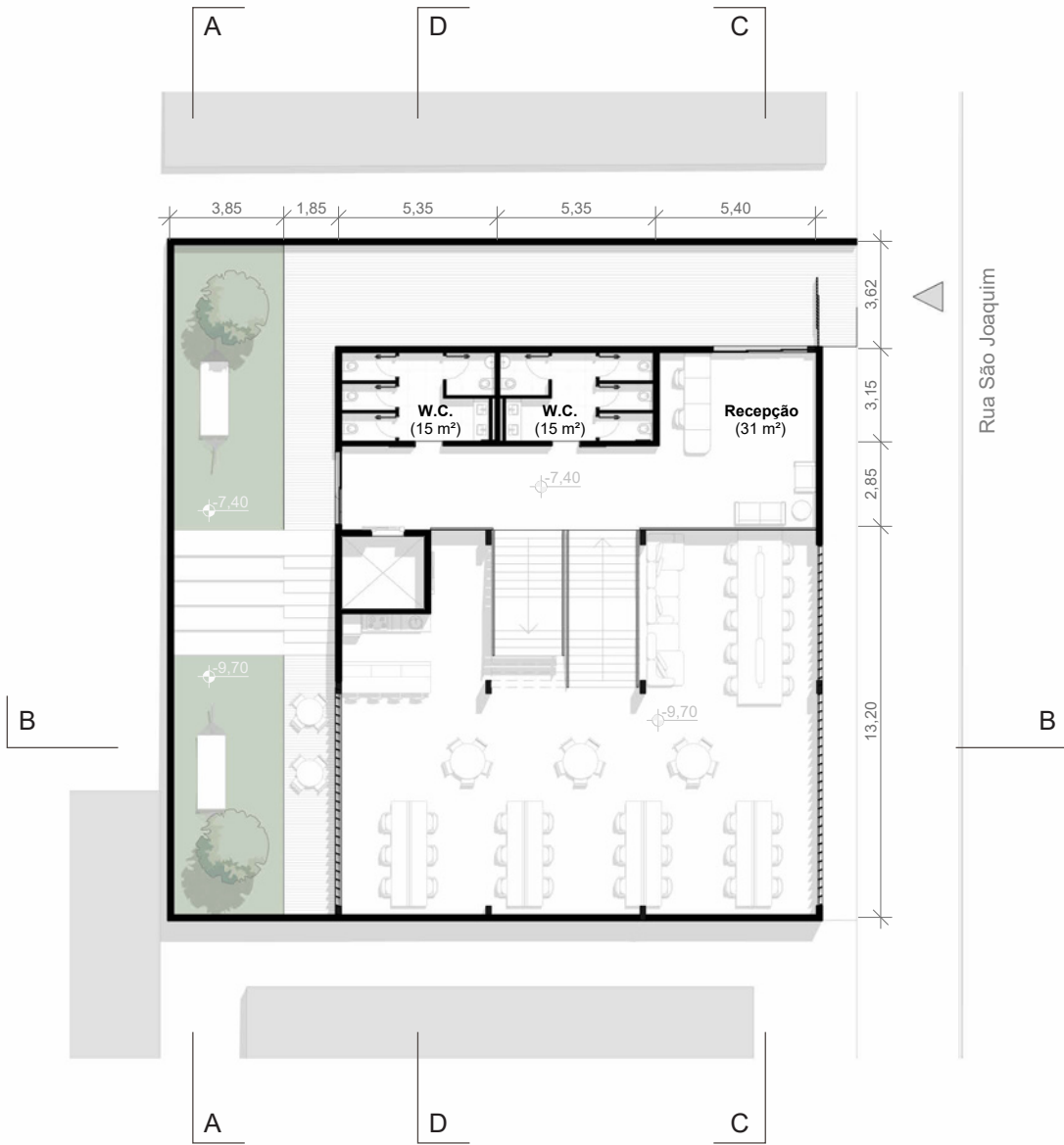
Coworking

Fachada Rua São Joaquim

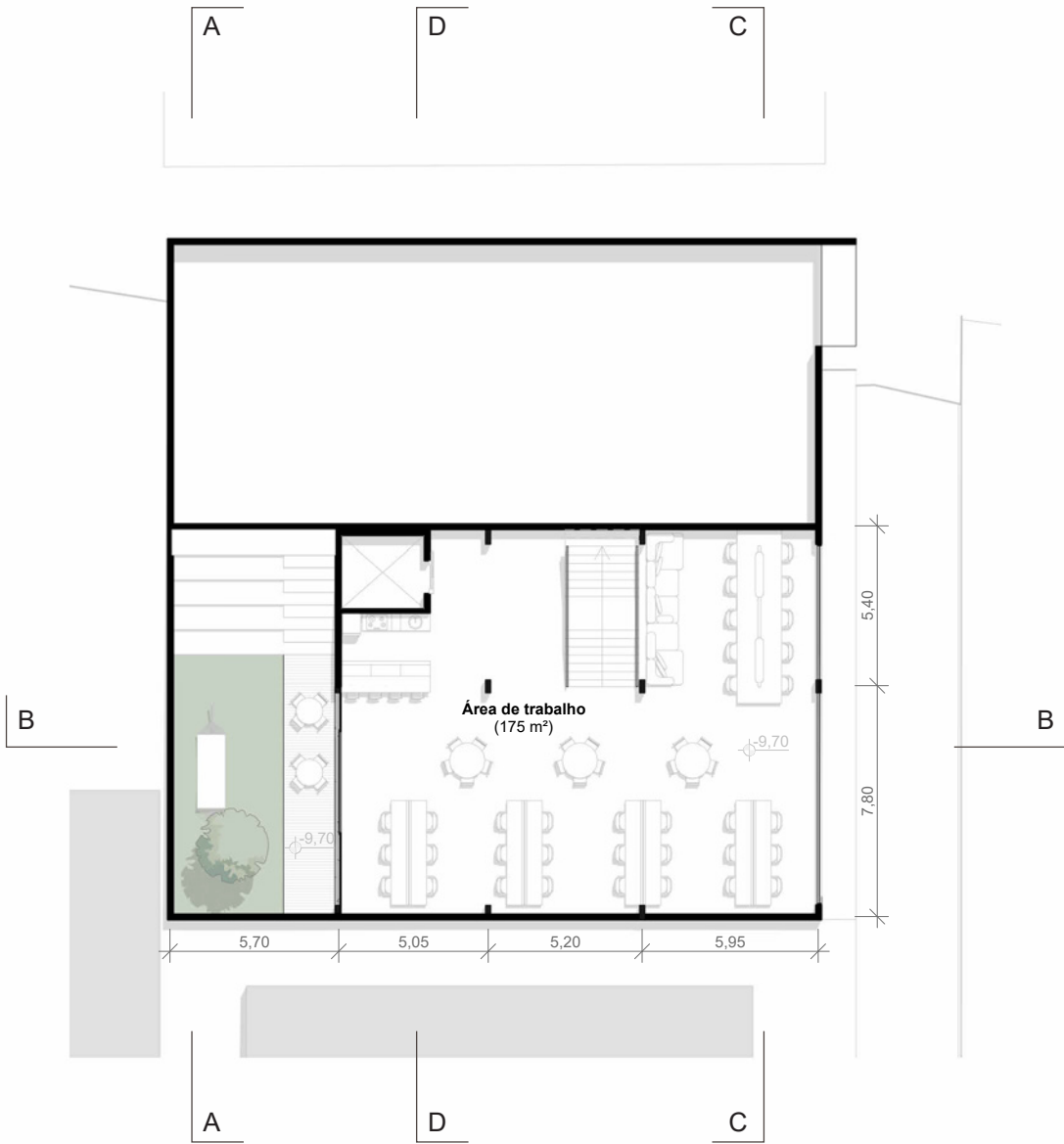


Coworking

Pav. Térreo

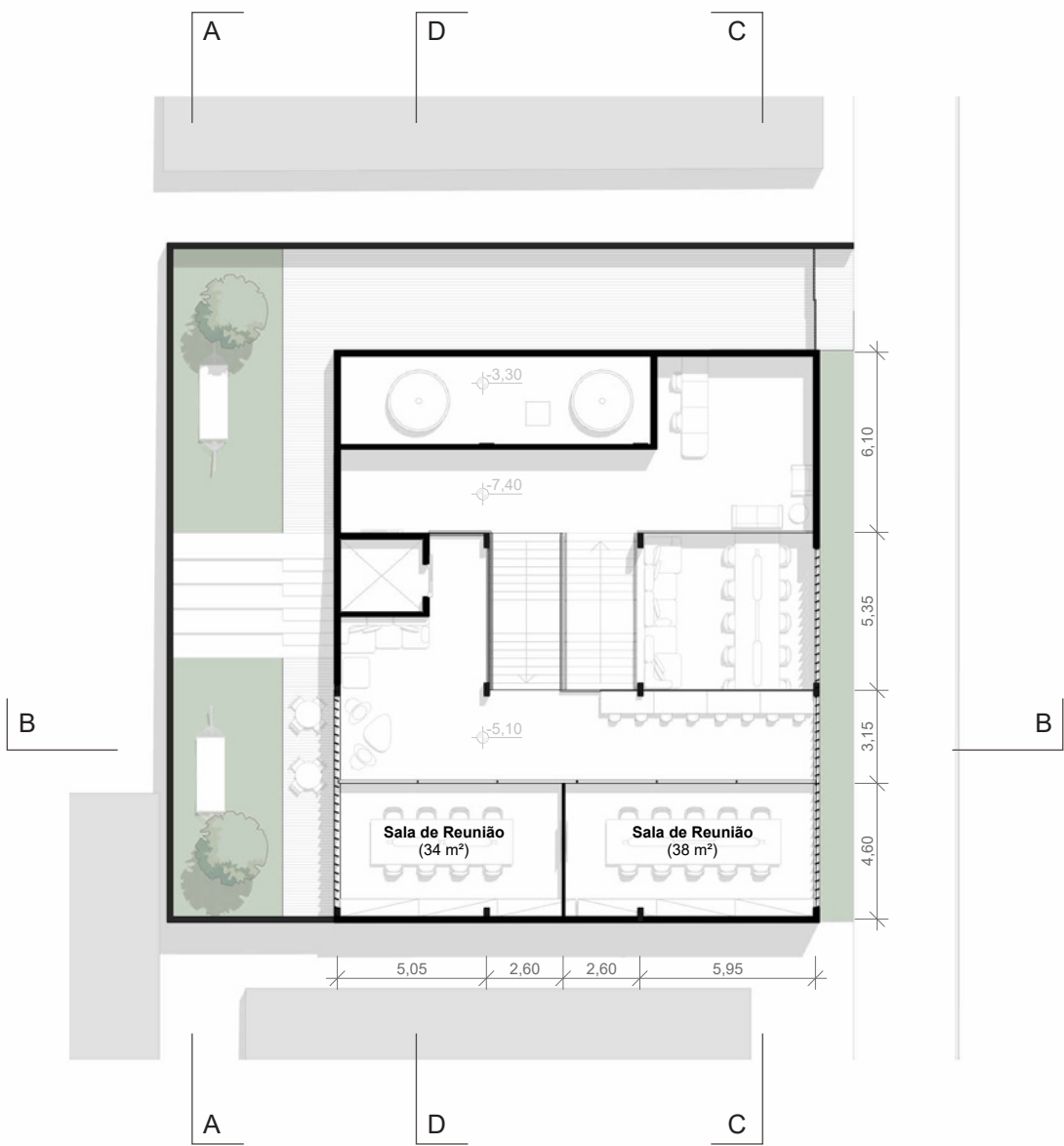


Pav. Inferior

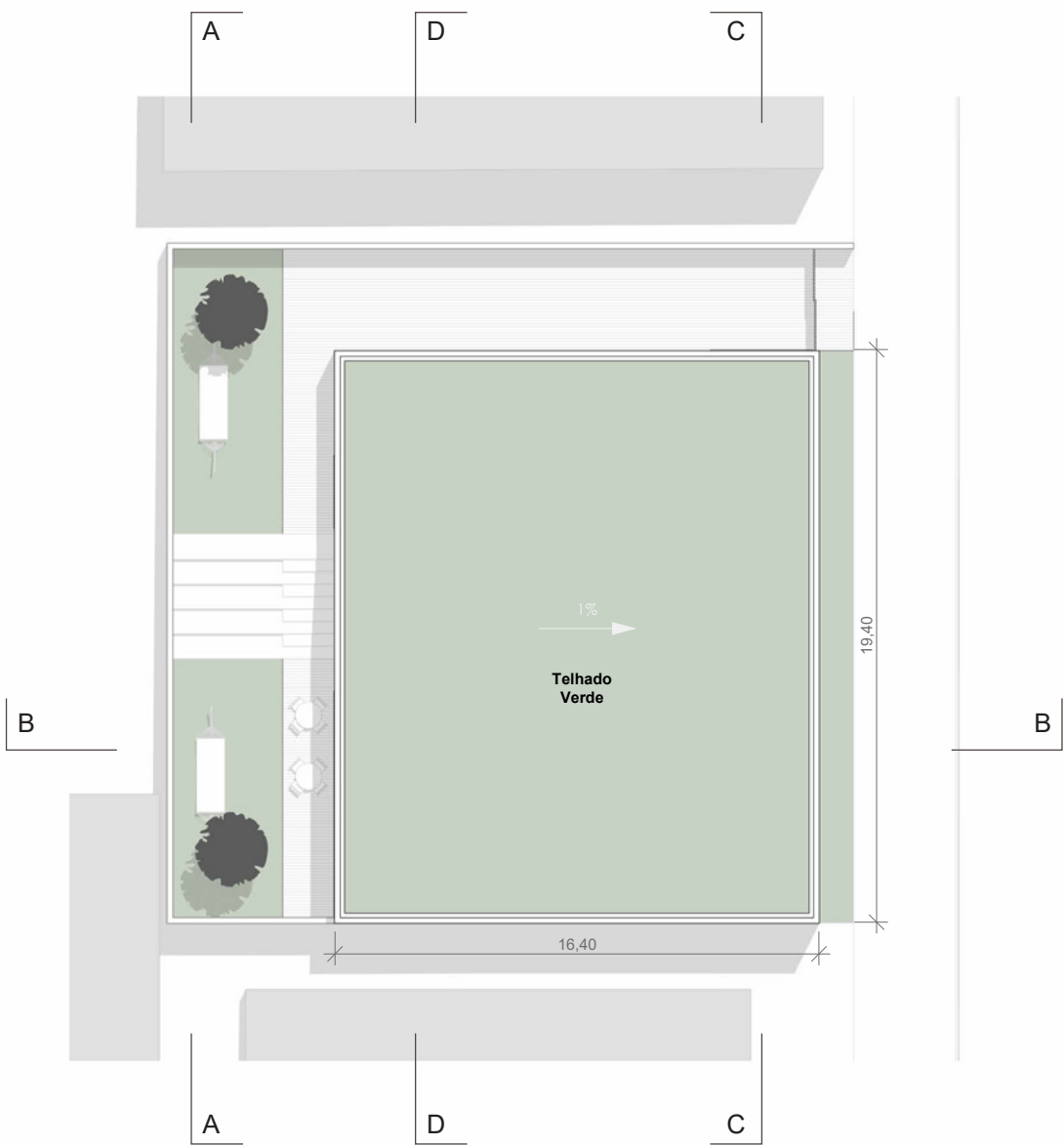


Coworking

Pav. Superior



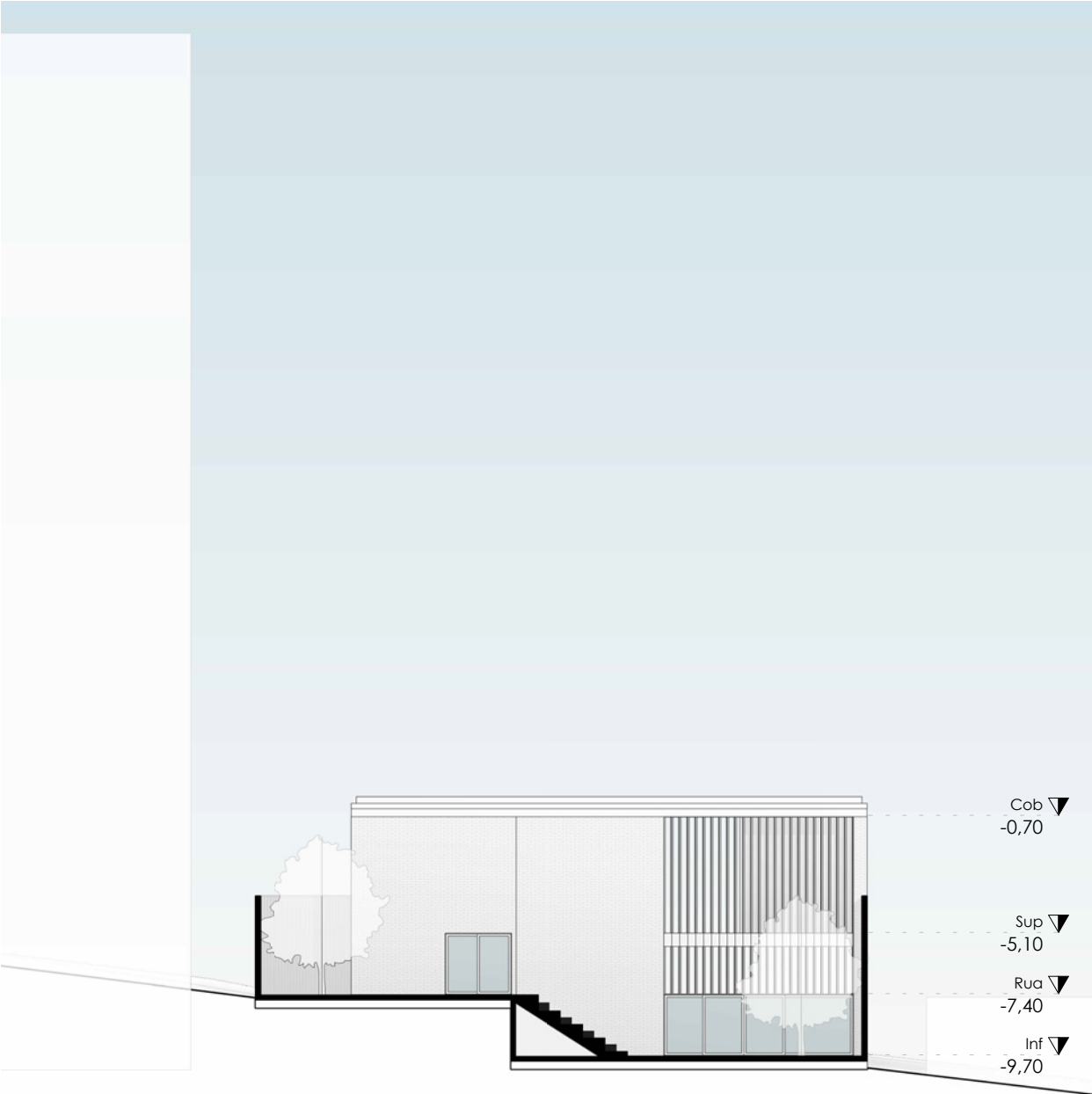
Cobertura



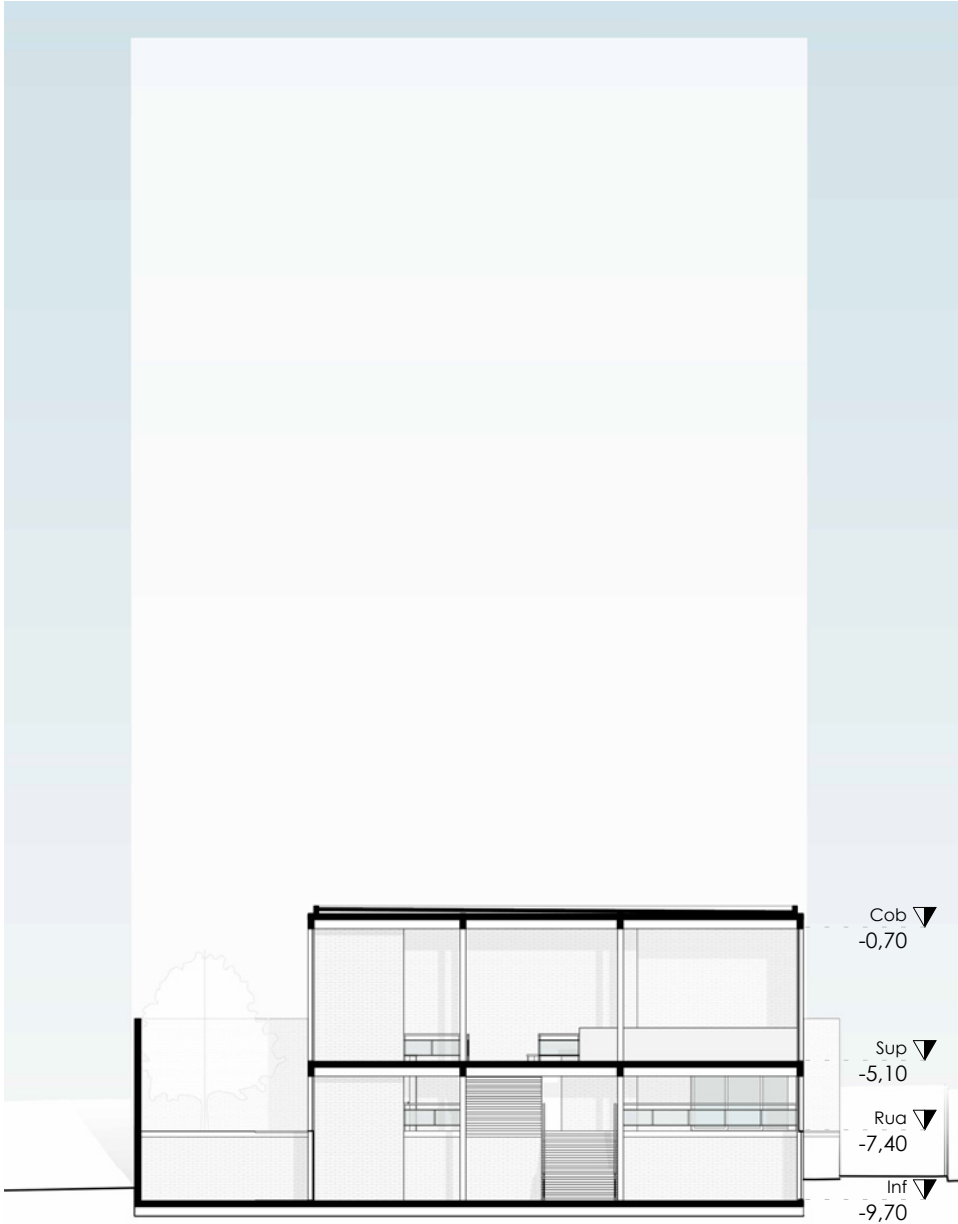
Coworking

Cortes

Corte AA



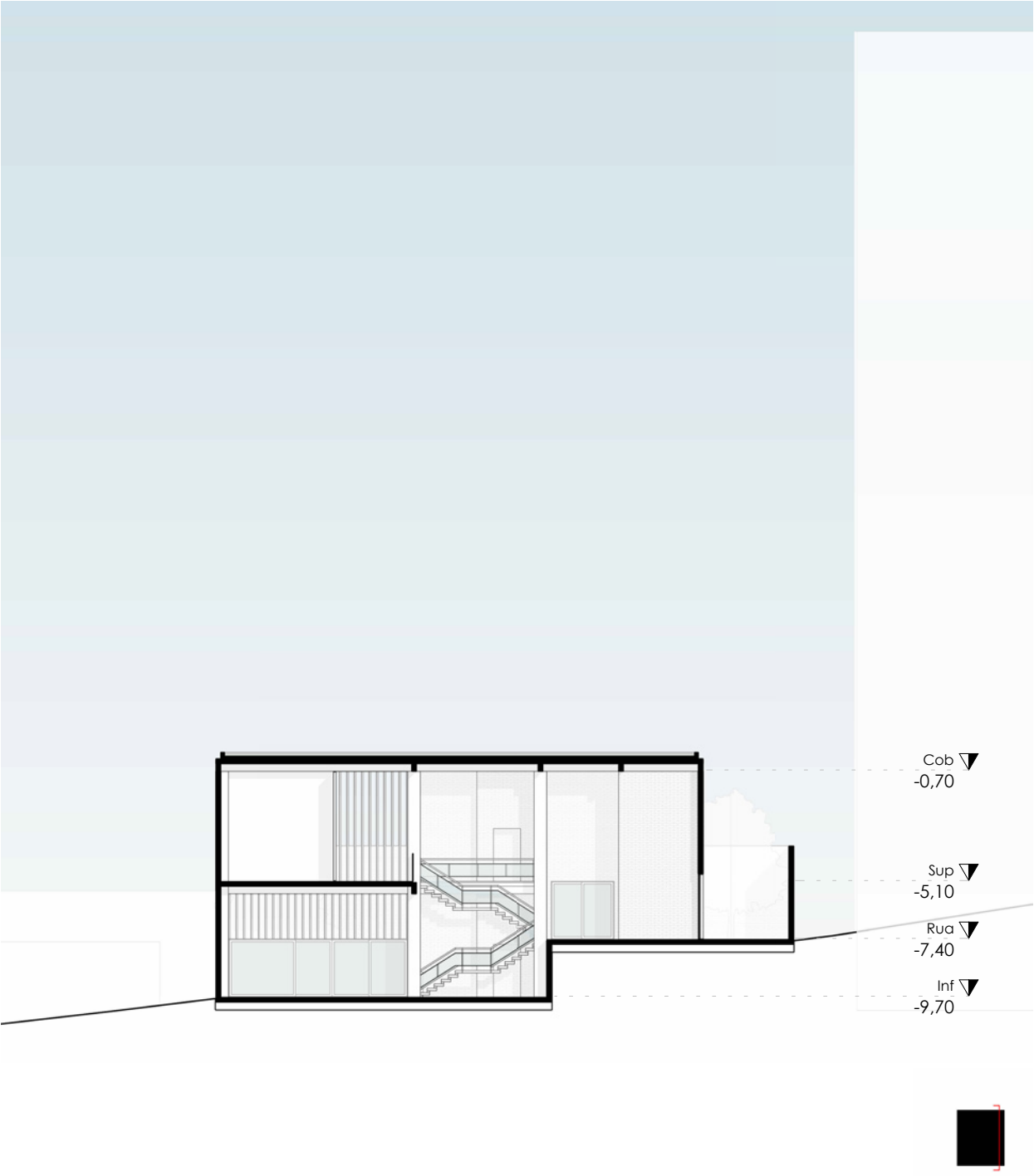
Corte BB



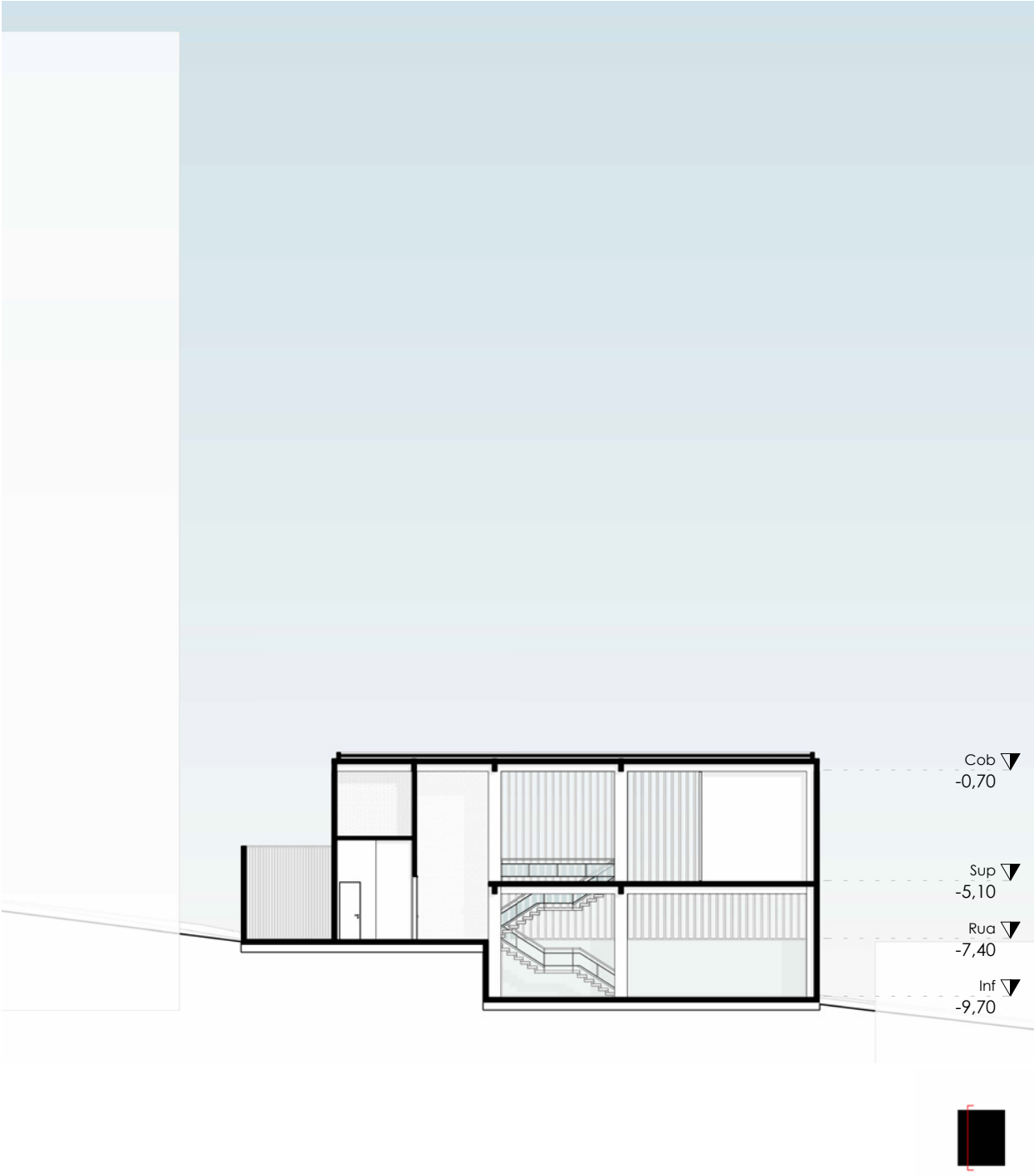
Coworking

Cortes

Corte CC



Corte DD



Coworking



Vista da Rua S. Joaquim



Vista da área externa aos fundos

Coworking



Vista do pav. térreo



Vista do pav. inferior



Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo analisar a região central de São Carlos, com foco na delimitação de uma área de interesse para a proposição de um projeto arquitetônico. A partir da compilação de dados obtidos por meio de leituras urbanas e pesquisa de campo, foi possível constatar as características e peculiaridades da área de projeto, bem como as possibilidades de uso e ocupação do solo.

O projeto proposto visa atender às demandas de um centro urbano dinâmico, com grande movimentação comercial e de serviços, além de buscar a preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural da região. A criação de um jardim de infância, a oferta de espaços para pesquisa e extensão universitárias, a construção de habitações para pós-graduandos e a criação de um espaço de coworking são alguns dos programas pensados para o projeto.

Por meio da referência projetual da Praça das Artes, em São Paulo, buscou-se inspiração para trabalhar com os espaços vazios e subutilizados em miolo de quadra, a valorização do patrimônio edificado, a diversidade de usos e a democratização do espaço urbano.

Portanto, o projeto apresentado neste trabalho visa contribuir para o desenvolvimento urbano e social da região central de São Carlos, oferecendo soluções que atendam às necessidades dos moradores e visitantes, bem como preservando e valorizando a história, memória e a cultura da cidade.



Referências Bibliográficas

BOAVENTURA, C. R. **Aldo Rossi: razão e poesia. Tipo, símbolo e tempo na arquitetura.** 2019. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BOGONI, B. **Eduardo Souto de Moura. Architettura sulla Storia.** Mantova: Tre Lune, 2022.

BORTOLUCCI, A. M. P. C. S.; LEMOS, C. A. C. **Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro.** Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

BRAGA, C.; MASSARÃO, L. M. **Calendário das Memórias São-Carlenses.** São Carlos: FPMSC, 2022.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio.** Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana.** Lisboa: Edições 70, 1996.

FAUSTINO, A. S. *et al.* **Análise de potencialidades dos espaços livres de São Carlos (SP) na composição de um sistema.** 2016, Anais.. São Paulo: Universidade de São Paulo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU, 2016.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS – FPMSC. **Fogo e vapor: aspectos da história de São Carlos a partir da ferrovia.** São Carlos: FPMSC, 2017.

GEHL, J. **Cidade para Pessoas.** Tradução de Anita Di Marco, 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** Tradução de Carlos S. Mendes Rosa, 3ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LIMA, R. P. **O processo e o (des) controle da expansão urbana de São Carlos (1857-1977).** Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

MANO, M. **Os campos de Araraquara : um estudo de história indígena no interior paulista.** Tese de doutorado em Ciências Sociais - Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP : [s.n.], 2006.

NEVES, A. P. **São Carlos Na Esteira do Tempo** / Texto de Ary Pinto das Neves; Ilustrações de Julio Bruno. São Carlos: EdUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 2000.

SANTOS, M. **O tempo nas cidades.** Coleção Documentos, série Estudos sobre o Tempo, fascículo 2, 2001.

VILLAÇA, Flávio. **O Espaço Intra-urbano no Brasil.** Studio Nobel. São Paulo, Brasil, 1998.

